

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
DEPARTAMENTO DE LETRAS – PÓS-GRADUAÇÃO

Michele Denise da Silva

**UM ESTUDO DE “UM BELO DIA” NA PERSPECTIVA DA GRAMÁTICA DE
CONSTRUÇÕES**

GOIÂNIA

2017

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR AS TESES E DISSERTAÇÕES ELETRÔNICAS NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

1. Identificação do material bibliográfico: Dissertação Tese

2. Identificação da Tese ou Dissertação

Nome completo do autor: Michele Denise da Silva

Título do trabalho: "Um estudo de "um belo dia" na perspectiva da gramática de construções"

3. Informações de acesso ao documento:

Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO¹

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do (s) arquivo(s) em formato digital PDF da tese ou dissertação.



Assinatura do (a) autor (a)

Data: 06 / 03 / 2017

¹ Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à coordenação do curso. Os dados do documento não serão disponibilizados durante o período de embargo.

Michele Denise da Silva

**UM ESTUDO DE “UM BELO DIA” NA PERSPECTIVA DA GRAMÁTICA DE
CONSTRUÇÕES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos e Literários, da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Área de concentração: Estudos Linguísticos.

Linha de Pesquisa: Forma e funcionamento de línguas naturais com ênfase em língua portuguesa, línguas indígenas e língua de sinais.

Orientadora: Profa. Dra. Vânia Cristina Casseb Galvão
(UFG/UEG/CNPq/FAPEG)

GOIÂNIA

2017

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

da Silva, Michele Denise
UM ESTUDO DE "UM BELO DIA" NA PERSPECTIVA DA
GRAMÁTICA DE CONSTRUÇÕES [manuscrito] / Michele Denise da
Silva. - 2017.
CXXXII, 132 f.

Orientador: Prof. VANIA CRISTINA CASSEB GALVAO.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás,
Faculdade de Letras (FL), Programa de Pós-Graduação em Letras e
Linguística, Goiânia, 2017.

Inclui siglas, abreviaturas, tabelas, lista de figuras, lista de tabelas.

1. Linguística Funcional Centrada no Uso. 2. Gramática de
construções. 3. Um belo dia. I. CASSEB GALVAO, VANIA CRISTINA,
orient. II. Título.

CDU 82




UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA

ATA Nº 08/2017

**ATA DA SESSÃO DE JULGAMENTO DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DA
 ALUNA MICHELE DENISE DA SILVA**

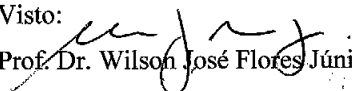
Aos vinte e quatro dias do mês de março do ano de dois mil e dezessete, a partir das dezesseis horas no Auditório da Faculdade de Letras, realizou-se a sessão pública da Defesa de Dissertação intitulada “Um estudo de “um belo dia” na perspectiva da gramática de construções”. Os trabalhos foram instalados pela Orientadora, Professora Doutora Vânia Cristina Casseb Galvão com a participação dos demais Membros da Banca Examinadora: Professora Doutora Ana Maria de Araújo Lima (PROFLETRAS-UFPE/UFG) e Professora Doutora Déborah Magalhães de Barros (Universidade Estadual de Goiás). A Banca Examinadora reuniu-se em sessão secreta a fim de concluir o julgamento da Dissertação, tendo sido a candidata aprovada pelos seus membros. Proclamados os resultados pela Professora Doutora Vânia Cristina Casseb Galvão, Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente ata que vai assinada pelos Membros da Banca Examinadora e visada pelo Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. Goiânia, aos vinte e quatro dias do mês de março do ano de dois mil e dezessete.


 Profa. Dra. Vânia Cristina Casseb Galvão - Presidente


 Profa. Dra. Ana Maria de Araújo Lima


 Profa. Dra. Déborah Magalhães de Barros

Visto:


 Prof. Dr. Wilson José Flores Júnior

MICHELE DENISE DA SILVA

**UM ESTUDO DE “UM BELO DIA” NA PERSPECTIVA DA GRAMÁTICA DE
CONSTRUÇÕES**

Membros da Banca de defesa

TITULARES

Prof^a. Dr^a Vânia Cristina Casseb Galvão – Presidente e orientadora

UFG – Universidade Federal de Goiás

Prof^a. Dr^a Déborah Magalhães de Barros

UEG – Universidade Estadual de Goiás

Prof^a. Dr^a Ana Maria de Araújo Lima

UFG – Universidade Federal de Goiás

UFPe – Universidade Federal de Pernambuco

SUPLENTES

Prof. Dr. Eleone Ferraz de Assis

UEG – Universidade Estadual de Goiás

UFG – Universidade Federal de Goiás

Prof^a. Dr^a Elena Ortiz Preuss

UFG – Universidade Federal de Goiás

Para meus pais, Antônio e Ivone, por terem me dado a vida e pelo incentivo e apoio em todas as minhas escolhas e decisões.

Agradecimentos

A **Deus**, minha fortaleza e meu refúgio.

À professora **Vânia Casseb-Galvão**, pela sua competência, seriedade, sabedoria e, especialmente, por tudo que me ensinou.

À **minha família**, meus pais, **Antônio** e **Ivone**, irmãos, **Antônio Miguel** e **Jânio**, cunhadas, **Fabiana** e **Tatiana** e pelos meus sobrinhos, **Augusto**, **Jean**, **Luis Felipe** e **Matheus**, minha base, sem eles não teria conseguido essa vitória.

Aos meus **amigos**, especialmente, **Fabiana Rodrigues Oliveira Queiroz e família**, **Julianne Caju**, pelo carinho, companheirismo, amizade e contribuição.

Aos colegas do **Grupo de Estudos Funcionalistas**, pelos bons momentos compartilhados.

Ao **Agameton Ramsés Justino**, por todo o apoio emocional, contribuição teórica e pela sua amizade.

Ao **André Luiz Rauber**, pelo incentivo e por acreditar na minha capacidade.

À **Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás**, pela estrutura física e pelo seu corpo docente e técnico.

Aos professores, **Sinval Filho**, **Elena Ortiz**, **Gian Luigi De Rosa**, **Mariangela Rios**, **Maria Maura Cesário**, pela contribuição científica para a realização deste projeto.

Às professoras **Ana Lima** e **Elena Ortiz** pela leitura e contribuição na minha banca de qualificação.

Às professores **Ana Lima** e **Déborah de Barros** por aceitarem participar da banca de defesa e pelas contribuições dadas ao trabalho.

Ao **Governo do Estado de Mato Grosso** pela licença concedida, sem a qual não teria condições financeiras para realizar essa pesquisa.

A todos os colegas, amigos e alunos da **Escola Estadual Sagrado Coração de Jesus**, por todo o apoio, amizade e pela contribuição para minha formação pessoal e profissional.

Um belo dia resolvi mudar.
E fazer tudo o que eu queria fazer.
Me libertei daquela vida vulgar.
Que eu levava estando junto a você.
E em tudo que eu faço.
Existe um porquê.
Eu sei que eu nasci.
Sei que eu nasci pra saber.
E fui andando sem pensar em voltar.
E sem ligar pro que me aconteceu.
Um belo dia vou lhe telefonar.
Pra lhe dizer que aquele sonho
cresceu. No ar que eu respiro.
Eu sinto prazer. De ser quem eu sou.
De estar onde estou.
Agora só falta você (Agora só falta
você, Rita Lee).

Resumo

Esta pesquisa está vinculada ao projeto “Rede de estudos da língua portuguesa ao redor do mundo”, sediado na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás, e tem como um de seus objetivos fornecer subsídios para a promoção e o ensino do português brasileiro a partir de resultados de análises de usos reais dessa língua. Nesse contexto, descrevemos e analisamos o pareamento “um belo dia”, a partir da perspectiva teórica da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), mais especificamente, da Gramática de Construções. A hipótese central é a de que a microconstrução “um belo dia” passa por um processo de mudança: de um uso mais concreto, atuante na organização da predicação, para um uso mais abstrato, funcionando no nível textual, auxiliando na macro-organização da narrativa. Na perspectiva da LFCU, entende-se que a linguagem é formada por processos cognitivos, sociointeracionais e culturais, e a língua é vista como um sistema adaptativo complexo, com uma estrutura fluida. Estudos na LFCU analisam e tentam esclarecer os fenômenos gramaticais da língua em uso e têm como um de seus aportes teóricos a teoria da Gramática de Construções, que define a constituição gramatical como uma rede conceitual, um sistema de entidades interconectadas cognitivamente (LANGACKER, 2008, TOMASELLO, 2010, TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013) e a língua como uma rede de relações que se organiza no uso (TROUGOTT e TROUSDALE, 2013, CROFT, 2001, GOLDBERG, 2006). Ancorados nessa concepção teórica, apresentamos os resultados da pesquisa que envolve os usos da microconstrução “um belo dia” em uma perspectiva panorâmica. Os *corpora* eleitos para a pesquisa são o *Corpus* do Português, o *Corpus* do grupo Discurso e Gramática (D&G), e o *Corpus* Fala Goiana. Mais especificamente, tem-se como objetivo analisar o pareamento forma e função de “um belo dia”, a partir das propriedades sintática, morfológica, fonológica, semântica, pragmática e discurso-funcional (CROFT, 2001) dessa microconstrução, tendo como pressuposto que os usos detectados nos *corpora* apresentam diferentes graus de abstratização, indiciando uma construcionalização. As análises confirmaram a hipótese de que a microconstrução “um belo dia” em seu uso mais abstratizado atua no nível textual, auxiliando na macro-organização da narrativa, influenciando na recepção do leitor e no seu envolvimento na trama discursiva.

Palavras-chave: Linguística Funcional Centrada no Uso, Gramática de Construções, “um belo dia”.

Abstract

This research is founded on the project “Rede de estudos da língua portuguesa ao redor do mundo”, headquartered at the Faculty of Letters of the Federal University of Goiás, and has as one of its objectives to provide subsidies for the promotion and teaching of Brazilian Portuguese from Results of analyzes of real uses of that language. In this context, we describe and analyze the pairing "um belo dia", from the theoretical perspective of LFCU, more specifically, the Construction Grammar. The central hypothesis is that the microconstruction "um belo dia" undergoes a process of change: from a more concrete use, active in the organization of the predication, until a more abstract use, functioning at the textual level, aiding in the macro-organization of the narrative. From this perspective it is understood that the language consists of cognitive, socio-interactional and cultural processes, and language is seen as a complex adaptive system with a fluid frame. Studies in the LFCU analyze and try to clarify the grammatical phenomena of the usage of the language and have as one of its theoretical contributions the theory of Constructions Grammar, which defines the grammatical constitution as a conceptual network, a system of cognitively interconnected entities (LANGACKER, 2008, TOMASELLO, 2010, TRAUGOTT, TROUDALE, 2013) and language as a network of relationships that is organized in the use (TROUGOTT and TROUSDALE, 2013, CROFT, 2001, GOLDBERG, 2006). Suported on this theoretical conception, we present the results of the research that involves the uses of the microconstruction "um belo dia" ("a beautiful day") from a panchronic perspective. The corpora chosen for the research are o *Corpus* do grupo Discurso e Gramática (D&G), e o *Corpus* Fala Goiana. More specifically, the aim is to analyze the form and function of "a beautiful day", from the syntactic, morphological, phonological, semantic, pragmatic and speech-functional properties (CROFT, 2001) of this microconstruction, assuming that the uses detected in the corpora present different degrees of abstraction, indicating a construccionalizacão. The analyzes confirmed the hypothesis that the microconstruction "um belo dia" in its more abstracted use acts at the textual level, aiding in the macro-organization of the narrative, influencing the reception of the reader and its involvement in the discursive plot.

Keywords: Usage-based Linguistics, Grammar Construction, "um belo dia".

Lista de figuras

Figura 1 Modelo da estrutura simbólica de uma Gramática de Construção Radical.....	p. 39
Figura 2 Representação das construções para Traugott e Troisdale (2013).....	p. 44
Figura 3 Exemplo de uma pequena rede conceitual	p. 46
Figura 4 Trajetória de mudança construcional, baseada em Traugott (2008).....	p.48
Figura 5 Processo de mudança construcional, construcionalização e pós-construcionalização	p. 60
Figura 6 : Rede Conceitual do uso típico.....	p. 118
Figura 7: Rede conceitual do uso atípico.....	p.119
Figura 8: Rede conceitual do uso crítico.....	p. 120

Lista de quadros

Quadro 1. Tipos de contextos (adaptado de Diewald, 2002).....	p. 79
Quadro 2 Uso + concreto	p. 100
Quadro 3 Uso + abstratizado	p. 104

Lista de tabelas

Tabela 1 Número de palavras por século, país e gênero do <i>Corpus</i> do Português.....	p. 86
Tabela 2 Resultado por século PB e PE	p. 87
Tabela 3 Tabela por esfera/século XX.....	p.91
Tabela 4 Tabela percentual dos usos: menos e mais abstratizado	p. 106
Tabela 5. Tabela contexto/século.....	p. 107
Tabela 6 Tabela contexto típico.....	p. 108
Tabela 7: Tabela contexto atípico	p. 110
Tabela 08: Tabela contexto crítico.....	p.113

Lista de esquemas

Esquema 1. <i>Continuum</i> dos usos de um belo dia	p. 115
---	--------

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

D&G	<i>Corpus</i> Discurso e Gramática
GEF	Grupo de Estudos Funcionalistas
LFCU	Linguística Funcional Centrada no Uso
M	Marco
PB	Português Brasileiro
PE	Português Europeu
PV	Ponto de vista
RN	Rio Grande do Norte
Unesp	Universidade Estadual Paulista
USP	Universidade de São Paulo
UFG	Universidade Federal de Goiás
TR	Trajeto

Sumário

INTRODUÇÃO	15
CAPÍTULO 1	19
A PERSPECTIVA FUNCIONALISTA DA LINGUAGEM.....	19
1.1 LINGUÍSTICA FUNCIONAL CENTRADA NO USO	22
1.2 GRAMÁTICA DE CONSTRUÇÕES: UMA TENDÊNCIA DE ANÁLISE	36
CAPÍTULO 2	51
MUDANÇA LINGUÍSTICA SOB O VIÉS DA GRAMÁTICA DE CONSTRUÇÕES	51
2.1. <i>Construcionalização gramatical</i>	61
2.2 <i>Construcionalização lexical</i>	72
2.3 <i>A mudança linguística através de contextos</i>	79
CAPÍTULO 3	82
METODOLOGIA.....	82
3.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS	82
3.2. <i>Justificativa e direcionamentos metodológicos</i>	83
3.3. <i>Formação dos corpora</i>	84
3.4. <i>Coleta e seleção dos dados</i>	85
3.4.1. <i>Corpus do Português</i>	85
3.4.1.1. <i>A entrada da microconstrução mais abstrata no sistema linguístico do PB</i> .87	87
3.4.2 <i>Corpus Discurso & Gramática</i>	93
3.5. <i>Corpus Fala Goiana</i>	94
CAPÍTULO 4	96
ANÁLISE DE DADOS	96
4.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS	96
4.2 DA ANÁLISE CONSTRUCIONAL DOS DADOS	99
4.2.1 OS CONSTRUTOS DE “UM BELO DIA”, SEGUNDO O MODELO DA ESTRUTURA SIMBÓLICA DA GRAMÁTICA DE CONSTRUÇÃO RADICAL	99
4.2.1.1. O USO FONTE OU MAIS CONCRETO DO PROCESSO DE MUDANÇA	99
4.2.1.1.2 O USO MAIS ABSTRATO	103
4.3 CONTEXTOS DE PRODUTIVIDADE DA MICROCONSTRUÇÃO “UM BELO DIA”	108
4.3.1 CONTEXTO TÍPICO	108
4.3.2. CONTEXTO ATÍPICO.....	109
4.3.3. CONTEXTO CRÍTICO	112
4.4 DIMENSÕES DA MICROCONSTRUÇÃO “UM BELO DIA”: TAMANHO, ESPECIFICIDADE FONOLÓGICA E CONCEITO.....	116
4.5. “UM BELO DIA” E SUAS REDES CONCEPTUAIS HIERÁRQUICAS	118
CONSIDERAÇÕES FINAIS	122
REFERÊNCIAS	126

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como fenômeno de estudo a microconstrução “um belo dia” no português brasileiro contemporâneo e o seu principal objetivo é analisar o pareamento forma e função dessa construção, a partir de suas propriedades sintática, morfológica, fonológica, semântica, pragmática e discurso-funcional (CROFT, 2001).

Temos como base teórica os autores de referência do Funcionalismo, como Neves (1997) e, mais especificamente, da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), segundo a qual a linguagem deve ser estudada a partir de situações comunicativas específicas, a fim de se perceber a riqueza da diversidade linguística. Entre os autores representantes da LFCU estão Furtado da Cunha (2013), Martelotta (2011) e Rios de Oliveira (2012) e, particularmente, temos a teoria da Gramática de Construções, que concebe a língua como uma rede conceitual portadora de um sistema de entidades cognitivamente interconectadas. Entre os representantes dessa teoria estão Croft (2001), Goldberg e Jackendoff (2004), Martelotta (2011), Rios de Oliveira (2012) e Traugott e Trousdale (2013), entre outros.

Esta pesquisa se justifica pelo fato de o pareamento “um belo dia” ser polissêmico e exercer diferentes funções no Português Brasileiro (PB), como demonstram as ocorrências a seguir:

1. [...] Mestre Cosme armara-lhe uma rede no alpendre e fora-se a desbastar a mata, escanchado na Coruja. Fazia **um belo dia** de sol, calmo e luminoso. O arvoredo imóvel dormitava na esplêndida pulverização da luz que o narcotizava para beber-lhe a seiva. O passaredo aninhava-se na verde espessura dos cajueiros em flor, contubernal e gárrulo; rolas bravas debicavam nas clareiras os minúsculos diamantes que o sol punha na areia. E no silêncio e na beatitude daquela espécie de eremitério João pôde dormir um sono bom de duas horas, embalado pelos gemidos da afillhada como por um vago e monótono estribilho trespasado de melancolia. Às sete horas da (A normalista, Adolfo Caminha, *Corpus* do Português).
2. [...] Este, um temperamental, **um belo dia** cansou de tantos estudos, cálculos, tabelas, orçamentos, índices contraditórios, estatísticas expurgadas e planos mirabolantes, ainda mais quando se aproximavam eleições para o Congresso e o seu serviço de informações o advertira da crescente impopularidade do governo: convocou uma reunião ministerial, exigindo a presença de todos os titulares [...] (A greve dos desempregados, Luiz Beltrão, *Corpus* do português)

“Um belo dia” exerce funções sintáticas e semânticas diferentes nas duas instanciações, pois em 1, ele integra o sintagma nominal, exerce a função de objeto direto e atua em uma sequência descritiva. Já em 2, ele parece atuar como um auxiliar da organização da estrutura da narrativa.

Ademais, esta pesquisa é importante para os estudos descritivos do Português Brasileiro, pois acrescenta mais um estudo realizado pelo viés da mudança linguística sob a perspectiva da Linguística Funcional Centrada no uso, especificamente, a partir da Gramática de Construções e seus resultados também contribuem para a distinção construcional dos esquemas organizacionais dos textos.

A hipótese central é a de que a microconstrução “um belo dia” passa por um processo de mudança: e um uso mais concreto, atuante na organização da predicação, para um uso mais abstrato, funcionando no nível textual, auxiliando na macro-organização da narrativa. Dessa maneira, as perguntas de pesquisa que orientam esta pesquisa são:

1. Considerando as propriedades sintática, morfológica, fonológica, semântica, pragmática e discurso-funcional (CROFT, 2001) dos usos mais concreto e mais abstrato, quais os micropassos, relativos à forma e ao significado, da mudança desenvolvida pela microconstrução “um belo dia”?

2. Quais são os contextos de produtividade dessa microconstrução (DIEWALD, 2002)?

3. A partir desses contextos, como se configura o possível *continuum* de mudança de “um belo dia”?

4. Com base nas dimensões construcionais gradientes propostas por Traugott e Trousdale (2013), como os extremos desse *continuum* podem ser descritos e analisados?

5. O processo desenvolvido por “um belo dia” configura mudança construcional ou construcionalização, considerando-se os fatores hierárquicos de mudança previstos por Traugott e Trousdale (2013)?

Mais especificamente, temos como objetivos desta pesquisa: analisar e descrever a constituição, a funcionalidade e o tipo de mudança relativos aos usos da microconstrução “um belo dia”, em sua acepção mais abstratizada. Para conseguir isso, fez-se também necessário analisar suas dimensões, seus fatores

de construcionalidade, além de identificar os contextos de mudança dos usos detectados nos *corpora*.

Por fim, cabe esboçar as frequências *type* e *token* e a rede conceitual dos usos de “um belo dia”. Conforme a visão de Traugott e Trousdale (2013), a frequência *type* é entendida neste trabalho como a frequência de um padrão em particular. Em um processo de construções em gramaticalização, se aplica a frequência *type* para verificar os diferentes significados. A frequência *token* é relativa à frequência de ocorrência, isto é, o número de ocorrências de uma unidade empiricamente atestada. A frequência *token* é o *lócus* da pesquisa funcionalista.

Os *corpora* deste estudo são formados pelo *Corpus* do Português, *Corpus* Discurso e Gramática (D&G) e *Corpus* Fala Goiana. A análise é realizada em uma perspectiva pancrônica, uma orientação cada vez mais acentuada nos estudos funcionalistas e que, segundo Furtado da Cunha, Rios de Oliveira e Votre (1999), há um consenso de que a interação e interdependência entre sincronia e diacronia é central para o estudo do processo de gramaticalização, processo esse que pode estar ocorrendo com “um belo dia”.

Estruturalmente e com o objetivo de responder às perguntas de pesquisa e atender aos objetivos propostos, esta dissertação está dividida em quatro capítulos: o primeiro traz uma explanação geral do Funcionalismo desde o Funcionalismo Clássico até a LFCU. Ao final, tratamos da Gramática de Construções.

O segundo capítulo versa sobre a mudança linguística sob o viés da Gramática de Construções. Diferenciamos os tipos de mudança previstos nesse paradigma, a mudança construcional e a construcionalização. Em seguida, tratamos dos tipos de construcionalização e, por último, da mudança linguística e seus contextos, a partir da proposta de Diewald (2002), em contraponto com Heine (2002).

O terceiro capítulo trata dos procedimentos metodológicos da pesquisa: desde a escolha dos *corpora* até a coleta dos dados, e a organização da análise dos dados.

No quarto capítulo, apresentamos o resultado da análise dos dados coletados nos *corpora* do Português, D&G e Fala Goiana a partir dos parâmetros de análise determinado, da análise dos dados e das possibilidades analítico-

metodológicas da Gramática de Construções. Esse capítulo está organizado de modo a responder às perguntas de pesquisa apresentadas anteriormente.

Em sequência, as considerações finais apresentam resumidamente as respostas de cada pergunta de pesquisa, além da recuperação da hipótese e dos objetivos de pesquisa, em confronto com os resultados apresentados na análise.

Capítulo 1

A perspectiva funcionalista da linguagem

Introdução

O fenômeno em estudo envolve a língua em uso e, por isso, precisa ser descrito a partir de uma perspectiva sociodiscursiva da linguagem que considera as situações interacionais. Por isso, nessa introdução, fazemos uma apresentação breve da perspectiva funcionalista da linguagem, desde o Funcionalismo Clássico até a Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), mostrando a maneira como essa perspectiva teórica concebe, define e analisa a língua e a gramática.

Este capítulo está dividido em duas partes: na primeira, apresentamos a abordagem LFCU, uma tendência mais atual da pesquisa funcionalista. E, na segunda parte, apresentamos os postulados da Gramática de Construções, um dos aportes teóricos adotados na LFCU e que servirá de base para a análise dos dados.

Ao longo do capítulo, nos embasamos em alguns autores funcionalistas, entre eles, Bybee (2010), Furtado da Cunha (2013), Furtado da Cunha et al., (2013), Martelotta (2011), Neves (1997), Rios de Oliveira (2012), Rios de Oliveira e Votre (2009), Taylor (1995) e Tomasello (1998).

Há diferentes maneiras de se analisar a língua, dentre elas, as análises formalistas, por exemplo, colocam a forma linguística em primeiro plano e analisam a língua entendendo-a como um sistema de signos. Nesse domínio, também estão os gerativistas, para quem a língua é uma faculdade inata do ser humano e é analisada sem se considerar o contexto interacional.

Na visão funcionalista, a forma e a função estão integradas de tal maneira que uma interfere na outra. Sendo assim, os estudos funcionalistas se baseiam na análise da língua a partir do contexto comunicativo, porque é no uso efetivo

que se tem uma visão mais geral e concreta da língua. Por isso, os funcionalistas descrevem e analisam a língua a partir de situações interacionais. Nas palavras de Neves (1997), o funcionalismo e o formalismo são

dois polos de atenção opostos no pensamento linguístico: o *funcionalismo*, no qual a função das formas linguísticas parece desempenhar um papel predominante, e o *formalismo*, no qual a análise da forma linguística parece ser primária, enquanto os interesses funcionais são apenas secundários. (NEVES, 1997, p. 39, grifos da autora).

Logo, será o olhar a respeito da língua que irá definir o próprio objeto e a maneira de analisá-lo. Caso o analista veja a língua como um sistema autônomo, irá fixar mais a sua análise nas estruturas internas e nas relações entre elas. Ao contrário disso, irá “estudar a relação entre a estrutura gramatical das línguas e os diferentes contextos comunicativos em que elas são usadas” (FURTADO DA CUNHA, 2013, p. 157), compreendendo que as estruturas estão a serviço de um determinado contexto comunicativo.

Compreendendo a língua sob esse último viés, Furtado da Cunha (2013, p.158) cita duas propostas vistas como básicas para a análise linguística no modelo funcionalista. “a) a língua desempenha funções que são externas ao sistema linguístico em si; b) as funções externas influenciam a organização interna do sistema linguístico”.

Essas propostas, segundo a autora, irão dividir os estudos em formalista ou funcionalista ou, ainda, elas poderão distinguir os próprios estudos funcionalistas, ao considerar em maior ou menor grau a influência dos fatores externos na língua. No âmbito funcionalista, há dois grandes ramos de estudos: o funcionalismo europeu e o funcionalismo norte-americano.

O funcionalismo europeu abrange grandes escolas, como a de Praga, de Genebra e de Londres, além do grupo holandês. Alguns autores europeus representantes desse grupo são: Roman Jakobson, Charles Bally, Halliday e Simon Dik (FURTADO DA CUNHA, 2013).

Foram muitas as contribuições do funcionalismo europeu, desde a fundação do Círculo Linguístico de Praga, cunhando termos como “função” e “funcionalismo” para o rol das análises linguísticas, até a Teoria da Gramática Funcional de Simon Dik (1989), que propõe uma análise nos níveis da sintaxe,

da semântica e da pragmática, compreendendo que esses níveis estão entrelaçados.

Já o grupo funcionalista norte-americano, por sua vez, traz Dwight Bolinger, de acordo com Furtado da Cunha (2013), como um de seus precursores ao propor uma visão pragmática a respeito da ordenação das palavras na oração.

Um trabalho pioneiro do grupo norte-americano é o de Sankoff e Brown, datado de 1976, e, depois, o de Givón, em 1979, com a obra *On understanding grammar* (RIOS DE OLIVEIRA; VOTRE, 2009). De maneira geral, os dois trabalhos trazem para a discussão os fatores de ordem pragmático-discursiva.

Entre os autores que se destacam no grupo norte-americano estão Givón, Thompson, Hopper, e, ainda, há um grupo de funcionalistas europeus que trabalha com perspectiva semelhante aos norte-americanos, entre eles Heine e Kuteva e Traugott e Trousdale (FURTADO DA CUNHA, 2013),

Recentemente, de acordo com Silva (2015), houve uma aproximação da linguística funcional com a linguística cognitiva. Dessa junção destacam-se autores como Langacker e Lakoff, antigos gerativistas, e os psicolinguistas Tomasello e Taylor, que não concordam com a autonomia da sintaxe e apresentam uma visão acerca da língua que agrega aspectos sociais e cognitivos para a análise.

Em termos da linguística funcionalista brasileira, “há o trabalho pioneiro de Rodolfo Ilari (1987), com a obra *Perspectiva funcional da frase portuguesa*, baseado nos estudos da Escola de Praga” (FURTADO DA CUNHA, 2013, p. 165, grifo da autora).

Os estudos funcionalistas brasileiros se baseiam em diferentes perspectivas de análise, mas há uma forte influência norte-americana. Sobre isso, Rios de Oliveira e Votre (2009, p.101) afirmam que “a vertente funcionalista norte-americana foi assumida de modo mais efetivo a partir da década de 90, com a criação do Grupo de Estudos Discurso & Gramática (D&G) na UFRJ”.

Apesar de muitos estudos funcionalistas brasileiros se pautarem em Givón, da vertente norte-americana, há também estudos que se pautam em outros autores do grupo europeu, com destaque para o grupo da Universidade Estadual Paulista (Unesp), de São José do Rio Preto, que divulga e contribui para os estudos funcionalistas liderados por Hengeved e Mackenzie. Entretanto,

os estudos funcionalistas de uma maneira geral se baseiam em sua grande maioria nas obras de Heine, Hopper, Thompson, Traugott, Traugott e Trousdale.

Ainda de acordo com Rios de Oliveira e Votre (2009), desde a década de 70 os estudos funcionalistas vêm se modificando, apresentando novas leituras e ampliando suas análises acerca dos usos da língua.

Com essa intenção de aprofundar a reflexão acerca dos estudos da linguagem, surge uma tendência para a análise linguística funcional chamada Linguística Funcional Centrada no Uso que desenvolveu-se diretamente do funcionalismo norte-americano, *Usage-Based Linguistics*.

1.1 Linguística Funcional Centrada no Uso

Iniciamos este capítulo com a definição dada por Tomasello (1998) acerca da LFCU, que a define com uma abordagem que surgiu em virtude da defesa de alguns posicionamentos teóricos unindo os representantes da Linguística Funcional, como Talmy Givón, Paul Hopper, Sandra Thompson, Joan Bybee, Elizabeth Traugott, Christian Lehmann, Bernd Heine, entre outros, e os representantes da Linguística Cognitiva, como George Lakoff, Ronald Langacker, Adele Goldberg, John Taylor, William Croft, entre outros.

A visão de Tomasello (1998) está pautada na ligação entre a Linguística Funcional norte-americana e a Linguística Cognitiva porque as duas correntes compartilham primeiramente, a mesma posição em relação à sintaxe, compreendem que essa não deve ser estudada de maneira autônoma. Além disso, concordam que a língua deve ser analisada dentro de um contexto efetivo de uso, e consideram que os fatores pragmáticos e discursivos devem ser levados em conta nas análises da gramática. Ainda nesse sentido, conceituam a gramática como uma representação cognitiva moldada pelo uso linguístico e possuidora de estruturas estáveis, pois são as interações que fazem as estruturas linguísticas se estabilizarem ou mudarem. Martelotta (2011) comunga da visão de Tomasello (1998) ao considerar que a LFCU é uma

abordagem que não se limita à observação de aspectos formais, ou da difusão das formas pela estrutura social, incorporando, em suas análises, dados semânticos, pragmáticos e discursivos. Nessa perspectiva, são levados em conta, na análise das línguas, aspectos relacionados as restrições cognitivas que incluem a captação de dados

da experiência, sua compreensão e o seu armazenamento na memória, assim como aspectos associados à capacidade de organização, acesso, conexão, utilização e transmissão adequada desses dados (MARTELOTTA, 2011, p. 56).

Sendo assim, tanto Martelotta (2011) quanto Tomasello (1998) definem que a LFCU trabalha com a forma linguística relacionada com a função, e consideram aspectos semânticos, pragmáticos, discursivos e cognitivos em seus estudos.

Dessa maneira, a LFCU analisa a língua considerando os aspectos tanto internos quanto externos ao sistema e a conceituam como algo complexo, dinâmico e fluido, que tem construções relativamente estáveis enquanto outras estão em emergência. Segundo Bybee (2010), a língua é também

um fenômeno que apresenta estrutura aparente e regularidades do padrões, mas ao mesmo tempo, mostra uma variação considerável em todos os níveis: as línguas diferem umas das outras, enquanto ainda estão sendo evidencialmente moldadas pelos mesmos princípios; construções comparáveis em diferentes línguas têm funções semelhantes e são baseadas em princípios similares, ainda que defiram umas das outras de forma específica; enunciados dentro de uma língua diferem uns dos outros, mesmo que tenham os mesmos padrões estruturais; as línguas mudam ao longo do tempo, mas de forma bem regular (BYBEE, 2010, p. 11)².

A autora concebe a língua como algo que apresenta ao mesmo tempo regularidades, variações e uma gradiência. Ela salienta que isso acontece concomitantemente, ou seja, não podem ser vistas de maneira hierárquica, mas como um processo natural da língua. Os mesmos elementos que corroboram para a padronização linguística também colaboram para a mudança linguística.

Há regularidades nos padrões da mesma maneira que há a variação. Esta acontece de maneira natural, pois a língua não é um sistema fixo, mas moldado pelos usos. Bybee (2010) esclarece ainda que essas variações, por sua vez, acontecem de uma maneira gradiente. Com o passar do tempo, as formas vão

¹ Todas as traduções trazidas no texto são de responsabilidade da autora desta dissertação.

² Language is also a phenomenon that exhibits apparent structure and regularity of patterning while at the same time showing considerable variation at all levels: languages differ from one another while still being patently shaped by the same principles; comparable constructions in different languages serve similar functions and are based on similar principles, yet differ from one another in specifiable ways; utterances within a language differ from one another while still exhibiting the same structural patterns; languages change over time, but in fairly regular ways

adquirindo outras funções e essas novas funções vão convivendo com as velhas até uma se fixar e a outra desaparecer, ou ainda as duas permanecerem no repertório linguístico do falante. E esse movimento acontece de maneira gradiente porque há um estado estável, mas não estático.

Dessa mesma maneira, compreendemos que as categorias da língua ou da gramática precisam ser vistas em um *continuum* e não de uma maneira isolada, pois a mesma forma pode fazer parte de mais de uma categoria e exercer diferentes funções ou, ainda, migrar de uma categoria para outra ao longo do *continuum*.

Sendo assim, a língua é vista como um sistema adaptativo complexo, e a variação faz referência ao fato de que unidades e estruturas da língua exibem variação no uso sincrônico, normalmente ao longo das trajetórias contínuas de mudança que criam a gradiência (BYBEE, 2016).

Dessa maneira, a gradiência faz referência à dificuldade de se distinguirem os elementos pertencentes as categorias da língua ou da gramática pelo fato de haver mudança de uma categoria a outra de modo que uma mudança hoje no sistema pode interferir ou não em outro elemento ao longo de um contínuo. Por conseguinte, a mudança não é entendida de uma maneira gradual, pois não há graus específicos, necessários e previsíveis para cada mudança, mas sim pela gradiência.

Assim como a língua, a linguagem é entendida pela LFCU como algo não autônomo, que acontece na interação e por meio dela ocorrerá a atualização discursiva. Primeiramente, é cognitiva, pois apresenta esquemas cognitivos gerais que são usados não só para a linguagem, mas para outros domínios da cognição. Um exemplo é o processo de categorização, usado tanto para fins linguísticos quanto para fins não linguísticos, pois o ser humano categoriza não somente a língua, mas tudo ao seu redor.

A linguagem é social porque emerge da interação, da pragmática para a semântica via sintaxe. Ela é estabelecida em um evento referencial e em um contexto comunicativo aberto e sujeito à mudanças. Muda-se a maneira como se interage com o outro, conforme o contexto de uso, na medida em que o discurso é atualizado em eventos da linguagem.

Nas pesquisas funcionalistas atuais, as questões de ordem pragmático-discursivas ganham grande destaque. Os usos linguísticos são observados em

um contexto específico, o que faz que a pesquisa seja mais holística e mais qualitativa. Segundo Rios de Oliveira (2012), a frequência e a generalização não são as características que mais interessam nesse tipo de análise. Ao contrário disso, a pesquisa funcionalista atual considera que cada uso está integrado a contexto específico e relativo a interlocutores com perfis singulares, com condições de produção também específicas e esses fatores interferem no uso linguístico e, por isso, devem ser considerados.

Antes, nos anos 1990, segundo Rios de Oliveira e Votre (2009), os aspectos sociais das análises funcionalistas tinham forte influência sociolinguística, e eram consideradas as noções de variáveis, como “faixa etária, nível de escolaridade, modalidade, sexo, entre outras” (RIOS DE OLIVEIRA; VOTRE, 2009, p. 101). Além disso, eram feitos levantamentos estatísticos.

Com o tempo, as análises linguísticas funcionalistas foram sendo revistas, ganharam uma outra leitura e outros parâmetros de análise foram incorporados. Furtado da Cunha et. al. (2013) dizem que a LFCU incorpora em suas análises fatores de ordem cognitiva, sociocomunicativa e linguística e elege categorias analíticas que dão conta tanto de fatores internos quanto externos ao sistema. Entre essas categorias estão a iconicidade, marcação, categorização, informatividade e perspectivação. A seguir descrevemos melhor cada uma.

a) Iconicidade

O princípio da iconicidade é básico para o funcionalismo e prevê uma relação entre forma e função e/ou entre forma e conteúdo. Essa noção provém dos estudos de Haiman (1983, p. 781), para quem “uma dimensão lingüística (ou formal) corresponde diretamente a uma dimensão não linguística (ou conceitual)”³.

Esse princípio é reafirmado pela LFCU ao postular que há certa correspondência entre a forma e o conteúdo, pois eles têm uma ligação cognitiva. Tanto a categorização linguística quanto a categorização conceptual apresentam os mesmos padrões. Dessa maneira, a relação entre a forma e o

³ The distance between linguistic expressions may be an iconically motivated index of the conceptual distance between the terms or events which they denote.

conteúdo não é totalmente arbitrária. Por exemplo, no sentido da microconstrução *punhado*, há uma relação linguística e conceptual com *punho*, tendo em vista que um *punhado* faz referência à medida de uma porção que se pega com uma mão cheia, *um punho*, como na oração “quero um *punhado* de farinha”.

Todavia, essa ligação, em uma fala mais espontânea e devido aos vários modos de se expressar, pode ficar opaca e essa relação pode não ser tão transparente assim, como em “Havia um *punhado* de gente na festa”. Nesse exemplo, já não há uma referência com a medida de um *punho*, mas com quantidade indeterminada de pessoas.

Além disso, com o passar do tempo, pode haver modificações tanto na forma quanto na função. Na forma, pode haver erosões fonéticas e na função, a construção pode através dos processos de metáfora e metonímia se desenvolver de um sentido mais concreto para um sentido mais abstrato, e, assim, enfraquecer a ligação entre forma e conteúdo.

A iconicidade está relacionada, por exemplo, a “determinados padrões que mantêm uma correlação aproximada com o sentido que eles designam, sendo, portanto, perceptíveis os laços entre forma e função” (FURTADO DA CUNHA, 2013, p. 22).

Essa autora cita três subprincípios da iconicidade, relacionados à quantidade de informação, ao grau de integração entre os constituintes da expressão e do conteúdo e à ordenação sequencial dos segmentos.

Quanto ao primeiro subprincípio, “a quantidade de informação”, Haiman (1983, p. 783) argumenta que “o comprimento de uma expressão pode também corresponder à medida em que ela transmite novas ou desconhecidas informações”, ou seja, a quantidade de informação diz respeito ao tamanho da forma em relação àquilo que ela codifica. Por isso, quanto maior a forma, o conteúdo tende a ser mais complexo. Isso pode ser percebido na definição das palavras derivadas, que são mais complexas que as primitivas. Assim, por exemplo, *alisei*, que significa tornar algo liso, tem mais material morfológico e semântico (ação + tempo + modo + pessoa) que *liso*, qualidade de uma superfície. Outro exemplo é o prolongamento de uma vogal a fim de expressar um aspecto interativo e/ou uma intensidade da ação, como o uso de *muuuuito* na oração “Eu gosto *muuuuito* de sorvete”.

Em relação ao segundo subprincípio, relativo “ao grau de integração entre os constituintes da expressão e do conteúdo”, Haiman (1983, p. 783) faz três observações:

1. “Dois conceitos são conceitualmente próximos na medida em que compartilham propriedades semânticas”⁴. Um exemplo disso é quando dois verbos partilham tempo ou objeto, como é perceptível na oração “Projetamos e construímos casas”. Os verbos *projetar* e *construir* estão próximos e compartilham pessoa, tempo, modo e objeto.

2. “Dois conceitos estão próximos na medida que um afeta o outro”⁵. Um exemplo é a proximidade entre um verbo e seu objeto, que varia conforme a transitividade verbal. O objeto direto mantém uma relação mais estreita com o verbo do que o objeto indireto.

3. “Dois conceitos estão próximos da medida em que são percebidos como inseparáveis”⁶. Por exemplo, existe uma ligação conceptual mais estreita entre um possuidor e o objeto possuído.

Neves (2013, p. 23) esclarece que esse subprincípio faz referência à iconicidade diagramática, ou seja, “à admissão de que os arranjos estruturais refletem relações análogas existentes na estrutura semântica”. Sendo assim, quanto maior a distância sintática entre os elementos, maior o afastamento conceptual entre eles e vice versa.

Entre os exemplos há o caso dos afixos em relação às desinências de gênero e de número. Os afixos são bem mais próximos dos radicais com os quais se relacionam, pois as noções que carregam também estão mais vinculadas cognitivamente, enquanto que as noções das desinências são mais secundárias e eventuais.

Em relação ao último subprincípio mencionado por Furtado da Cunha (2013), o da “ordenação sequencial dos segmentos”, ele pode ser percebido na ordenação linear ou na ordem sequencial dos elementos na sentença. A ordenação linguística linear obedece à ordem temporal dos eventos. Por exemplo, em uma narrativa, a ordem dos elementos corresponde à ordem temporal em que eles ocorrem. Outro fenômeno relacionado à iconicidade na

⁴ two concepts are conceptually close to the extent that they share semantic properties.

⁵ two concepts are close to the extent that one is thought to affect the other.

⁶ two concepts are close to the extent that they are perceived as inseparabl.

ordenação sequencial dos elementos é a topicalidade. Abordaremos sobre esse assunto no tópico “informatividade”.

b) Marcação

Outra categoria de análise usada pela LFCU é a marcação, que pode acontecer no nível fonológico, morfológico ou sintático. Furtado da Cunha (2013, p.70) explica que um elemento “é considerado marcado quando exibe uma propriedade ausente no outro membro, considerado não marcado”, ou seja, a análise consiste em opor dois elementos para verificar se o item é marcado ou não.

A marcação pode ocorrer na morfologia, quando há expressão material do plural ou não, por exemplo caso tenha a desinência “s”, há a marcação, caso contrário, ocorre a não-marcação. Na sintaxe do português, por exemplo, a ordem oracional marcada é não SVO, que é considerada a ordenação prototípica, não marcada.

Furtado da Cunha (2013) ressalta que as estruturas não marcadas tendem a ser mais comuns, apresentam um contexto de uso mais amplo, uma estrutura mais simples e menor e, ainda, de fácil aquisição pelas crianças. Ela esclarece que a marcação é variável, pois pode ocorrer em um contexto e não em outro, não podendo, assim, ser analisada de forma binária.

Juntamente com a marcação ocorre a contrastividade, um recurso cognitivo e que serve como opção para o falante selecionar um item dentro de vários possíveis. O falante faz essa seleção para distingui-lo dos demais e realçá-lo, a fim de chamar a atenção do interlocutor. Linguisticamente, o falante marca essa seleção por meio de “certos mecanismos de relevo, tais como o traço prosódico, a ruptura com a forma convencional de ordenação sintática, entre outros” (FURTADO DA CUNHA et. al., 2013, p. 26).

A seleção acontece quando o falante quer realçar um elemento dentro da oração. Caso seja feita oralmente, ele pode mudar a entonação a fim de chamar a atenção para o clímax da história, por exemplo, ou, se for por escrito, ele muda a ordem SVO da oração, colocando um item em destaque. Tudo isso, com a finalidade, muitas vezes, de realizar uma quebra de expectativa no ouvinte.

A contrastividade é um realce que o falante utiliza para chamar a atenção do ouvinte para algo que está marcado na oração e é feita com uma intenção comunicativa.

c) Categorização

Outro processo cognitivo relevante é a categorização, que vincula processos socioculturais e linguísticos. De um modo geral, podemos dizer que o ser humano categoriza a língua e o mundo, pois ao formar grupos com características semelhantes facilita o armazenamento e o processamento linguístico. *Substantivos, adjetivos, verbos*, entre outros, são exemplos de categorias linguísticas, enquanto *flores, aves*, seriam exemplos de categorias conceptuais, não linguísticas.

Apesar de cada elemento ser diferente um do outro, podemos juntá-los em uma só categoria, pois possuem semelhanças que os fazem pertencentes ao mesmo grupo.

A categorização não é somente linguística, mas uma leitura do mundo. De maneira geral, ela é expressa via da linguagem e só é possível através da generalização e da experiência com o ambiente biofísico e sociocultural. Para Furtado da Cunha (2013), a construção de conceitos acontece pela experiência de algo mais concreto e esses conceitos nos permitem caracterizar mentalmente as categorias e raciocinar sobre elas. Sobre categorização, Martelotta (2011, p.68) explica:

Não é difícil imaginar que, por um lado, se víssemos em cada árvore individual um ser diferente, não teríamos como dar conta de um mundo tão diversificado e, por outro, se déssemos um nome para cada árvore que víssemos, nossa memória não seria suficiente para armazenar tantos nomes.

Por meio da interação com o mundo, formamos padrões e categorizamos coisas concretas e abstratas. A categorização só é possível dentro de um contexto específico, pois alguns elementos podem pertencer a mais de uma categoria. Logo, as categorias não são estanques e estão distribuídas na forma de *continuum*. Além disso, elas apresentam elementos ou vários membros centrais, que carregam características mais marcantes que outros. Isso acontece

de uma maneira escalar, em categorias linguísticas e não linguísticas. Os elementos que carregam mais traços de determinada categoria são chamados de “protótipos”.

Taylor (1995) explica que o protótipo pode ser entendido de duas maneiras:

Podemos aplicá-lo ao membro central da categoria, ou aos periféricos, ligados ao termo central de uma categoria. Assim, pode-se referir a um determinado artefato como o protótipo de *copo*. Alternativamente, o protótipo pode ser entendido como uma representação esquemática do núcleo conceitual de uma categoria. Nesta abordagem, gostaríamos de dizer, não que uma entidade particular é o protótipo, mas que ela instancia o protótipo (TAYLOR, 1995, p. 59)⁷.

Por exemplo, ao pensar na categoria *ave*, logo vem em mente que o elemento central é *pássaro*, pois carrega os traços de voar, tem penas e bico, além de pôr ovos, enquanto o termo periférico é *pinguim*, que, apesar de pôr ovos, não carrega os outros traços da categoria. Portanto, são os traços que carregam que fazem os elementos categoriais ser centrais ou não. A prototipicidade é medida em relação à distância de um elemento central para os outros membros da categoria.

Taylor (1995) alerta que, especialmente, em relação às categorias mais abstratas, a definição do protótipo é mais difícil. Isso acontece devido à subjetividade humana:

Já que invocamos similaridade como base para a categorização inevitavelmente, trazemos para a cena os usuários da língua, com as suas crenças, interesses e experiências passadas. As coisas são similares na medida em que um ser humano, em algum contexto e para alguns fins, escolhe considerá-las como similares. (TAYLOR, 1995, p. 60)⁸.

⁷ There are two ways in which to understand the term 'prototype'. We can apply the term to the central member, or perhaps to the cluster of central members, of a category. Thus, one could refer to a particular artefact as the prototype of CUP. Alternatively, the prototype can be understood as a schematic representation of the conceptual core of a category. On this approach, we would say, not that a particular entity *is* the prototype, but that it *instantiates* the prototype.

⁸ Once we invoke similarity as a basis for categorization, we inevitably bring language users, with their beliefs, interests, and past experience, into the picture. Things are similar to the extent that a human being, in some context and for some purpose, chooses to regard them as similar.

Portanto, a prototipia diz respeito ao modo como os seres humanos “lêem”, “interpretam” o mundo, e não apenas como o rotulam para criar grupos, categorias. Furtado da Cunha (2013, p.29) afirma que “os seres humanos, em razão do modo como se relacionam com o mundo e neste atuam, compartilham certos esquemas imagéticos, de modo a derivar conceitos abstratos a partir de suas experiências concretas”. Logo, a maneira de ver o mundo irá influenciar na maneira de categorizá-lo e de eleger os elementos centrais de cada categoria, seja ela abstrata ou não.

d) Informatividade

Em relação à categoria extralinguística “informatividade”, a LFCU atenta para “o conteúdo informacional que os interlocutores compartilham, ou supõem compartilhar, no momento da interação verbal” (FURTADO DA CUNHA et. al., 2013, p. 26), pois, na interação, acontecem avaliações a respeito do compartilhamento de informações e isso interferirá na organização do discurso e no monitoramento/orientação do ponto de vista do locutor, a fim de atingir propósitos interlocutivos. Essas avaliações têm implicações no *status* informacional dos referentes nominais: dado, novo, disponível ou inferível.

Um sintagma nominal é portador de informação dada ou velha, por exemplo, quando já apareceu no texto ou em uma situação de fala, quando está disponível e pode ser recuperado situacionalmente. É comum esse tipo de sintagma ser substituído por um pronome ou ser representado por um sujeito oculto, pois os interlocutores conseguem recuperar esse sujeito pelo contexto.

Já a informação nova ocorre quando é a primeira vez que está sendo introduzido no discurso. Os sintagmas nominais novos, geralmente, são introduzidos pelos substantivos plenos. Já as informações inferíveis e disponíveis, dizem respeito “à avaliação que o locutor faz do estado de ativação dos elementos referenciais na memória do interlocutor” (FURTADO DA CUNHA et.al., 2013, p. 27).

A informação inferível se refere a tudo aquilo que pode ser identificado pela inferência em relação ao que é dado no discurso. Em um texto, as entidades inferíveis são acompanhadas de artigos definidos, pois podem ser recuperadas

pelo contexto. Para explicar essa categoria informacional, Furtado da Cunha (2013, p. 166) apresenta o seguinte exemplo:

3. ... quando ela ouviu o ônibus passar... mas o ônibus já estava indo... e ela começou a gritar e todo o ponto de ônibus assim lotado... né? Ela começou a gritar pro motorista... mas ela estava um pouco longe...

O fato de a palavra “motorista” aparecer determinada, “pro motorista”, logo na primeira vez que é citado, é justificável em razão da inferência, pois há no contexto a palavra “ônibus”, então, deduz-se que haja um motorista e, por isso, ele não precisa vir indeterminado.

A informação disponível corresponde apenas a um referente em um contexto determinado, podendo ser o nome de alguém, de uma cidade ou algo conhecido por todos.

Neves (1997) trata o *status* informacional fazendo uma divisão entre o que é disponível na frase e no texto. No nível da frase, a autora distingue tema e rema. O tema é “aquilo que está sob a mira na organização da estrutura” e o rema “a entidade sobre a qual se faz o comentário” (NEVES, 1997, p. 68-69). Tema e rema não são *status* fixos, pois o tema pode ser retomado do rema de uma frase anterior e assim formam a estrutura temática, que é manifestada pela ordem dos constituintes. Já no nível do texto, a autora afirma que a complexidade fica maior e que os segmentos vão se organizando entre o que é dado “apresentado pelo falante como recuperável no texto ou na situação” e o que é novo “não-recuperável no sistema de informação, compondo-se, por meio de grupos tonais e de focos, uma estrutura de informação” (NEVES, 1997, p. 69).

A autora ressalva que a organização da informação deve ser estudada nos dois níveis, da frase e do texto e que dado e novo não têm necessariamente relação com tema e rema, pois, segundo ela, “o texto se compõe de unidades informativas que, em termos de delimitação e extensão, são independentes das unidades sintáticas” e, ainda, porque

o texto organiza também intraoracionalmente a informação que veicula. Toda oração implica a escolha de um tema em torno do qual se assentará o exercício remático (NEVES, 1997, p. 70).

Neves (2013) diz ainda que as categorias dado e novo podem ser cruzadas com categorias ligadas aos processos de composição da cadeia referencial, anafórico e não anafórico; determinado e indeterminado. Fant (1984, p.71, apud NEVES, 2013) cita quatro tipos de referenciação são eles: “ (i) anafórico e determinado (AD); (ii) anafórico e indeterminado (AI); (iii) não anafórico e determinado (ND); (iv) não anafórico e indeterminado (NI) ” (NEVES, 2013, p. 89). Para exemplificar os tipos de referenciação, a autora apresenta o seguinte trecho

4. Moore – Fiquei pasmo ao descobrir que **o doutor David Golde** (ND), que **me** (ND) atendeu, patenteou **minhas células** (ND), reproduzindo-**as** (AD) em **laboratórios** (ND), como se fosse o dono **delas** (AD). Folha – O que é que significa, na prática, **o médico** (AD) ter patenteado **suas células** (ND)? Moore – Quem patenteou \emptyset foi **a universidade** (ND), mas **o dr. Golde** (ND) fez **um acerto** (NI) com **ela** (AD). Tanto **o médico** (AD) como **a universidade** (AD) lucraram com **a venda** (AD) **das minhas células** (ND). **Um laboratório** (NI) comprou o direito de usá-**las** (AD), pesquisá-**las** (AD), reproduzi-**las** (AD)...Na prática, isso significa que **eles** (AD) lucraram indevidamente com **alguma coisa** (NI) que era minha, parte do **meu corpo** (ND) (NEVES, 2013, p. 89-90, grifos da autora)

Segundo a autora, esses tipos de referenciação, o anafórico e indeterminado é o que menos ocorre. Isso acontece porque as categoriais anafórico e indeterminado “são as menos compatíveis e o tipo constituído pela conjunção de ambas deve estar restrito a menor variedade de contextos” (NEVES, 2013, p. 90).

Tomasello (1998) trata da questão da informatividade no nível oracional e cita a pragmática e a semântica como duas questões básicas para a função comunicativa, pois, para o autor, sempre o locutor fala de algo e ao mesmo tempo ajusta a fala conforme o outro e as intenções comunicativas para aquele contexto.

O autor cita como exemplo de uma escolha nominal a categoria dos substantivos: dependendo do contexto, o locutor pode especificar e falar de um *cachorro* em particular ou pode falar de um modo geral. Isso irá depender do conhecimento compartilhado entre os interlocutores. Caso os interlocutores compartilhem o mesmo conhecimento, pode ser usado um artigo definido junto com a palavra *cachorro*, ou uma descrição do animal e até mesmo o nome dele. Contudo, se eles não estão falando de um *cachorro* em particular ou se não

compartilham do mesmo conhecimento, podem usar somente o substantivo *cachorro* ou *um cachorro*, acompanhado de artigo indefinido.

Sendo assim, o conteúdo da fala é um exercício de natureza semântica e a maneira como o discurso está organizado a fim de atingir o objetivo, é de natureza pragmática.

Tomasello (1998) acrescenta que as construções de orações básicas também são permeadas pela natureza semântica e pragmática e será a demanda da circunstância comunicativa que influenciará na maneira como o locutor organizará o seu discurso. Para exemplificar, ele cita as seguintes orações:

Pete abriu a porta com a chave. A chave abriu a porta. A porta abriu. A porta foi aberta (por Pete). Foi Pete que abriu a porta. Foi a porta que se abriu. O que aconteceu foi que Pete abriu a porta. O que aconteceu foi que a porta se abriu (TOMASELLO, 1998, p. 15)⁹.

Cada oração dessas pode ser usada em uma circunstância comunicativa diferente e irá depender de qual será o foco ou a ênfase pretendida pelo autor. Ele pode dar ênfase à *chave*, a *Pete* ou, ainda, à *porta*. O autor ressalta ainda que a organização do discurso depende do conhecimento compartilhado entre os interlocutores. Nas orações *a porta abriu* ou *a chave abriu a porta*, por exemplo, os interlocutores sabem qual é a *porta* a que se referem, pois não há especificações a respeito *da porta* ou *da chave* e, portanto, os interlocutores partilham do mesmo conhecimento. A diferença dessas orações estaria, então, no foco discursivo.

e) Perspectivação

Tomasello (1998) relaciona a informatividade à perspectivação, que seria o ponto de vista, a percepção conceptual do acontecimento no mundo e não somente a percepção física. Bertoque (2014, p.133) elucida ainda que a perspectivação “está relacionada à perspectiva que um indivíduo tem sobre algo e a maneira como esse indivíduo representa essa ‘visão’ linguisticamente”. Ao

⁹ Pete opened the door with the key./ The key opened the door./ The door opened./The door was opened (by Pete)./ It was Pete that opened the door./ It was the door that opened./What happened was Pete opened the door. /What happened was the door opened.

fazer as escolhas linguísticas, ele ordena as informações conforme o ponto de vista dele a respeito do acontecimento e, por isso, a perspectivação orienta a maneira como o material linguístico será sintaticamente disposto, que dependerá da percepção conceptual do locutor.

Langacker (2008) afirma que a perspectivação é o arranjo da visualização assumido em relação a um evento no mundo. A maneira como locutor organiza as estruturas conceptuais irá influenciar na organização linguística.

Sobre isso Bertoque (2014) e Langacker (2008) exemplificam por meio de várias frases diferentes disposições dos elementos linguísticos em uma oração. Langacker (2008) explica que a ordenação dos elementos linguísticos depende do “ponto de vista” (PV), “trajetor” (TR) e “marco” (M). O “ponto de vista” é a “visão do observador”, o “trajetor” é a “entidade em movimento” e o “marco” é o “referente”. O seguinte esquema exemplifica essa ordenação:

PV₁ > _____ (montanha) _____ (cidade) <.....PV₂

PV₁ a. A montanha (TR) está na frente da cidade (M).

PV₁ b. A cidade (TR) está atrás da montanha (M).

PV₂ a. A cidade (TR) está na frente da montanha (M).

PV₂ b. A montanha(TR) está atrás da cidade (M).

Segundo Langacker (2008), a linha pontilhada representa o ponto de vista do observador que irá guiar a visão do interlocutor acerca do trajetor e do marco. Nas duas primeiras orações, temos a ordenação linguística a partir do ponto de vista do primeiro observador, já nas outras duas temos o ponto de vista do segundo observador. Esse ponto de vista pode ser real ou fictício, pois o observador pode imaginar uma cena hipotética ou pode descrever uma cena real. Em síntese, será o ponto de vista que irá influenciar na maneira da disposição dos argumentos na oração.

Bertoque (2014, p.136) explica que a perspectivação está altamente atrelada a “um foco, um tópico, uma configuração de figura e fundo, especificando ou não os termos que se relacionam com o predicado”. O preenchimento ou não das casas argumentais de um verbo está relacionado, por

exemplo, ao fato de que a valência sintática e a valência semântica serão determinadas pela valência pragmática. Um exemplo disso, são as orações “eu comprei um carro”, “comprei um carro” ou apenas “comprei”, maneiras diferentes de combinar e organizar os constituintes da oração decidido no uso, através da perspectivação.

Segundo Tomasello (2003), os símbolos linguísticos se tornam realmente únicos de um ponto de vista cognitivo porque cada símbolo incorpora uma perspectiva particular e, com isso, pode ter várias interpretações. O autor cita como exemplo a *rosa*, que ao mesmo tempo pode ser uma flor e um presente.

Dessa maneira, quando se diz que *uma rosa* pode ser um presente, induz-se o outro a ver sob essa mesma perspectiva, pois fatores cognitivos e sociais são ativados pela linguagem. O mesmo não aconteceria na referência a *uma pedra comum*, por exemplo, como um presente, pois *uma pedra* não é aceita socialmente como tal. Caso fosse *uma pedra preciosa*, a perspectiva já mudaria.

Em resumo, a LFCU é um modelo de abordagem linguística que traz princípios tanto da Linguística Funcional norte-americana quanto da Linguística Cognitiva e estuda a língua por meio das motivações discursivo-pragmáticas e semântico-cognitivas. Além disso, compreende que as estruturas linguísticas são construídas a partir de esquemas cognitivos que são aprendidos quando o falante começa a usar a língua. É pelas experiências sociais que a língua é categorizada e as novas construções gramaticais surgem do uso daquela em contexto. Os usuários da língua recorrem a estratégias e habilidades cognitivas que também são usadas em tarefas que não são linguísticas (FURTADO DA CUNHA et. al., 2011).

O entendimento de que há estratégias e habilidades cognitivas para formar novas construções gramaticais leva à incorporação da Gramática de Construções à abordagem da LFCU. Além disso, essas teorias se aproximam pelo fato de que a abordagem centrada no uso e a Gramática de Construções conceberem a língua como uma rede complexa de construções que podem estar em todos os níveis da língua.

1.2 Gramática de Construções: uma tendência de análise

Nomes importantes da Gramática de Construção que orientam esta dissertação são Bybee, Perkins e Pagliuca (1994), Croft (2001), Fillmore (1985), Goldberg (1995), Goldberg e Jackendoff (2004), Martelotta (2011), Rios de Oliveira (2012, 2015), Rosário (2015), Traugott e Trousdale (2013), entre outros.

Fillmore (1985) foi o introdutor da noção de “construção”, entretanto, atualmente, as reflexões de Goldberg (1995) são a fonte principal das análises na perspectiva construcional da linguagem, por tratar da organização linguística básica como as estruturas argumentais e por ter comprovado que as estruturas linguísticas apresentam significados relacionados à experiência humana.

Traugott e Trousdale (2013, p. 31) afirmam que “na verdade, ‘construção’, em linguística histórica, tem sido associada, principalmente, ou mesmo exclusivamente com a sintaxe e não com o léxico”. Para esses autores, “construção”, no início dos estudos construcionais, em uma noção ligada a contexto de mudança e somente na obra publicada por Bybee, Perkins e Pagliuca (1994) que “construção” significa um pareamento de forma e significado. Aproxima-se, assim, da noção atual, concebida no âmbito do aparato teórico da Gramática de Construções, apesar de não postularem ainda uma visão de gramática. Isso porque esses autores não tinham em mente uma gramática de pares de forma-significado, mas forneciam uma visão teoricamente articulada de tal gramática (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013).

Atualmente, vem crescendo, no exterior e no Brasil, o número de pesquisadores funcionalistas que analisam os usos da língua sob uma perspectiva construcional. Esse diálogo promove uma ligação maior entre postulados funcionalistas e cognitivistas (de base funcional) e oferece condições para se analisar unidades que abarquem um escopo maior de análise que o item lexical ou a palavra, por exemplo, enfatizados no Funcionalismo clássico.

Segundo Rios de Oliveira (2012), a Gramática de Construções é uma forte tendência para a análise e a descrição de processos de mudança como a gramaticalização, por exemplo, porque muitos fenômenos precisam ser analisados não sob o viés distintivo entre léxico e gramática, mas padrões construcionais ritualizados e que ganharam um novo significado a partir da sua formação. Entretanto, devem ser considerados além da soma entre os elementos constituintes. Rios de Oliveira (2012, p. 142) afirma, por exemplo, que, “se a gramaticalização é assumida como uma emergência de um determinado padrão

construcional [...], então os estudos funcionalistas devem dar conta da definição e do tratamento dos usos linguísticos enquanto instâncias construcionais”.

Quanto à gramaticalização, Traugott (2008) a compreende como uma mudança básica que, muitas vezes, promove a reorganização dos aspectos centrais da língua, tanto sintagmáticos quanto paradigmáticos.

Rios de Oliveira (2015) reconhece que a Gramática de Construções é uma promissora alternativa para as pesquisas funcionalistas por considerar o contexto e promover a interface funcionalismo-cognitívismo. Além do mais, as análises na perspectiva da Gramática de Construções tratam tanto das dimensões da forma quanto do sentido, incorporam e controlam a dimensão contextual. E isso, segundo a autora, ajuda a conferir um rigor teórico-metodológico para os estudos da LFCU.

Ao caracterizar a Gramática de Construções, Goldberg e Jackendoff (2004, p. 532-533) dizem que

Na visão construcional: a. Há um cline dos fenômenos gramaticais desde o mais geral ao mais idiossincrático; b. Tudo neste cline está estabelecido num formato comum, desde o mais particular (como palavras individuais), até para o mais geral (como as posições dos verbos), com várias sub regularidades entre os princípios. Dessa maneira, não se determina divisão entre léxico e regras; c. No nível da sintaxe da frase, as partes ligadas aos seus sentidos de forma convencional e parcialmente idiossincráticas são construções¹⁰.

Os autores entendem que a Gramática de Construções estuda a língua dentro de um *cline* que envolve desde o estudo de uma palavra até um esquema mais abstrato. Isto é, entendem que construções podem existir tanto num nível mais específico quanto num mais geral. Ademais, os estudos na perspectiva da Gramática de Construções integram a LFCU porque envolvem a língua em uso e analisam que esses usos possuem motivações estruturais, cognitivas e sócio-históricas. Além disso, a Gramática de Construções considera que um processo de mudança como a gramaticalização, por exemplo, deve ser estudado a partir de instâncias construcionais e conceitua a construção como unidade básica da

¹⁰ The constructional view a. There is a cline of grammatical phenomena from the totally general to the totally idiosyncratic; b. Everything on this-cline is to be stated in a common format, from the most particular such as individual words, to the most general, such as principles for verb position, with many subregularities in between. That is, here is no principled divide between ‘lexicon’ and ‘rules’; c. At the level of phrasal syntax, pieces of syntax connected to meaning in a conventionalized and partially idiosyncratic way are captured by CONSTRUCTIONS.

língua (LACERDA; OLIVEIRA, 2015). Traugott (2008, p.219-220) compreende as construções como objetos teóricos para assimilar associações sistemáticas entre forma e significado, além disso

[ela] considera que as construções, concebidas nas tradições recentes da Gramática de Construção (por exemplo, Goldberg, 1995; Kay; Fillmore, 1999) e, especialmente, a Gramática Radical de Construções (por exemplo, Croft, 2001), formem parte (ou possivelmente toda) da construção dos blocos da gramática.¹¹

Já a Gramática Radical de Construção, postulada por Croft (2001), propõe a seguinte estrutura simbólica para a construção:

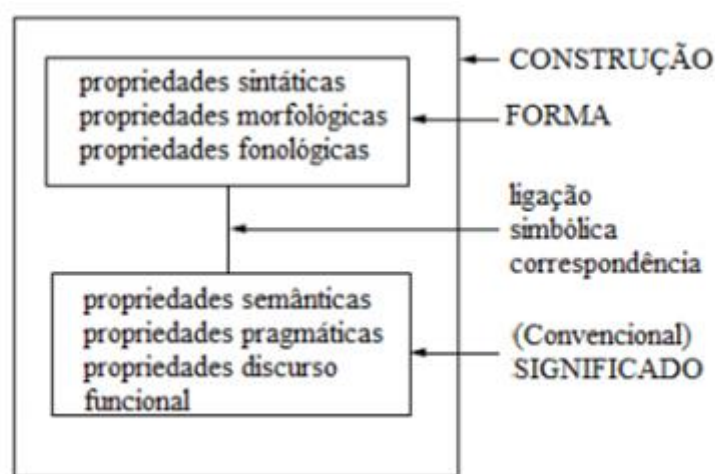


Figura 1: Modelo da estrutura simbólica de uma Gramática de Construção Radical (Fonte: Croft, 2001, p. 18)

Para Croft (2001), uma construção é constituída pelo pareamento de forma e significado. A forma comporta elementos sintáticos, morfológicos e fonológicos. O significado comporta componentes semânticos, pragmáticos e discursivo-funcional. Entre forma e significado, há um elo, uma correspondência simbólica que torna possível haver mudanças tanto em um quanto noutro elemento do par. Com esse esquema, Croft (2001) demonstra como a forma é perfeitamente adequada ao significado.

Além disso, ele entende as construções como unidades fundamentalmente simbólicas, ou seja, são unidades porque são constituídas

¹¹ I assume that constructions, conceived in recent traditions of Construction Grammar (e.g., Goldberg, 1995; Kay; Fillmore, 1999), and especially Radical Construction Grammar (e.g., Croft, 2001), form part, possibly all, of the building-blocks of grammar.

por um entrincheiramento de forma e significado e simbólicas por serem uma representação cognitiva. Nessa concepção, “significado” traz os aspectos convencionalizados, incluindo: os componentes semânticos da situação descrita pelo enunciado; o conteúdo; os papéis semânticos; as propriedades do discurso em que os enunciados se constituem por meio dos elementos que contribuem para a progressão temática do texto além de trazer relações que refletem aspectos conceituais, representacionais e informacionais. “Significado” abarca também os componentes pragmáticos, relativos aos interlocutores, que irão transmitir a intersubjetividade, subjetividade, objetividade, entre outros aspectos.

Segundo Traugott (2010), a subjetividade está presente tanto na estrutura macro quanto na microestrutura da língua, porque interfere no domínio de certas estruturas sintáticas e também na organização gramatical do discurso. Na macroestrutura é vista como algo inerente à língua e na micro a expressão da subjetividade acontece via categorias linguísticas como a evidencialidade, que é a maneira como o falante codifica suas fontes de informação, ou seja, que tipo de evidências ele têm para o que afirma, como, por exemplo, ele pode usar “ouvi dizer”. Além da evidencialidade, há a modalidade epistêmica que indica a expressão, crença, opinião do falante em relação ao que ele declara, por exemplo, “acho que”.

A subjetivização é mais presente na gramaticalização do que na lexicalização. Isso acontece porque na gramaticalização o falante pode marcar sua perspectiva através do tempo, aspecto, o humor, entre outros. Entretanto, Traugott (2010) destaca que isso pode mudar de uma língua para outra. Traugott e Dasher (2002, p. 22) declaram que “a subjetividade é um pré-requisito para a intersubjetividade, na medida em que a atitude do falante/escritor em relação ao ouvinte/leitor é uma função da perspectiva do falante/escritor”¹².

Os autores afirmam que em um *continuum*, subjetividade e objetividade são vistas em polos opostos e que a linguagem objetiva é frequentemente associada a aquela que o ponto de vista do falante não é explicitamente codificado e que, por várias vezes, são mencionados como exemplo de linguagem objetiva a linguagem científica ou a prosa “clássica” que é aquela

¹² Subjectivity is a prerequisite to intersubjectivity, inasmuch as SP/W's attitude toward AD/R is a function of the perspective of SP/W.

orientada para a verdade tendo um “escritor invisível”. Ainda segundo Traugott e Dasher (2002), as expressões mais subjetivas tem algumas características, entre elas, o fato de trazer algo mais declarativo, com quase nada marcado em relação à modalidade.

A subjetividade, conforme Rios de Oliveira e Votre (2009, p. 104), diz respeito aos fatos de os “emissores se utilizarem de termos referenciais para a expressão de sentidos relativos a seu estado interno, crenças, valores e afins”. Envolve expressão pessoal, própria e a representação da perspectiva do falante em que não há somente a seleção do conteúdo, mas também da forma, o modo como o discurso será reproduzido, feito isso de maneira consciente ou não, a sua perspectiva em relação aos eventos no mundo e a maneira como irá dispor linguisticamente, é a sua impressão, sua marca como falante.

Benveniste (1971) e Lyons (1977) afirmam que o simples ato de comunicar já prevê intersubjetividade porque o “eu” é constituído em parte pela conceptualização do outro membro da díade comunicativa “tu”. A intersubjetividade diz respeito à utilização de termos referencias para produzir sentidos orientados para o interlocutor, com vistas à sua adesão ou anuência ao que é declarado (RIOS DE OLIVEIRA; VOTRE, 2009, p. 104). O foco recai no interlocutor e nas suas reações ao que está sendo dito. Um marcador de reconhecimento e atenção do destinatário no PB é “por favor”.

Traugott (2010) afirma que é pela intersubjetividade que há a mudança linguística tendo em vista que é através dela que a reanálise dos significados pragmáticos acontece em um contexto de interação entre os interlocutores. A intersubjetividade acontece via processo de semanticização, quando os novos significados são convencionalizados, codificados e formam um novo par de forma-sentido.

Ainda em relação ao componente pragmático, Croft (2001, p.19) cita como exemplo, o uso de uma construção instanciada por *Que belo gato!* Para transmitir surpresa ou ironia. Já em relação ao componente discursivo-funcional, o autor cita o uso do artigo definido para indicar que o objeto referido é conhecido tanto pelo falante quanto pelo ouvinte.

Em relação à forma, temos três elementos, a saber, o sintático, morfológico e fonológico. Para Croft (2001, p. 20), “a estrutura interna de uma construção é a estrutura morfossintática de orações que instanciam as

construções”.¹³ Ele afirma isso porque, além de analisar a construção sob o viés sintático e semântico, explora também a oração por meio da sintaxe e da semântica, mostrando como a semântica também influencia na formação sintática de uma oração, ou seja, como a disposição sujeito e predicado também sofre influências de sentido, por exemplo. Ele afirma que a própria oração pode ser considerada uma construção, pois, “uma oração intransitiva simples como Heather canta é uma INSTÂNCIA da construção intransitiva” (CROFT, 2001, p. 21, grifo do autor)¹⁴.

O elo entre as propriedades formais e significativas ajuda a compor a construção como um todo, como demonstra a figura 1 da página 38 “Modelo da estrutura simbólica de uma Gramática de Construção Radical”. Quanto à sua extensão, Martelotta (2011) explica que uma construção

cobre uma grande variedade de unidades linguísticas, distribuindo-se num *continuum* que engloba desde morfemas simples, passando por palavras multimorfêmicas, expressões idiomáticas, sintagmas fixos com significado composicional, até padrões sintáticos abstratos (MARTELOTTA, 2011, p. 85, grifo do autor).

Desse modo, analisar a língua tendo como base a construção implica entender que a distinção entre os tipos construcionais não se dá de forma estanque, separada, mas em um *continuum*, e que se pode analisar como construção desde um morfema simples até um padrão sintático complexo, por serem estruturas simbólicas convencionalizadas e, por isso, podem mudar.

Como exemplo de padrão sintático complexo, temos o estudo de Barros (2016) que descreve e analisa a voz reflexiva na língua em uso tanto na modalidade escrita quanto na falada no PB, em uma perspectiva pancrônica. A relevância dessa pesquisa decorre da necessidade de estudos mais sistematizados acerca da mudança na configuração da voz reflexiva prototípica no PB contemporâneo.

A autora comprova que não há marcação pronominal na voz reflexiva prototípica no PB nas duas modalidades. Além disso, colabora também para o entendimento das mudanças no PB, verificando a produtividade dessa mudança

¹³ The internal structure of a construction is the morphosyntactic structure of sentences that instantiate constructions.

¹⁴ a simple intransitive sentence like Heather sings is an INSTANCE of the Intransitive construction.

para os níveis de organização da língua e para a funcionalidade discursiva inerente à interação verbal. Barros (2016) esclarece que os resultados da análise de sua pesquisa indicaram que houve alterações na maneira de estruturar a voz reflexiva, além dos traços semânticos do agente e do paciente que conseqüentemente provoca transformações na rede construcional da voz, ampliada por pressões semântico-pragmáticas, compondo um caso de construcionalização.

Dessa maneira, a perspectiva construcional contempla a língua em uso e tem como unidade de análise a construção e não itens lexicais independentes, porque entende que os signos são um pareamento de forma e significado que pode ocorrer em qualquer nível fonético, morfológico, sintático. Primeiramente, as construções são unidades porque alguns aspectos do signo são tão frequentes ou tão peculiares que formam um par de forma-significado na mente do usuário da língua. São simbólicas pelo fato de serem signos e apresentar uma associação arbitrária de forma e significado, na constituição interna da construção. E, por fim, são convencionais porque são compartilhadas pelos falantes.

Devido a essa visão peculiar das unidades simbólicas, os autores concebem e estudam a língua como uma rede de construções cognitivamente interligada, uma vez que uma construção se liga a outra, fazendo a tessitura da rede construcional que constitui a gramática das línguas. É pelo movimento da língua, que é dinâmico e fluido, que os nós dessa rede se configuram, ou seja, os nós são as construções.

Segundo Traugott e Trousdale (2013), a construção tem uma ligação bidirecional da forma e do significado: o significado influencia na forma e a forma influencia no significado. Fazem parte da forma, “SYN (taxe), MORPH (ologia) e PHON (ologia)” e do significado “DIS(curso), SEM(ática) e PRAG(mática)” (TRAUGOTT;TROUSDALE, 2013, p.8)¹⁵. Os autores representam a construção através deste modelo:

¹⁵ Here F is short for Form; as needed we may specify SYN(tax), MORPH(ology), and PHON(ology). M is short for Meaning; as needed we may specify DIS(course), SEM (antics), and PRAG(matics). SYN, MORPH, PHON, DIS, SEM and PRAG are ‘features of a construction’.

[[F] ↔ [M]]

Figura 2: Representação das construções (Traugott e Trousdale, 2013).

Os autores explicam que a seta dupla demonstra a relação entre forma e significado e os colchetes denotam que o pareamento forma-significado é uma unidade convencionalizada.

Para Traugott e Trousdale (2013), a construção pode ser considerada em termos de várias dimensões gradientes, a saber *tamanho*, *grau de especificidade fonológica* e *tipo de conceito*. Em relação ao *tamanho*, a construção é classificada como *atômica*, *complexa* ou *intermediária*. É *atômica*, quando é formada por apenas um morfema, *complexa*, quando é formada por “pedaços” analisáveis e, *intermediária* quando é formada por morfemas parcialmente analisáveis.

Em português, *vermelho* e *data*, por exemplo, são *atômicas*; *mexer os pauzinhos* e *em cima de* são *complexas* e como, exemplo de uma construção *intermediária*, o *quero lá*, pois o significado do verbo *querer* permaneceu enquanto do locativo *lá* modificou, e desenvolveu a função pragmático-discursiva de convencimento, convocação ou persuasão, e, por isso, apresenta um significado mais opaco (TEIXEIRA; OLIVEIRA, 2012).

Traugott e Trousdale (2013) também reconhecem que uma construção pode ser analisada pela dimensão *grau de especificidade fonológica*, o que está relacionado ao caráter de ser *substantivo*, *esquemático* ou *intermediário* de uma construção.

A construção é do tipo *substantiva* quando não há um *slot*, isto é, um espaço que possa ser preenchido com outras construções, por exemplo, *vermelho* e *dia*. Quando a construção é *esquemática*, há *slots*, isto é, a construção apresenta casas para ser preenchida com outras construções. É um esquema totalmente abstrato, por exemplo, o esquema de ordenação frasal (SVO). É *intermediária*, quando há um *slot*, mas há também uma parte fixa, ou seja, é metade *substantiva* e metade *esquemática*. Por exemplo, *X-mente*, como, *felizmente* ou ainda *bel[o]*, que pode ser *bel[a]*, *bel[as]*.

Quanto ao *conceito* que expressa, a construção pode ser de *conteúdo*, *procedural* ou *intermediária*. De acordo com Traugott e Trousdale (2013), a construção *com conteúdo* seria mais ligada ao léxico, como, por exemplo, os

verbos plenos, os substantivos e os adjetivos. Já a *procedural* está mais relacionada à gramática, o significado das construções procedurais é mais abstrato, geralmente, elementos com funções gramaticais e marcadores discursivos. A construção *intermediária* tem ligação tanto com o léxico quanto com a gramática.

Os autores trazem como exemplos prototípicos de construções de conteúdo as palavras, do inglês, *data* e *dropout*, e como procedural o *-s* marcador de terceira pessoa ou substantivo plural e para exemplificar a construção intermediária apresentam a construção *way* que tem a função de substantivo e de advérbio e, por isso, apresenta características ligadas ao conteúdo e à gramática. Em português, temos como exemplo de construções de conteúdo as palavras *casa* e *mesa*, procedural *um* e intermediária a modalização.

Essa classificação em relação ao conceito é concebida na forma de “*cline* (GOLDBERG; JACKENDOFF 2004) ou gradação (LANGACKER 2011 apud TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p.12)”¹⁶, ou seja, uma construção lexical pode vir a exercer uma função mais gramatical e essa mudança acontece de forma gradiente.

A noção de *cline* é útil para a compreensão de processos de mudança, analisados a partir do traço ou propriedade que permanece no desenvolvimento de uma forma alvo a partir de uma forma fonte, como é o caso de uma construção mais lexical para uma mais gramatical, como, por exemplo: “Ela *chegou* em casa” para “[...] vê que tá *chegando* ameaçar aquelas dorzinha [...]” (RODRIGUES, 2006, p. 44, grifo nosso).

Na primeira oração, o verbo *chegar* está sendo usado na acepção mais lexical, um verbo pleno que indica um movimento no espaço. Já na segunda oração, o verbo está no seu sentido mais abstratizado, apresentando um movimento fictício para um lugar abstrato, como esclarece Rodrigues (2006). Esses usos do verbo *chegar* constituem um *cline* de abstratização e compartilham propriedades semânticas relativas a movimento e espaço.

Traugott e Trousdale (2013) entendem que a língua é uma rede formada por construções. Essa rede é estruturada pelo conhecimento individual, de uma

¹⁶ However, the architecture of construction grammar puts lexicon and grammar on a ‘cline’ (Goldberg and Jackendoff 2004: 532) or ‘gradation’ (Langacker 2011: 96).

comunidade de fala, juntamente com o conhecimento coletivo. Os nós dessa rede estariam ligados a outros nós via semântica, sintaxe, conhecimento cognitivo, cultura, enfim, a ligação pode ocorrer em um desses campos ou até mesmo pela junção deles (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013).

Já a linguagem, segundo essa perspectiva, seria a atualização discursiva, ou seja, tudo que envolve a interação, a rede de contextualização. É por meio da linguagem que o falante atualiza o discurso, fazendo surgir os novos nós na rede construcional, com novas ligações.

A figura a seguir exemplifica como um subsistema dos modificadores da língua é vista na perspectiva da Gramática de Construções, ou seja, a partir de uma visão da língua constituída em rede.

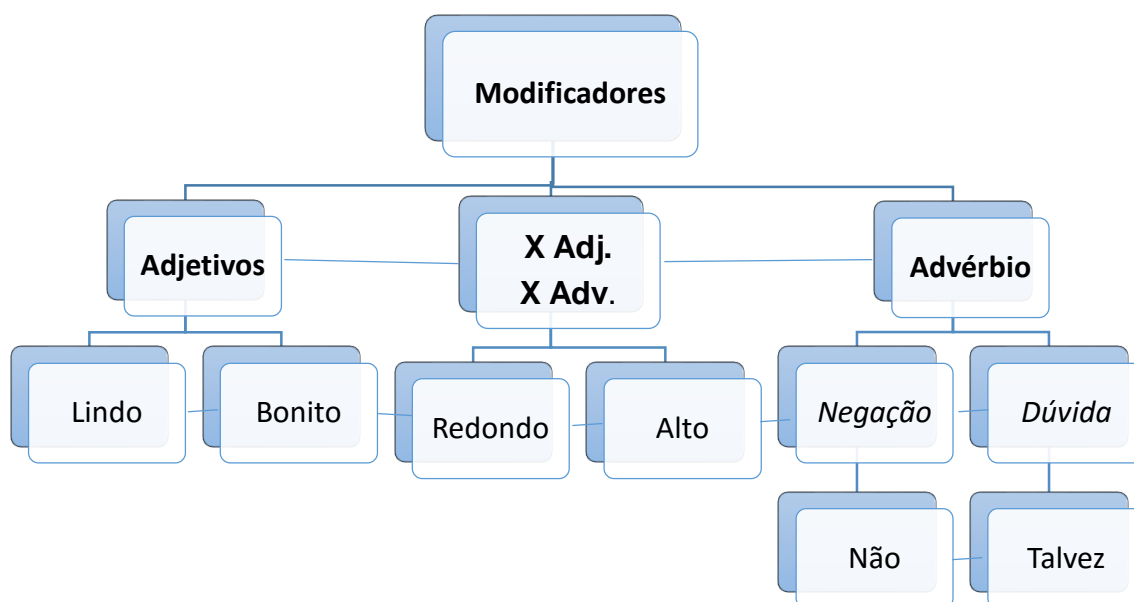


Figura 3. Exemplo de uma pequena rede conceitual

Essa figura tem como base o esquema esboçado por Traugott e Trousdale (2013), mais especificamente, ela apresenta um exemplo de uma pequena rede conceitual dos modificadores. Está organizada hierarquicamente da “supercategoria” para a “subcategoria”. As linhas representam as associações entre os conceitos. A “supercategoria” dos “modificadores” que instanciam as subcategorias “adjetivos” e “advérbios”. São exemplos prototípicos da subcategoria “adjetivos”, *lindo* e *bonito*, e dos “advérbios” *não* e *talvez*, enquanto *redondo* e *alto* são exemplos periféricos, pois podem funcionar, dependendo do contexto, como “adjetivos” ou como “advérbios”. Por exemplo, em *Ele falou alto*

e *Ele é um homem alto*, na primeira oração o *alto* funciona como advérbio, especificando a maneira como algo foi falado, enquanto na segunda oração é um adjetivo, atribui característica ao sujeito.

A língua é vista como uma rede por ser formada por categorias que estão ligadas umas às outras pelo aspecto conceitual. Essas ligações não são fixas, podem ter alterações durante o uso da língua, havendo um distanciamento entre uma categoria e outra. Esse distanciamento é medido com base nas características.

Analisando a rede conceitual esboçada anteriormente, podemos dizer que o protótipo da subcategoria dos adjetivos é, por exemplo, *bonito*, porque ele é o membro que carrega consigo mais traços dessa subcategoria, podendo ser recrutado pelos falantes em contextos semelhantes. Dessa maneira, é pelo membro prototípico que se medem os outros membros para checar o grau de prototipicidade ou não dos elementos pertencentes à categoria.

A língua, na abordagem da Gramática de Construções, também é organizada hierarquicamente em esquema, subesquema e microconstrução. Traugott e Trousdale (2013) atrela à análise dessa hierarquia aos fatores de *esquematicidade*, *produtividade* e *composicionalidade*, envolvidos em vários tipos e fases de mudança linguística.

Primeiramente, deve-se compreender que *esquema*, *subesquema* e *microconstrução* não são absolutos e podem ter alterações ao longo do tempo. Para entender cada distinção hierárquica, começamos pelos *construtos* que são *tokens* comprovados pelo uso em uma situação comunicativa particular. Os *construtos* são ricos e possuem grande significado pragmático. Eles são o *lócus* da inovação individual e da convencionalização subsequente, podem ser falados ou escritos e ajudam a moldar a representação mental da linguagem (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013).

Depois, temos a *microconstrução* que são membros-*type* de esquemas mais abstratos e são instanciadas no uso pelos *construtos*. Portanto, a *esquematicidade* da língua se refere a níveis de generalizações ou especificações, pois é bidirecional. A figura a seguir traz setas para cima para exemplificar a abstração, generalização e uma relação hierárquica entre as construções. Já as setas para baixo indicam que a mudança acontece por

analogização, em que um esquema virtual fornece subsídios para criação de novos usos linguísticos.

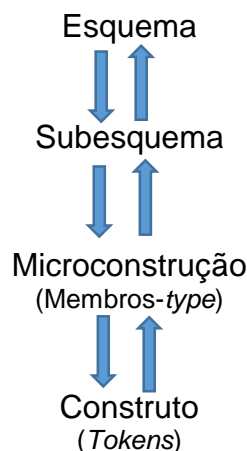


Figura 4. Trajetória da mudança construcional, baseada em Traugott (2008).

Em uma construção, a *esquematicidade* pode revelar padrões mais gerais de abstração e pode ser identificada por meio dos *slots*, espaços abertos que podem ser preenchidos por novas construções. Assim, quanto mais esquemática for uma construção, mais abstrata ela é e mais construções podem preencher os *slots* abertos por uma construção.

Já a *produtividade*, é gradiente e diz respeito à frequência da construção. A produtividade refere-se

a esquemas parciais e diz respeito a: i) capacidade de extensão dos esquemas quando sancionam construções menos esquemáticas (BARDDAL, 2008 apud TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 17); ii) limitação desses esquemas por construções menos esquemáticas (BOAS, 2008 apud TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 17)¹⁷.

Traugott e Trousdale (2013) explicam produtividade pela frequência *type* e *token*. Os autores definem a frequência *type* como a frequência da construção, e a frequência *token* como a frequência do construto. Frequência *type* e frequência *token* não são compatíveis, porque podem ter vários usos (*tokens*) com poucos modelos (*type*) ou vários modelos com poucos usos. Além disso, a produtividade não é previsível, podendo ter um padrão não produtivo por muito

¹⁷ It pertains to (partial) schemas and concerns i) their 'extensibility' (Barðdal 2008), the extent to which they sanction other less schematic constructions, and ii) the extent to which they are constrained (Boas 2008, apud TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 17).

tempo e um padrão produtivo de curta duração. Exemplos de frequência *type* seriam *pois não*, *pois bem* que fazem parte do esquema *pois x* estudado por Lôbo (no prelo).

Como a *produtividade* refere-se à capacidade de extensão de uma construção, ela é medida por meio do seu nível de esquematicidade: quanto mais esquemática é uma construção, mais produtiva ela é, pois pode gerar novas construções. Um exemplo disso, é a primeira conjugação verbal em língua portuguesa. Novos verbos tendem a ser formados na primeira conjugação (escanear, deletar, fotografar). Esse padrão de conjugação, portanto, é mais esquemático e, conseqüentemente, mais produtivo que os demais.

O parâmetro da *composicionalidade* é medido semanticamente via sintaxe, ou seja, ao se produzir uma sequência convencional sintática, composicional, o ouvinte compreende o significado de cada parte, formando assim o significado do todo. Essas construções não composicionais, não há como depreender o significado do todo pela soma das partes, porque houve o que Traugott e Trousdale (2013) chamam de *chunking*, uma vinculação tal entre os componentes linguísticos de uma construção de modo que o significado não pode ser recuperado pela soma das partes.

Quando a construção é menos composicional, não há mais a possibilidade de inserção, inversão e/ou substituição das suas partes componentes. Em algumas situações, porém, há a possibilidade de verificar partes do significado. Um exemplo em português é a construção *sei lá*, que não possibilita a análise das partes, mas o todo. O verbo *saber* é, no entanto, mais recuperável do que o *lá*, o *lá* já está mais “desbotado” semanticamente, e assume o valor de “não” (OLIVEIRA; SANTOS, 2011).

A *composicionalidade* diz respeito, portanto, à transparência da relação entre a forma e o significado de uma construção, isto é, ao grau de aproximação da forma e sua correspondência semântica. Quanto maior o *slot* de uma construção, menor a correspondência entre forma e significado, pois haverá mais abstração. Quanto menor a abstração, maior a composicionalidade.

Os micropassos de uma mudança podem ser vistos de maneira gradiente pelos graus de sua esquematicidade, produtividade e composicionalidade de maneira não linear, pois uma mudança linguística é gerada por meio de novas representações mentais a partir de alguma construção já existente. Um dos

mecanismos para isso é o pensamento analógico e pode ser perceptível em uma análise diacrônica dos usos da língua. Quanto maior a esquematicidade e a produtividade e menor a composicionalidade, a mudança está mais próxima de ser consolidada.

Bagno e Casseb-Galvão (2016, no prelo) definem o pensamento analógico como o principal “mecanismo cognitivo motivador das mudanças linguísticas”. Ele atua em diversas “esferas de formação dos sistemas linguísticos” e por meio desse mecanismo pode-se ter uma mudança tendo como base construções já fixadas na língua e, por isso, também são aceitas pela semelhança com essas construções convencionalizadas.

Os autores seguem os postulados de Traugott e Trousdale (2013), pois diferenciam pensamento analógico de analogização. O pensamento analógico é aquele que motiva a mudança, é potencializador conceptual e linguístico para a mudança linguística. Já a analogização “identifica o mecanismo de mudança que provoca novas correspondências entre forma e significado, e leva a correspondências originariamente não existentes” (BAGNO; CASSEB-GALVÃO, 2016, no prelo).

Em linhas gerais, neste capítulo, fizemos uma breve explanação a respeito do funcionalismo clássico, passando pela LFCU até a Gramática de Construções. Todas essas abordagens são de base funcionalista da linguagem, mas cada de uma oferece subsídios para se analisar a língua a partir de um determinado enfoque, priorizando um ou outro aspecto da constituição sócio-discursiva e cognitivo-funcional da língua.

Muito especialmente, em relação à Gramática de Construções, trata-se de um modelo que segue postulados específicos e trata da mudança linguística a partir de fatores e dimensões relativos às construções. Uma vez que o fenômeno de análise contempla a mudança linguística, no próximo capítulo, aprofundaremos a análise desse aspecto da constituição linguística na Gramática de Construções.

CAPÍTULO 2

Mudança linguística sob o viés da Gramática de Construções

Temos como objetivo neste capítulo apresentar a perspectiva da Gramática de Construções a respeito da mudança linguística. Para isso, pautamo-nos em autores como Barros (2016), Bybee (2010), Brinton e Traugott (2005), Gonçalves et al. (2007), Martelotta (2011), Rios de Oliveira e Votre (2009), Silva (2015), Traugott e Trousdale (2013).

Iniciamos este capítulo, trazendo a definição de mudança nessa abordagem teórica, depois apresentamos os mecanismos e os parâmetros de mudança por ela previstos. Principalmente, tratamos dos tipos de mudança e, em seguida, dos contextos de mudança.

Para Bybee (2010), a linguagem deriva de domínios gerais e a língua está sempre em processo de mudança. Ela entende que essa transformação acontece de maneira gradiente e sob a influência de vários fatores linguísticos e extralinguísticos, que contribuem para a formação complexa da linguagem.

Por entender a língua dessa maneira, Bybee (2010) inicia sua argumentação afirmando que as crianças não são as principais responsáveis pela mudança linguística, como afirmam os gerativistas, pois a mudança pode ocorrer em qualquer circunstância e em qualquer período da vida dos usuários.

Para Tomasello (2005), a aquisição da linguagem envolve processos cognitivos e funcionalistas, como: categorização, esquematização, generalização. As crianças são “seres cognitivos que procuram dar sentido à comunicação linguística que lhes é dirigida” (TOMASELLO, 2005, p. 190). Isto é, segundo o autor, as crianças consideram aspectos semânticos e pragmáticos e não apenas formais na hora da interação, porque constroem intenção comunicativa. Acrescentamos ainda que não somente as crianças, mas todos os falantes consideram esses aspectos e constroem tal intenção comunicativa na hora da comunicação.

Tomasello (2005) compreende que os seres humanos não adquirem a linguagem por meio da gramática universal, mas entende que a língua é

constituída por símbolos linguísticos com uma forma e uma função e são elaborados historicamente em uma comunidade pela gramaticalização e reconstruídos pelas crianças de modo individual, ontogeneticamente.

Ademais, o autor explica que o processo de gramaticalização é cultural-histórico e não biológico, sendo assim, é com o passar do tempo que as construções surgem, evoluem e acumulam modificações. Ele ainda acrescenta que é pelos vários processos discursivos (inferência pragmática, analogia) que os universais da linguagem se estruturam (TOMASELLO, 2005, p. 192).

Compartilhando dessa visão, Brinton e Traugott (2005) afirmam que “os jovens, em especial, são grandes responsáveis pela mudança linguística, pois, enquanto produtores do discurso, podem ser inovadores e também catalizadores de mudança (BRINTON; TRAUGOTT, 2005, p. 8)”¹⁸. Tais autoras reafirmam que a mudança acontece não por influência genética, mas cultural e, além disso, compreendem que os fatores extralinguísticos interferem nas formas das estruturas linguísticas, por serem eles provedores da mudança linguística.

Brinton e Traugott (2005) reconhecem a oposição existente entre as perspectivas gerativa e funcionalista, acerca da mudança linguística e afirmam que

essas duas concepções de gramática podem ser contrastadas quanto às suas abordagens da mudança linguística: para uma a mudança é abrupta, completa e interna na linguagem do falante, com inovação de uma geração para outra; Para a outra a mudança depende da variação e é gradual e moldada por fatores sociais e linguísticos. Estudos de gramaticalização e lexicalização têm se apropriado mais desta segunda abordagem de mudança linguística. (BRINTON; TRAUGOTT, 2005, p. 9)¹⁹.

Mais especificamente, Martelotta (2011) afirma que a LFCU compreende a mudança como algo que acontece de maneira regular, tanto em relação aos mecanismos que a influenciam quanto em relação à natureza dos elementos

¹⁸ On this view, not only the child as hearer, but also the adult (especially the young adult) as producer, can be the innovator and therefore the catalyst for change (see, e.g., Haspelmath 1999a).

¹⁹ These two conceptions of grammar are paralleled by opposing approaches to language change: one in which change is abrupt, complete, and language internal and may be equated with innovation (from one generation of speakers to another), and the other in which change depends upon variation, proceeds gradually, and is shaped by linguistic and social factors. Studies of grammaticalization and lexicalization have generally been carried out following the latter model of language change (BRINTON; TRAUGOTT, 2005, p. 9).

envolvidos, e que, além disso, a mudança, apresenta uma direcionalidade única, indo do mais concreto ao mais abstrato e do mais composicional para o menos composicional.

O autor explica que a direcionalidade da mudança não está apenas na mudança por gramaticalização, mas em qualquer mudança. Para exemplificar, podemos citar a construção *braço direito*, parte do corpo humano, acepção concreta e *braço direito*, pessoa de confiança, com um sentido mais abstrato, subjetivo e também menos composicional.

Martelotta (2011) acrescenta, ainda, que a LFCU entende haver motivações cognitivas e interativas para a mudança linguística e elas irão delinear possíveis caminhos que a alteração irá percorrer e, por isso, em algumas línguas, ocorrem certos casos de gramaticalização e, em outras, isso não acontece.

Segundo o autor, essas motivações atuam na mudança restringindo “os possíveis caminhos pelos quais ela pode se concretizar” (MARTELOTTA, 2011, p. 77). As motivações comunicativa e cognitiva agem juntas quando “os sentidos pragmáticos se tornam convencionalizados e reanalisados como polissemias semânticas” (MARTELOTTA, 2011, p. 79). Os sentidos se convencionalizam quando envolvem toda uma comunidade de fala e são reanalisados por meio dos vários sentidos que um uso pode ter, a depender de um contexto particular.

Na perspectiva da LFCU, a mudança linguística passou a ser investigada a partir de segmentos mais extensos e não a partir de um item, quando incorporou em seus estudos a abordagem construcional. Isso porque os pesquisadores analisam a mudança não de uma maneira isolada ou atômica, mas algo que afeta todos os itens envolvidos (RIOS DE OLIVEIRA; VOTRE, 2009).

Sendo assim, a LFCU acredita que a mudança precisa ser investigada no seu *lôcus* de produção e de modo a considerar aspectos pragmáticos-discursivos e cognitivos, por entender que esses aspectos influenciam na mudança e, por tal razão, precisam ser considerados na ocasião da análise.

Mais precisamente, a abordagem construcional propõe pelo menos três hipóteses fundamentais para a mudança. A primeira diz respeito à gramática, entendida como o conhecimento de um sistema linguístico específico da linguagem e com propriedades universais, tais como: organizar-se em redes, ser

hierárquica e apresentar uma relação de herança. Sendo assim, a gramática é entendida, em uma abordagem construcional, como algo holístico em que nenhum nível gramatical é autônomo, pois todos cooperam para uma construção. Além disso, a gramática é concebida de uma maneira hierárquica e em uma relação de herança, pois os “nós” – as microconstruções dessa rede – herdam algo de outro nó e, desse modo, tecem a rede linguística.

A segunda hipótese trata da mudança analisada no uso, cujo *lócus* é a construção, uma instância de uso. Dessa maneira, os estudos da LFCU são pautados em construções que podem abarcar desde um morfema até um provérbio ou mesmo uma construção com uma lacuna, como, por exemplo tomara que X, pois tem uma forma e um significado que podem ser usadas pelos falantes nas mais variadas situações de uso.

A terceira hipótese diz respeito à distinção entre mudança e inovação. Inovação é vista como algo individual, um potencial de mudança. Para que uma inovação venha a ser uma mudança, ela deve ter sido replicada na comunidade de fala, resultando assim em convencionalização (WEINREICH, LABOV; HERZOG 1968; ANDERSEN, 2001 apud TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p.2).

Dessa maneira, na perspectiva da LFCU, a mudança acontece no uso e em todo o tempo, por meio da interação entre os falantes. Ela não é transmitida pelas gerações, mas culturalmente. Nessa perspectiva, Traugott e Trousdale (2013) afirmam que a mudança “começa com uma nova representação na mente de um usuário da língua” (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p.21)²⁰. Para esses autores, a mudança segue alguns micropassos, como: a inovação, neoanálise, (um dos principais mecanismos de mudança segundo eles) analogização e depois convencionalização até chegar à construcionalização.

a) Inovação

A inovação acontece no indivíduo e é compreendida como um potencial para a mudança. Segundo Traugott e Trousdale (2013), para a mudança acontecer de fato, é necessário haver uma convencionalização, ou seja, a construção deve começar a ser usada por outros falantes na escrita ou na fala.

²⁰ It begins with a new representation in the mind of a language user.

Traugott e Trousdale (2013) explicam que há inovação quando uma mesma construção apresenta várias interpretações transitórias e, com o intuito de resolver a ambiguidade semântica, o falante irá fazer um *link* com alguma outra construção da rede linguística. Essa ligação pode ocorrer tanto pela forma quanto pelo conteúdo. O advérbio *ainda* é um exemplo de como o processo de inovação acontece, pois pode ser um advérbio de tempo e de concessão e, por isso, pode pertencer aos dois esquemas por meio da ativação da extensão de sentido. Por exemplo, na frase “Ela *ainda* está correndo”, *ainda* expressa tempo enquanto que “Não desistirei do treino *ainda* que todos desanimem”, *ainda* expressa concessão e, por isso, fez-se necessário estabelecer o *link* com os esquemas tempo e concessão.

b) Neoanálise

A neoanálise, por sua vez, age juntamente com a inovação e com a analogização, sendo também um dos mecanismos de mudança apontados por Traugott e Trousdale (2013). Estes explicam que usam “neoanálise” em vez de “reanálise”, como acontece nos estudos de gramaticalização clássica, porque “re-análise” pressupõe que o falante já apresentava a construção internalizada e depois realizou uma nova análise.

A “neo-análise” não pressupõe que o falante tinha a construção internalizada, mas apenas que ele tenha feito uma análise diferente da convencionalizada. Para os autores a “neoanálise” é um mecanismo mais importante e funciona como um pré-requisito para a mudança a partir da analogia. Segundo Lacerda e Oliveira (2015), a neoanálise decorre da negociação de sentido entre os falantes na interação, pois, com o intuito de haver uma melhor comunicação, os interlocutores estabelecem reformulações sintático-semânticas para tornar a comunicação mais vantajosa.

Ferreira (2015) apresenta como exemplo de neoanálise o uso de *onde* com um valor anafórico-discursivo de espaço, de tempo e até mesmo como um marcador discursivo. Para exemplificar, a autora menciona os seguintes trechos constantes do *Corpus D&G/Natal*.

(1) O meu forte mesmo é ampliar desenhos. *Onde* eu acho um desafio (...); (2) (...) eu tive que dividir com todos os amigos...depois disso... teve a noite *onde* foi escolhido o grupo de cinco pessoas mais ou menos (...); (3) (...) por quê? Porque tem dinheiro...*onde* a justiça do Brasil só é válida para os pobres (...). (FERREIRA, 2015, p. 65-66).

A autora explica que, no trecho (1), *onde* funciona como um elemento anafórico, retomando o que foi dito anteriormente e, dessa maneira, seria equivalente a *isto*. Já no trecho (2), *onde* se refere à *noite*, a um momento no tempo. E, em (3), exerce uma função textual, desempenhando um papel semelhante ao de um conector causal.

Nesse contexto, houve a neoanálise por parte do falante em relação ao uso de *onde* que, convencionalmente, representava espaço físico e no sentido mais abstratizado, obedece, segundo Ferreira (2015), o esquema *espaço > tempo > texto*.

c) Analogização

Já em relação à analogização, esta é diferenciada por Traugott e Trousdale (2013) do pensamento analógico, pois o pensamento analógico permite, mas pode ou não resultar em mudança. Já a analogização quando é aplicado na linguagem é um mecanismo ou processo de mudança que provoca novas correspondências de significado e de forma.

Compartilhando dessa visão, Bagno e Casseb-Galvão (no prelo) afirmam que a analogização é um mecanismo de mudança que “provoca novas correspondências entre forma e significado” e a aceitação social dessa mudança acontece devido à semelhança com construções já convencionalizadas. Sobre isso, Bybee (2010, p. 57) declara que

no contexto da Gramática de Construções, usa o termo analogia de uma maneira geral, entendendo-a como um processo pelo qual o falante começa usar um novo item numa construção. Dada a especificidade das construções e o modo como elas são formadas por meio da experiência com a língua, a probabilidade e a aceitabilidade de um novo item são gradientes e se baseiam na extensão de similaridade com usos antigos da construção²¹.

²¹ In the present context – that of usage-based construction grammar – I will use the term in this very general way: analogy will refer to the process by which a speaker comes to use a novel item in a construction. Given the specificity of constructions and the way they are built up through experience with language, the probability and acceptability of a novel item is gradient and based on the extent of similarity to prior uses of the construction.

A autora não faz uma distinção entre o pensamento analógico e analogização, como fazem Traugott e Trousdale (2013), contudo ela afirma que a analogia é um processo de domínio geral e que tem como pré-requisitos o conhecimento relacional e o alinhamento estrutural. Além disso, acrescenta que “os julgamentos de aceitabilidade sustentam o uso da analogia baseada no item em nova produção e compreensão”²² (BYBEE, 2010, p. 57).

Traugott e Trousdale (2013), por sua vez, afirmam que a analogização envolve neoanálise sempre, mas o contrário nem sempre acontece, pois pode haver neoanálise sem analogização. Para eles, a neoanálise é um mecanismo “primário no sentido de ‘mais importante’ porque abrange mais casos de mudança” (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 58). Segundo os autores, a mudança se inicia com uma nova representação na mente do usuário e a neoanálise seria o mecanismo responsável por essa nova representação, configuraria um micro-passo para a mudança estrutural.

Tanto a analogização quanto a neoanálise acontecem entre os interlocutores no momento da interação, envolvendo, assim, os mecanismos de subjetificação e intersubjetificação. O falante, ao usar um construto com um sentido diferente, faz o interlocutor também analisar aquele uso de uma maneira diferente, ou seja, é na interação que se faz a codificação linguística. Isso ocorre por meio da pragmática, pois é em um contexto específico de uso que o falante faz a nova leitura de um determinado construto. Segundo Martelotta (2011), a subjetificação e a intersubjetificação acontecem por dois mecanismos cognitivos: a metáfora e a metonímia. A metáfora é “um mecanismo de transferência entre domínios de conhecimento, que tende a caminhar no sentido concreto > abstrato” (MARTELOTTA, 2011, p. 80-81). Compartilhando do mesmo pensamento, Gonçalves et al. (2007, p. 42-43) associam a metáfora a

processos de (des)semantização e em gramaticalização, envolve a abstratização de significados, os quais, de domínios léxicos ou menos gramaticais, são entendidos metaforicamente para mapear conceitos de domínios gramaticais ou mais gramaticais. Essa abstratização diz respeito à forma como os seres humanos compreendem e conceituam o mundo que os cerca.

²² Acceptability judgements also support the use of item-based analogy in novel production or comprehension.

Portanto, é pela metáfora que se reportam conceitos mais concretos para algo mais abstrato, de uma compreensão mais difícil. Usam-se predicções preexistentes para contextos novos e se faz isso a partir da extensão de significado. Juntamente com o mecanismo metafórico age o mecanismo metonímico. Gonçalves et al., (2007, p. 47) conceituam metonímia como

[...] um tipo de inferência pragmática, uma ‘associação conceptual’ fundamentada no mundo discursivo, ou uma transferência semântica licenciada por contiguidade. É uma espécie de permuta que decorre do uso de uma palavra em uma frase na qual uma ideia, de alguma maneira ligada ao significado da palavra em questão, é passível de formar um elemento do contexto.

A metonímia age por contiguidade por meio do mesmo domínio conceitual. Ela atua no eixo sintagmático e resolve um problema de informatividade através do mecanismo da neoanálise, enquanto a metáfora atua no eixo paradigmático, atua pela analogia, resolve um problema de representação ao transferir um conceito de domínio conceptual por outro.

Em alguns casos de gramaticalização, a metonímia e a metáfora agem conjuntamente como, por exemplo, no usos de *às vezes* no seguinte contexto “Eu não sou do tipo que fica batendo na mesma tecla, por isso, **às vezes** nós temos que ignorar coisas que nós não gostamos na série pra poder falar do...” (CASSEB-GALVÃO; LIMA-HERNANDES, 2013, p. 72, grifo das autoras). O processo metonímico está presente nesse contexto por meio da inferência, pois podemos inferir que o locutor usou *às vezes* para suavizar a informação declarada ou ainda uma suposição dos fatos.

Juntamente com a suavização dos fatos, há a metaforização do tempo, porque de um item-fonte marcador de tempo, *às vezes* desenvolveu-se para uma marca de dúvida. “Em termos de rota unidirecional: tempo não contínuo > dúvida” (CASSEB-GALVÃO, LIMA-HERNANDES, 2013, p. 75).

Martelotta (2011), ao definir a metáfora, menciona os mecanismos de natureza metonímica, entendidos por ele como processos de natureza discursiva relativos à inferência sugerida e à implicatura.

O autor explica que, no contexto comunicativo, os interlocutores negociam os sentidos dos elementos linguísticos e o locutor irá sugerir para o interlocutor

a inferência de novos sentidos para aqueles dados específicos daquela situação comunicativa (MARTELOTTA, 2011, p. 83). O autor acrescenta ainda que

a inferência ou implicatura pode ser meramente conversacional, ou seja, pode se manter naquele contexto de ambiguidade. Por outro lado, essa inferência pode se tornar convencional, ou seja, pode se generalizar, incorporando-se às construções disponíveis no sistema, o que ocorre com a adoção definitiva do novo sentido e a extensão para contextos de uso mais gerais.

A nova interpretação que é dada aos usos no contexto comunicativo acontece na negociação entre os interlocutores com o intuito de compreender, dar sentido à fala do outro.

d) Convencionalização

A convencionalização acontece nessa negociação entre os interlocutores, descrita anteriormente, pois quando outros usuários passam a compreender e, posteriormente, a usar, repetir a nova interpretação do construto como um *chunking*, há a convencionalização.

Dessa maneira, a convencionalização é o resultado de associações repetidas de grupos de falantes que concordam de maneira implícita com a relação entre a forma original e um significado neoanalisado, resultando em uma ambiguidade entre a morfossintaxe da construção original e os novos construtos. É por causa da convencionalização, pode-se dizer que houve reanálise semântica, ou seja, uma mudança construcional que pode ou não resultar em uma construcionalização.

e) Construcionalização

A nova interpretação dada a construção pode se tornar uma construcionalização ou somente uma mudança construcional. Caso haja um novo pareamento de forma e significado é uma construcionalização (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 1), diferente da mudança construcional, quando há uma mudança apenas na forma ou no significado, não gerando assim em uma nova construção. “A **mudança construcional** é uma alteração que afeta

a dimensão interna de uma construção. Ela não envolve a criação de um novo nó”²³ (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 26, grifo do autor).

Toda construcionalização envolve mudança construcional, mas nem toda mudança construcional se torna uma construcionalização. A mudança construcional é chamada também por Traugott e Trousdale (2013) como pré-construcionalização. A figura a seguir esquematiza como os processos de mudança construcional, construcionalização e pós-construcionalização funcionam.

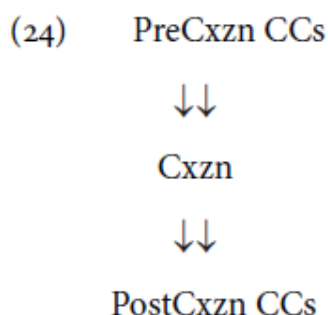


Figura 5. Processo de mudança construcional, construcionalização e pós-construcionalização. (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 28).

Os autores explicam que a *PreCxzn CCs* seria a pré-construcionalização ou a mudança construcional que, quando “alimentada”, torna-se uma construcionalização (*Cxzn*) e, conseqüentemente, pode se transformar em uma pós-construcionalização (*PostCxzn CCs*). As setas ↓↓ indicam o percurso da mudança e ela em si.

Um exemplo de mudança construcional é a *negativa pós-verbal*, analisada por Furtado da Cunha (2000), na qual houve alteração na posição na forma, mudando de [não + V] para [V + não], mas a função continuou a de negação.

Outro exemplo de mudança construcional é a nova função assumida pelo pronome *aquela* usado como um intensificador nominal, a forma continuou a mesma, mas a função alterou, por exemplo na oração “E foi **aquela** correria para não perdemos o ônibus” (SILVA, 2008, p.165).

Como casos de construcionalização, Martelotta (2011) menciona o verbo *ir* e o advérbio de tempo *em boa hora*. No português, o verbo *ir* pleno indicativo

²³ A constructional change is a change affecting one internal dimension of a construction. It does not involve the creation of a new node.

de movimento assume também a função de verbo auxiliar indicando futuro. *Em boa hora* era um advérbio de tempo e desenvolveu-se para *embora*, uma conjunção concessiva. Do ponto de vista morfossintático, os elementos que compõem essas construções se tornaram menos composicionais, pois na construção *embora* houve uma fusão, não abrindo *slots* para outros elementos e, no caso do verbo *ir*, ao se tornar um verbo auxiliar ele fica mais preso aos outros verbos, para formar uma locução verbal.

Do ponto de vista semântico e discursivo-pragmático, Martelotta (2011) analisa que tanto o verbo *ir* quanto o advérbio de tempo *em boa hora*, ganharam valores mais abstratos.

Já na pós-construcionalização, segundo Traugott e Trousdale (2013), pode haver um aumento na frequência do construto e, conseqüentemente ou não, ter uma fusão na sua estrutura interna. Ou ainda a microconstrução pode aumentar sua variedade colocacional, ou seja, expandir seus contextos de uso ou ainda tornar-se obsoleta. A variação é muito peculiar de cada microconstrução.

A teoria da Gramática de Construções reconhece dois tipos de construcionalização: a gramatical e a lexical, denominadas, respectivamente, de construcionalização gramatical e construcionalização lexical.

2.1. Construcionalização gramatical

A construcionalização gramatical diz respeito à mudança linguística que pode ocorrer com uma construção atômica ou complexa, e se refere à passagem de uma construção lexical para uma função gramatical ou de uma construção gramatical para uma função mais gramatical ainda. Na teoria da gramaticalização clássica, esse processo é identificado como *gramaticalização*.

A abordagem baseada no uso também reconhece a gramaticalização sob o viés da gramaticalização clássica, que tem o foco no “desenvolvimento de morfemas individuais [...], que são tipicamente simples ou ‘atômicos’ em termos de estrutura, e mais frequentemente específico ou ‘substantivo’” (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 94)²⁴.

²⁴ on the development of individual morphemes (‘grams’),¹ which are typically simple or ‘atomic’ in structure, and more often than not, specific or ‘substantive’.

Sendo assim, o diferencial da visão construcional está em perceber que não só morfemas ou palavras podem se gramaticalizar, mas expressões com mais de uma palavra, por exemplo, “acima < a cima”, “porém < por ende”, “um bocado feliz < um bocado de gente” (MARTELOTTA; ALONSO, 2012, p. 100). Com a intenção de exemplificar a diferença nos estudos da gramaticalização clássica e da gramaticalização na perspectiva construcional, Martelotta e Alonso (2012) apresentam o caso do verbo *ir* que pela visão da gramaticalização clássica o verbo pleno desenvolve uma função gramatical de auxiliar do futuro.

Já na perspectiva da construcionalização, entende-se que o item “se gramaticaliza dentro de uma estrutura discursiva maior, que gera uma inferência tal que desencadeia uma nova possibilidade de interpretação da função do item na língua” (MARTELOTTA; ALONSO, 2012, p. 100).

Dessa maneira, a contiguidade discursiva é considerada na análise em perspectiva construcional, pois é levado em conta que a gramaticalização do futuro não ocorre somente no item *ir*, mas estabelece um padrão geral que abarca todo o contexto sintático envolvido. E, por isso, o *ir* quando está na função de auxiliar no futuro irá ser seguido por um verbo na forma infinitiva constitutivo de uma cláusula final, por exemplo “Ele vai abrir a porta” (MARTELOTTA; ALONSO, 2012, p. 101), o que serve como alternativa para o futuro simples.

Segundo Gonçalves et al. (2007), Meillet (1912) foi o primeiro autor a usar o termo “gramaticalização” e seus estudos se referiam “à passagem de uma palavra autônoma à função de elemento gramatical”²⁵. E, além de conceber a gramaticalização através desse *continuum*, seus primeiros estudos eram realizados apenas na perspectiva diacrônica, tendo como objetivo buscar a origem e as mudanças típicas dos morfemas gramaticais. Para Meillet (1912), a gramaticalização consistia na passagem do léxico para a gramática ou, ainda, da sintaxe para a morfologia.

Na perspectiva da Gramática de Construções, a visão de Meillet (1912) foi ampliada e revista e passou-se a compreender que a mudança pode ocorrer em qualquer nível da língua. Essa alteração na maneira de conceber a mudança linguística se dá em decorrência também do modo como a gramática é vista pela abordagem construcional, pois

²⁵ L'autre procédé consiste dans le passage d'un mot autonome au rôle d'élément gramatical.

Conceituada em termos de construção, gramática se refere ao hipotético sistema de conhecimento linguístico e inclui não somente a morfossintaxe, semântica e fonologia, mas também pragmática e funções do discurso. Isto significa que o escopo das construções consideradas como as instâncias de construcionalização gramatical ou procedural é bastante extenso (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 95)²⁶.

Portanto, os aspectos pragmáticos e discursivos são inseridos nas análises gramaticais e são compreendidos como elementos que constituem e interferem na gramática de uma língua, juntamente com os elementos morfossintáticos, semânticos e fonológicos. Tem-se a compreensão de que o uso e a gramática estão interrelacionados e um influencia o outro. Sendo assim, a concepção de gramática também é ampliada e revista, de modo a entender-se que a forma sofre influências pragmáticas e discursivas.

Segundo Traugott e Trousdale (2013), os estudos na perspectiva da gramaticalização clássica priorizam, apesar de considerar que a forma e o significado estão interligados, palavras que eram livres e se transformaram em elementos presos, ligados a um radical.

Dessa maneira, esses estudos acreditavam na unidirecionalidade do processo de gramaticalização, que iria do discurso até o morfema zero (GIVÓN, 1979 apud TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 100).

Discurso > sintaxe > morfologia > morfofonêmico > zero.²⁷

A noção de unidirecionalidade foi usada para explicar a sintaxe sincrônica, “a sintaxe de hoje é o discurso pragmático de ontem” (GIVÓN, 1979 apud PINTO et al. 2013, p. 42). Pinto et al. (2013) afirmam que várias pesquisas mostravam trajetórias unidirecionais em que elementos lexicais assumiam funções mais gramaticais, ou elementos gramaticais assumiam funções ainda mais gramaticais. E, até meados dos anos 1990, os autores da gramaticalização clássica discutiam que o princípio de unidirecionalidade poderia explicar as

²⁶ The notion of ‘grammar’. As conceptualized in constructional terms, ‘grammar’ refers to the hypothesized linguistic knowledge system and includes not only morphosyntax, semantics, and phonology but also pragmatics, and discourse functions (see chapter 1.1). This means that the range of constructions considered to be instances of grammatical or procedural constructionalization is quite extensive.

²⁷ (7) discourse > syntax > morphology > morphophonemics > zero

mudanças em diferentes níveis: “semântico (do concreto ao abstrato), morfossintático (do léxico à gramática), e sintático, inclusive, sentencialmente (do menos integrado ao mais integrado)”, (PINTO et al., 2013, p. 43).

Traugott e Trousdale (2013) defendem que as razões para acontecer a unidirecionalidade são a repetição e a analogização. Para esses autores, a analogização acontece por meio de um “conjunto atrator”, que é um modelo exemplar, por motivo social ou até mesmo pela frequência da repetição e pelo pensamento analógico, os falantes dão preferência ao exemplar e esse serve como base para as demais construções.

Zimmer e Alves (2014) ponderam também que a estabilidade do sistema se dá pela noção dos atratores e esse estado atrator é visto como um comportamento estável e categórico em um sistema que não é.

Dessa maneira, o estado atrator funciona para estabilizar e, de certa maneira, dar uma unidirecionalidade para a mudança, pois faz que os elementos da língua sigam um curso de mudança. Um exemplo do funcionamento da analogização como um conjunto atrator pela frequência da repetição é a hipercorreção no desenvolvimento do particípio passado dos verbos do latim para o português, apresentado por Bagno e Casseb-Galvão (no prelo), por exemplo *mittĕre*; *messu-*, em latim e *meter*; *metido*, em português. Segundo os autores, há um padrão morfológico para o particípio passado {do}, precedido da vogal temática tanto para a 2ª quanto para a 3ª conjugação.

Esse padrão morfológico para a constituição do particípio passado se mantém ainda na formação do particípio do português recente, como é o caso do verbo *aceitar*, em que o padrão geral é *aceito* ou *aceite* e a variante do padrão geral é *aceitado*. Segundo Bagno e Casseb-Galvão (no prelo), essa forma dupla não era reconhecida, mas no uso coloquial já é bastante recorrente, principalmente, com os verbos de 1ª conjugação.

Outro exemplo de como o estado atrator funciona é o clímax da narrativa, tendo em vista que será por ele que o locutor escolherá algumas construções em vez de outras. O próprio fenômeno estudado nesta pesquisa, “um belo dia”, comprova essa afirmação, pois parece ser atraído a surgir em um determinado momento da narrativa e não em outro.

Brinton e Traugott (2005) reconhecem que os fatores descategorização e gradualidade também contribuem para a unidirecionalidade da mudança. A

descategorização ocorre quando um elemento começa a pertencer à outra categoria ou ainda quando um “membro prototípico de uma categoria tem menos adesão prototípica, e talvez eventualmente se desenvolve para um membro protípico de uma nova categoria” (BRINTON; TRAUGOTT, 2005, p. 25)²⁸.

Como exemplo de descategorização, podemos citar o *contudo* que parece estar em um processo de menos adesão prototípica da categoria de elementos de adversidade para uma adesão maior para elementos de conclusão, pois é com bastante frequência que podemos constatar, principalmente em redações escolares, o uso desse elemento para concluir uma redação, em vez de usar o *portanto*, por exemplo.

Hopper (1991) analisa os primeiros estágios da gramaticalização a partir de cinco parâmetros, a saber: “estratificação, divergência, especialização, persistência e descategorização”. O princípio de descategorização é o quinto e último postulado por Hopper (1991). Esse princípio prevê que a forma gramaticalizada tende a perder ou neutralizar as marcas morfológicas e os privilégios sintáticos que caracterizam as formas plenas.

O outro fator reconhecido por Brinton e Traugott (2005) é a gradualidade da mudança, que ajuda a comprovar a tese da unidirecionalidade, pois a mudança tende a ser gradual, em pequenos passos estruturais e funcionais. As autoras não acreditam que um verbo possa se tornar uma preposição tão rapidamente, além disso, entendem que os primeiros passos da mudança não são prontamente aceitos por uma comunidade de fala e, sendo assim, precisam conviver com as formas mais antigas (BRINTON; TRAUGOTT, 2005).

Contudo, a unidirecionalidade deve ser relativizada, pois, segundo Traugott e Trousdale (2013), a mudança linguística não tem uma direcionalidade inerente, uma vez que a direção dela depende de vários fatores no uso, tais como, repetição, estratégias para facilitar a articulação, entre outros. Esses fatores se mantêm ao longo da vida dos usuários da língua e, por isso, uma determinada mudança pode ser multidirecional, podendo, por exemplo, uma

²⁸ This refers to the shift from one category status to another, correlated with a shift from prototypical membership of a category to less prototypical membership, and maybe eventually to prototypical membership of a new category.

mesma fonte desenvolver várias construções diferentes, e funcionarem mais no nível do léxico, da gramática e/ou do discurso.

Silva (2015, p. 82) afirma que a unidirecionalidade precisa ser vista como um dos parâmetros de aferição desse processo e não como um princípio obrigatoriamente implicado na gramaticalização.

Dessa maneira, a unidirecionalidade é um critério metodológico do analista, ou seja, é a maneira como ele precisa ver o processo de mudança na língua. Isso não quer dizer que a mudança linguística ocorra da maneira descrita pelo *cline*, discurso > sintaxe > morfologia > morfofonêmico > zero, mas pode ainda fazer o caminho contrário a esse. Até mesmo porque, se a língua se organiza em rede, a mudança linguística assim também o é.

Pinto et al (2013) citam ainda os trabalhos de Votre (1999) e Ferreira (2000; 2003), que trazem argumentos desfavoráveis ao princípio da unidirecionalidade, ao postularem o “princípio de extensão imagética instantânea”. Segundo Pinto et al (2013), esse princípio diz respeito ao fato de que “as possibilidades semânticas de um item estão sempre disponíveis na mente dos usuários da língua e emergem, a qualquer momento, conforme o contexto interacional” (PINTO et al., 2013, p. 43).

Silva (2015) cita o “alargamento do escopo da gramaticalização” também como um motivo para relativizar o princípio da unidirecionalidade, pois, quando a Gramática de Construções incorpora fenômenos de ordem pragmática/intersubjetiva e metatextual, a mudança gramatical começa a ser vista de maneira diferenciada e o princípio da unidirecionalidade não como uma obrigatoriedade, mas como uma possibilidade de percurso da mudança.

Traugott e Trousdale (2013) afirmam que há uma forte hipótese da unidirecionalidade estar associada com a gramaticalização por redução, com o desenvolvimento de microconstruções e com a formação de esquemas.

A gramaticalização por redução se refere às várias análises de microconstruções, sob o viés da gramaticalização clássica em que os autores descrevem a gramaticalização como um processo que envolve perdas, sejam fonológicas, sintáticas ou semânticas.

Traugott e Trousdale (2013) dizem ainda que, em um primeiro momento, os estudos da gramaticalização por redução, com exceção de Givón, tinham uma visão modular, um olhar estreito em que quase não abarcavam categorias

discursivas e nem pragmáticas. No Brasil, há exceções, a tese “Gramaticalização, modalidade epistêmica e evidencialidade: um estudo de caso no português do Brasil” (GONÇALVES, 2002), por exemplo, apresenta uma análise sob o viés da gramaticalização clássica a respeito do verbo *parecer*, considerando questões discursivo-pragmáticas juntamente com o componente sintático. Outro exemplo é a tese “Evidencialidade e gramaticalização no português no Brasil: Os usos da expressão ‘diz que’”, (CASSEB-GALVÃO, 2001) que pesquisa a respeito dos usos da expressão *diz que*, também sob a perspectiva da gramaticalização clássica, e investiga os aspectos semânticos, funcionais, sintáticos e pragmáticos envolvidos no desenvolvimento de novos usos.

Ainda nos estudos da gramaticalização clássica, tanto a gramaticalização por redução quanto a gramaticalização por expansão eram vistas apenas como uma característica da construção. A gramaticalização por expansão acontece quando a mudança linguística se dá por meio da expansão do uso e do significado. Traugott e Trousdale (2013) citam Himmelmann (2004) para explicar que o contexto da construcionalização abrange pelo menos três formas de expansão: 1) da classe hospedeira; 2) sintática; 3) semântico-pragmática.

A expansão da classe hospedeira ou *host-class* é definida por Traugott e Trousdale (2013) como aquele processo em que a forma gramaticalizada aumenta o seu alcance e expande os seus usos. Um exemplo é o fato de um substantivo se tornar um adjetivo, dependendo do contexto, por exemplo, “O *velho* adora conversar comigo” e “Aquele homem está bem *velho*”. Sendo assim, a expansão da classe hospedeira prevê que não há classes de palavras fechadas, estanques, mas em um *continuum* em que uma classe pode “hospedar” um elemento que genuinamente não pertencia a ela.

Do ponto de vista sintático, a gramaticalização por expansão é vista como a extensão de contextos sintáticos de algumas construções e, quanto aos aspectos semântico-pragmáticos, ocorre quando uma forma gramaticalizada desenvolve novos significados e/ou funções historicamente relacionadas.

Traugott e Trousdale (2013) não veem a gramaticalização por expansão e a gramaticalização por redução como opostas, mas interligadas, pois, ao trabalhar com a perspectiva construcional, entendem que a mudança linguística é conduzida pelos parâmetros de esquematicidade, produtividade e

composicionalidade e que há um padrão de ocorrência para as construcionalizações gramaticais: o aumento da esquematicidade e a da produtividade e a redução de composicionalidade. E esse padrão de ocorrência está relacionado à expansão de um ou mais dos contextos de expansão propostos por Himmelman (2004, apud TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013), reconhecendo a aproximação da gramaticalização por redução e a gramaticalização por expansão.

A unificação da gramaticalização por redução e a gramaticalização por expansão acontecem, segundo Traugott e Trousdale (2013), quando há um aumento da produtividade, da esquematização, juntamente com diminuição da composição, fornecendo assim uma estrutura propícia para unificar aspectos dessas abordagens. Isso porque a gramaticalização por expansão seria o desenvolvimento da função procedural, juntamente com o aumento da produtividade e da esquematização, enquanto a gramaticalização por redução é vista quando há a diminuição na composicionalidade.

Quanto à produtividade, Traugott e Trousdale (2013) partem da premissa de Bybee e McClelland (2005 apud TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 113) para quem as abordagens baseadas no uso entendem a mudança a partir das “novas construções que começam a existir e se espalham gradualmente, aumentando sua frequência de utilização ao longo do tempo”.²⁹

Além disso, afirmam que, na abordagem construcional, a produtividade é vista como expansão, tanto de construções-*type* (*frequency-type*) como de construtos (*frequency-token*). A frequência *token* é motivada, em geral, pelo significado fonte e distribuída pelas colocações *host-class*. A frequência *token* está relacionada com o uso efetivo, é a generalização refletida na frequência de usos dos construtos mentais das estruturas internas potencialmente elaboradas (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013).

Bybee (2003) defende que a frequência *token* é a frequência de ocorrência de uma unidade, geralmente, uma palavra, ou morfema, uma construção. Sendo assim, ela consiste na contagem, por exemplo, de quantas vezes ocorreu em um *corpus* a construção *imprimido* e quantas vezes o *corpus* registrou *impresso*.

²⁹ ‘new constructions come into being and spread by gradually increasing their frequency of use over time’ (Bybee and McClelland 2005: 387).

Já a frequência *type* é entendida como a generalização de informações que o sistema cognitivo cria e acumula quando se adquire uma categoria linguística. Bybee (2003) define que a frequência *type* se refere a um padrão particular e, para exemplificar, ela cita a formação do passado em inglês a partir do *verbo+ed*. Essa formação tem maior frequência que as outras formações.

O mesmo ocorre com a formação do particípio passado em português, tendo em vista que apresenta dois padrões, o regular e o irregular e, aparentemente, o mais frequente para a formação do particípio, na maioria dos verbos, é o regular (copiado, bebido, sumido). Dessa maneira, houve uma generalização e há um padrão bastante produtivo para a formação do particípio passado em português apesar dela não acontecer com todos os verbos, e, por exemplo *impresso* é mais usado socialmente do que *imprimido*. E, por ser um verbo bastante frequente, acaba conservando um padrão não geral, e, provavelmente, por estar mais presente na memória do falante.

Traugott e Trousdale (2013) afirmam ainda que as construções gramaticais são abertas, abstratas e que novas construções *type* podem se desenvolver, a partir de construções pré-existentes e, somado a isso, o contexto de uso também expande. Em relação à esquematicidade, Traugott e Trousdale (2013) explicam que há duas questões essenciais

Uma delas é que, ao longo do tempo, microconstruções podem tornar-se mais esquemáticas ou abstratas, na medida em que elas participam e tornam-se membros “melhores” de esquemas abstratos. A outra é que os próprios esquemas podem se expandir, isto é, podem vir a ter mais membros [...] (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 115)³⁰

Ao discutir mudança linguística tendo como base a concepção da língua em rede, Traugott e Trousdale (2013) hipotetizam que qualquer caminho para um esquema entrincheirado levará o esquema a uma rápida expansão das construções *type*, e a direcionalidade da expansão nem sempre irá mostrar uma trajetória suave é mais provável mostrar uma expansão na forma de curva. Esse é um dos vários aspectos em que a abordagem da construcionalização difere significativamente da teoria da gramaticalização clássica, que tem como foco o desenvolvimento de uma única dimensão. Já a noção de construcionalização

³⁰ One is that over time micro-constructions may become more schematic or abstract, as they participate in and become ‘better’ members of abstract schemas. The other is that schemas themselves may expand, i.e. may come to have more members [...]

tem como foco o desenvolvimento em duas dimensões as microconstruções específicas e os esquemas.

O fato de microconstruções novas coexistirem com as microconstruções antigas resulta na expansão do esquema, pois o esquema que elas integram terá um aumento de membros. Somado a isso, está o fato de que as construções *type* se tornarem representantes de uma categoria e, por isso, tal categoria pode servir como um padrão abstrato, funcionando como um atrator para outras microconstruções e, conseqüentemente, podem ter seu esquema expandido. Tanto em relação aos membros quanto ao nível de esquemas, a esquematicidade está ligada diretamente com a produtividade.

Um exemplo seria a microconstrução *danou a rir*, que coexiste com *começou a rir*, essas integram o esquema “verbo a + verbo no infinitivo”, o que possibilita a entrada de mais verbos para formar outras microconstruções, a saber *começou a varrer*, *pegou a rir*, entre outras. Quanto mais os falantes reproduzem essas construções, mais o esquema poderá se expandir e, conseqüentemente, mais verbos fazerem parte desse esquema.

Já em relação à composicionalidade, a tendência é a diminuição da compatibilidade perceptível entre o significado das partes e da forma nas construções gramaticais. Traugott e Trousdale (2013) esclarecem que

Em termos históricos construções gramaticais construcional, diminuem em composicionalidade, levando à diminuição da transparência da compatibilidade entre o significado das partes e da forma/sintaxe. Nota-se que isto não sugere que as subpartes de um esquema serão totalmente não-analisáveis. Além disso, a diminuição da composicionalidade normalmente surge quando há incompatibilidade entre a morfossintaxe mais antiga e o significado mais recente (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 121)³¹

A incompatibilidade entre o significado e a forma pode ser resolvida nos micropassos da construcionalização, pois são eles que promovem o alinhamento da construção com o novo esquema e essa nova construção pode tornar-se mais analisável (como um membro de um novo esquema), mas é, frequentemente, não composicional. Um exemplo é a microconstrução *um pouco de*, que pode

³¹ In historical construction grammar terms, decrease in compositionality is decrease in the transparency of the match between meaning of the parts and the form/syntax. Note that this does not suggest that subparts of a schema will be totally unanalyzable. Furthermore, decrease in compositionality typically arises when there is mismatch between the older morphosyntax and a newer meaning.

ser *um pouco de farinha* ou *um pouco triste*. Nelas, não há uma ligação semântica entre *triste* e *farinha*, mas o contexto resolve essa diferença, pois as possibilidades do uso estabilizam o esquema, o que torna possível e compreensível a nova construção.

Traugott e Trousdale (2013) defendem a tese de que os parâmetros de mudança, produtividade, esquematicidade e composicionalidade estão interligados com a gramaticalização por redução e a gramaticalização por expansão, pois, segundo eles, a gramaticalização por redução estaria ligada à composicionalidade, no nível da microconstrução existente, enquanto a gramaticalização por expansão está ligada a aspectos externos, especialmente, ao que acontece com a produtividade.

Os autores trazem um quadro comparativo entre os parâmetros de Lehmann (1985 apud TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013), propostos para aferir a gramaticalização na teoria da gramaticalização clássica e as noções de gramaticalização por redução e a gramaticalização por expansão e explicam que

Em outras palavras, alguns atritos semânticos e perda de composicionalidade e também a fixação morfossintática podem preceder os tipos de expansão associadas com construcionalização, enquanto diminuição de composicionalidade formal associada com redução do signo e entrincheiramento, que é relacionada à “obrigatorificação”, continuam depois da expansão. Além disso, o resultado da atrição de características semânticas é a possibilidade de uso num conjunto mais amplo de contextos, conseqüentemente a expansão da host-class e a expansão sintática do tipo que Himmelmann discutiu (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 124)³².

Sendo assim, para esses autores, as noções de gramaticalização por redução e a de gramaticalização por extensão estão atreladas a uma maneira mais cooperativa do que competitiva. E, nessa perspectiva, ao se trabalhar com uma abordagem construcional, analisa-se a língua de maneira mais holística, pois a análise parte sobremaneira do específico, a microconstrução para o mais abstrato, o esquema. As construcionalizações gramatical e lexical também são analisadas a partir de um *continuum* e não em polos distintos.

³² In other words, some semantic attrition and loss of compositionality and morphosyntactic fixing may precede the types of expansion associated with construcionalization, while decrease of formal compositionality that is associated with reduction of the signal and increased entrenchment that is associated with obligatorification, follow after expansion. Furthermore, the outcome of attrition of semantic features is the possibility for use in a larger set of contexts, hence host-class expansion and syntactic expansion of the type Himmelmann (2004) discussed.

2.2 Construcionalização lexical

Segundo Traugott e Trousdale (2013, p.149), a construcionalização lexical é o “desenvolvimento de novos signos de forma e sentido, em que o polo do sentido está associado, principalmente, com a semântica concreta e o polo da forma associado aos substantivos, verbos ou adjetivos”.

É importante esclarecermos que as categorias lexicais e gramaticais são vistas na literatura construcional como categorias distintas, mas que se relacionam em um *continuum*, tanto de uma categoria para outra quanto entre os membros de cada categoria. Nesse caso, o *continuum* é traçado a partir da instância prototípica.

Brinton e Traugott (2005) distinguem as categorias lexicais das gramaticais, considerando a classe lexical uma classe “aberta” que expressa significados relativamente concretos, a partir de substantivos, verbos, adjetivos, enquanto a categoria gramatical integra uma classe mais fechada, de significados relativamente abstratos, expresso por determinantes, auxiliares e complementizadores.

Há outros trabalhos, como Langacker (1987), Traugott e Trousdale (2013) que adotaram também essa mesma postura em relação à concepção de léxico, pois concebem o léxico não apenas como uma lista discreta e plena de itens, mas como um *continuum* que vai do mais fixo para o menos fixo, do mais convencionalizado para o menos convencionalizado e ainda do mais produtivo para o menos produtivo. O *continuum* do léxico e da gramática é melhor visto em uma perspectiva histórica, pois permite a percepção da mudança de uma maneira gradual.

Hopper e Traugott (2003) mencionam que é comum na literatura linguística a separação entre as categorias lexicais e gramaticais. Essa separação consiste em palavras de “conteúdo”, também chamadas de “itens lexicais” e palavras de “função”, também chamadas de “gramaticais”. Os autores citam como exemplo de itens lexicais: *exemplo*, *aceitar* e *verde* (isto é, substantivos, verbos e adjetivos), que são usados para informar ou descrever as coisas, ações e qualidades.

Já as palavras *de*, *e*, *ou*, *que*, *este*, respectivamente, preposição, conectivo, pronome e pronome demonstrativo, são palavras de “função”, pois estabelecem relações nominais entre si (preposições), conectam partes de um discurso (conectivos), indicam se as entidades e participantes de um discurso já estão identificados ou não (pronomes e artigos) e mostram se eles estão perto do falante e/ou ouvinte (demonstrativos).

Segundo Hopper e Traugott (2003), com bastante frequência, as palavras de “função” são originadas a partir de palavras de conteúdo esse processo é denominado gramaticalização. Muitas vezes, a gramaticalização atinge não apenas a palavra e, sim, toda a construção que esse termo integra. Um exemplo é o *tuta via* de origem latina, *via* significava em latim *estrada*, *caminho*. Em português arcaico, significou *constantemente*, *sempre*. Já no português contemporâneo, assume uma função de conjunção adversativa *entretanto* ou ainda de uma conjunção concessiva, como no exemplo “e ainda que alguns sejam de obscura geração, *todavia* são venerados e acatados” (SAID ALI, 1971 apud MARTELOTTA, 2015, p. 58, grifo do autor).

Para Brinton e Traugott (2005), há duas maneiras de se estudarem os processos de lexicalização e gramaticalização: pelo viés da sincronia ou da diacronia. A lexicalização vista “pela sincronia tem sido usada para analisar fenômenos de categorização conceitual. Pela diacronia, podemos explorar a entrada no léxico ou para explicar exceções das regras gramaticais. (BRINTON; TRAUGOTT, 2005, p. 18)”³³. Segundo esses autores, os estudos sobre a gramaticalização apresentam

uma tentativa de entender como os padrões sintáticos e morfológicos são estruturados, como e por que surgem as categorias gramaticais e como padrões combinatórios livres e fixos interagem (BRINTON; TRAUGOTT, 2005, p. 22)³⁴.

³³ Synchronically it has been used for the coding of conceptual categories. Diachronically it has been used variously for “adoption into the lexicon” or “falling outside the productive rules of grammar.”

³⁴ What is common to all studies of grammaticalization is the attempt to understand how syntactic and morphological patterns are structured, how and why grammatical categories arise, and how free combinatorial and fixed patterns interact (for a comprehensive overview, see Heine 2003a) (BRINTON; TRAUGOTT, 2005, p. 22)

Silva (2015) esclarece que nos estudos da gramaticalização clássica, a lexicalização é vista como degramaticalização, pois esses estudos, em sua maioria, pautam-se no princípio da unidirecionalidade, entendendo que a mudança segue apenas uma direção, do léxico para a gramática. E, caso a mudança faça um caminho inverso, indo da gramática para o léxico ou ainda do [+] gramatical para o [-] gramatical, em certos contextos, recebe o rótulo de degramaticalização.

Já sob uma abordagem construcional, Traugott e Trousdale (2013) definem a construção lexical como aquela que tem o sentido mais ligado ao concreto e a forma mais voltada ao léxico, de modo a funcionar como um nome, adjetivo ou verbo, o que possibilita diferenciá-la, assim, da construção gramatical, que tem sentido mais procedural e a forma assume uma função gramatical. Os autores consideram as construções lexicais e gramaticais também em *continuum* e não isoladas entre si.

O conhecimento procedural diz respeito ao conhecimento gramatical e discursivo. Ele é implícito, adquirido na medida em que se adquire a gramática da língua, codifica relações, não tem uma semântica própria e é evidenciado no uso. São elementos de natureza procedural as microconstruções *que* e *em*, cujos significados se estabelecerem em conjunto com os demais elementos da organização oracional e por isso, são gramaticais, e seu uso integra o conhecimento procedural do usuário da língua.

Traugott e Trousdale (2013) trazem a visão de *continuum* porque entendem a língua como uma rede conceitual hierárquica, que pode ter no seu inventário palavras substantivas, que são únicas, não formadas por esquemas (por exemplo, a palavra “café”) até palavras esquemáticas, que contêm subpartes gramaticais ou não (por exemplo, “o que X está fazendo em Y”). Esses esquemas, segundo os autores, podem formar desde nomes, verbos ou ainda expressões (semi) idiomáticas.

As construções lexicais podem ser totalmente substantivas ou esquemáticas e, geralmente, seguem um esquema para a formação de novas palavras. Como exemplo, há a formação das palavras *fixável* e *lavável*, em que há um esquema: “verbo transitivo mais um sufixo ‘ável’”, resultando em um adjetivo. Segundo os autores, esse esquema é bastante produtivo e sua frequência *type* é distinta por “verbo transitivo + ável”.

Ainda segundo Traugott e Trousdale (2013), os esquemas de formação de palavras seguem o mesmo padrão do esquema da construcionalização gramatical: o nível de esquematicidade aumenta, mas a composicionalidade no nível da microconstrução tende a diminuir. Já na pós-construcionalização, a frequência aumenta e a variedade colocacional também.

Entre as diferenças dos esquemas gramatical e lexical está o fato de que o esquema lexical apresenta “*bound morphemes*”, que mantém integração mais próxima das subpartes da microconstrução, pois, uma vez colocado o prefixo ou o sufixo, eles ficam tão integrados que servirão de base para a formação de outros esquemas. Além disso, o esquema lexical tem um sentido mais ligado ao conteúdo e às categorias sintáticas, substantivo, verbo e adjetivo. Um exemplo de esquema de formação de palavras é “adjetivo + sufixo mente”, em *felizmente*, *claramente*, *delicadamente*, etc.

Já o esquema gramatical apresenta subpartes mais livres, sendo, às vezes, formado inteiramente por morfemas livres ou por uma função procedural. Um exemplo é *diz que* no PB. Casseb-Galvão (2004) investigou os usos dessa expressão sob a perspectiva da teoria da gramaticalização clássica. A autora explica através dos exemplos de usos, desde o mais concreto, formado pelo predicado matriz cujo núcleo é o verbo flexionado na forma finita da 3ª pessoa, singular, presente, indicativo de dizer, (ele diz que), até os usos que exemplificam as relações gramaticais de evidencialidade.

Traugott e Trousdale (2013) sugerem uma hierarquia de herança na formação de palavras. Os autores esclarecem que pela herança padrão acontece a criação de novas referências nominais, por exemplo, *sociedade linguística* é uma espécie de sociedade. É pela herança padrão que as propriedades gerais são herdadas do conceito mais geral para o mais específico.

Os autores estabelecem a distinção entre as construções por sanção integral e sanção parcial. Traugott e Trousdale (2013) definem por sanção integral quando a soma das partes da microconstrução forma o todo e, por sanção parcial, quando não será pela soma das partes que se terá o todo. Como exemplo de sanção parcial, os autores trazem as palavras *drinkable* e *despicable*, *potável* e *desprezível*, em português. *Drinkable*, ao descrever um vinho, não teria como significado “pode ser bebido”, mas “agradável de beber”. Na microconstrução *despicable*, a forma e o significado não são totalmente

depreendidos, o significado não é “pode ser desprezado”, mas sim “deveria ser desprezado” e a forma teria uma mudança fonológica de *despise* para *despic* que, para alguns falantes, não resultaria em uma unidade de composição, mas para outros formaria uma unidade.

Em se tratando de análise da microconstrução, Traugott e Trousdale (2013) afirmam que o primeiro passo é saber se a microconstrução é esquemática ou específica, complexa ou atômica, procedural ou de conteúdo. Eles ressaltam que há sempre uma gradiência entre esses pares e não uma dualidade, pois estão em um *continuum* e entendem também que pode haver um “apagamento” de alguma parte da microconstrução, o que causa uma dependência entre suas partes.

Os autores reconhecem também que as microconstruções lexicais ou gramaticais fazem parte do mesmo inventário, que esse é hierarquizado e contém construções atômicas e esquemáticas.

Quanto aos fatores esquematicidade, produtividade e composicionalidade, Traugott e Trousdale (2013) analisam a construção lexical a partir de uma perspectiva não sincrônica e reconhecem que algumas microconstruções lexicais podem pertencer ao mesmo esquema ou ainda, em um nível escalar, ser produtos de esquemas recém-produtivos.

Em relação à composição, os autores dividem em *compounds* endocêntricos e *compounds* exocêntricos. No primeiro caso, há como recuperar o sentido por meio de uma rede de herança padrão: cada nó herda o sentido do nó determinante, como, por exemplo, as palavras *blackboard* (quadro negro) e *rattle snake* (cascavel), em referência a um tipo de *board* (quadro) e a um tipo de *snake* (cobra) exemplos que trazem um especificador em relação a um determinado. O contrário a isso são os *compounds* exocêntricos, como, por exemplo, *big head*, que significa “egoísta”, “arrogante” e não cabeça grande, nos quais não é possível uma análise das partes. A produtividade dos *compounds* exocêntricos é menor que a dos endocêntricos, porém isso pode mudar conforme a organização interna do esquema.

Em Português, pode-se citar como exemplos de *compounds* exocêntricos *sei lá*, citado anteriormente, que atua ainda no nível do saber, mas com um sentido parcialmente recuperável, pois, como já dito, o valor do *lá* já está semanticamente mais “desbotado” que o do verbo *saber*. Outro exemplo é o

compounds endocêntrico *corre-corre* do qual é possível recuperar o sentido por meio da herança padrão.

Em relação à esquematicidade, os esquemas podem crescer, quando possuem afixóides³⁵ produtivos, ou podem encolher formando outros esquemas. Um subesquema pode aumentar os *slots* – espaços em aberto que podem ser preenchidos por novas construções –, ou podem diminuir, cair em desuso, entrar em fusão e coalescência, por exemplo.

Um esquema, quando desenvolvido, torna-se um padrão para outros, ocorrendo assim a expansão. Um exemplo é o desenvolvimento do sufixo *gate* para se referir a algum tipo de escândalo, a partir da microconstrução original *Watergate*. Booij (2010 apud TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013) sugere que microconstruções criadas a partir da original podem ter sido baseadas por analogia a essa forma, tais como: *Dallasgate* e *Koreagate* e, de igual maneira, no Brasil, o *Collorgate*.

Booij (2010, apud TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013) sugere que o estabelecimento de um conjunto de formas relacionadas pode permitir ao usuário da língua produzir um (sub)esquema que sanciona novas construções. Esse novo esquema, por sua vez, se desenvolve e começa a ser um novo padrão de formação de palavras, que serve como um modelo abstrato, ocorrendo analogização para exemplares particulares. Isso pode ser considerado um caso de construcionalização de um (sub)esquema.

Alguns padrões podem crescer ou perder partes, ou ainda desaparecer, pois eles podem sofrer uma neoanálise da forma e do conteúdo, formando um novo esquema. Traugott e Trousdale (2013) citam como exemplos a palavra *holy* em *holy water* (água benta), cujo sentido original das partes permaneceu, porém em *holiday* < *holy day* (dia santo) a forma adquiriu outro sentido, pois os feriados não têm uma ligação mais direta com o *dia santo*. Houve uma neoanálise da forma e do significado em *holy day*, ou seja, ocorreu uma fusão na forma e o significado ganhou uma nova interpretação.

³⁵ Segundo Booij (2010 apud TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013), afixóides são semelhantes aos afixos por terem um significado especializado quando incorporado em *compounds*. Não se pode chamá-los ainda de afixos porque correspondem a lexemas, ou seja, formas que não se ligam, mas o seu significado difere de quando utilizados como lexemas independentes. Um exemplo em Português é “mente”.

Traugott e Trousdale (2013), a respeito da mudança estrutural, afirmam que a composicionalidade apresenta um gradiente sincrônico, resultado da própria gradualidade do desenvolvimento de novas microconstruções e esquemas, embora as próprias micromudanças sejam discretas. Eles destacam também os casos em que a composicionalidade de construções lexicais não é transparente, por exemplo, quando nos casos de neanálise, as construções se distanciam muito dos esquemas.

Traugott e Trousdale (2013) discorrem também sobre os processos de mudança lexical que criam um novo nó instantaneamente, como por exemplo, a microconstrução *Google* é um substantivo que se converte em um verbo e, semanticamente, não é específico do site *Google*, mas é usado de uma maneira geral para qualquer site de busca. Em português, podemos exemplificar com a microconstrução *pipoca*, substantivo, e *pipocar* verbo, que é o ato de estourar a pipoca, como na frase “Deixa, mãe, eles *pipocam* na escola”. Lembramos que também, assim como no exemplo do *google*, *pipocar* pode ser usado em um sentido mais genérico, como na frase “Meu celular não para de *pipocar* mensagens”, referindo-se à quantidade de mensagens que estão chegando simultaneamente.

Ao contrapor construcionalização gramatical e lexical, Traugott e Trousdale (2013) diferenciam a construção lexical como sendo aquela que terá referência ao conteúdo, que não afeta a categoria formal e pode, algumas vezes, ser criada instantaneamente. Já a construção gramatical faz referência ao aspecto procedural, relacionado à gramática e, geralmente, muda a função sintática da construção envolvida em um processo de mudança mais gradual.

Traugott e Trousdale (2013) acrescentam ainda que a perda de padrões é mais frequente na construcionalização lexical do que na construcionalização gramatical, pois as construções lexicais são referenciais e sofrem influência de fatores externos. Um exemplo na língua portuguesa é a construção lexical *cair a ficha*, que, no passado, fazia referência ao telefone público a ficha e, nos dias de hoje, sofreu um desbotamento semântico e já não faz referência ao telefone, mas à compreensão, ao entendimento. Em contrapartida, a construcionalização gramatical é mais abstrata e, por isso, consegue se fixar mais tempo na língua.

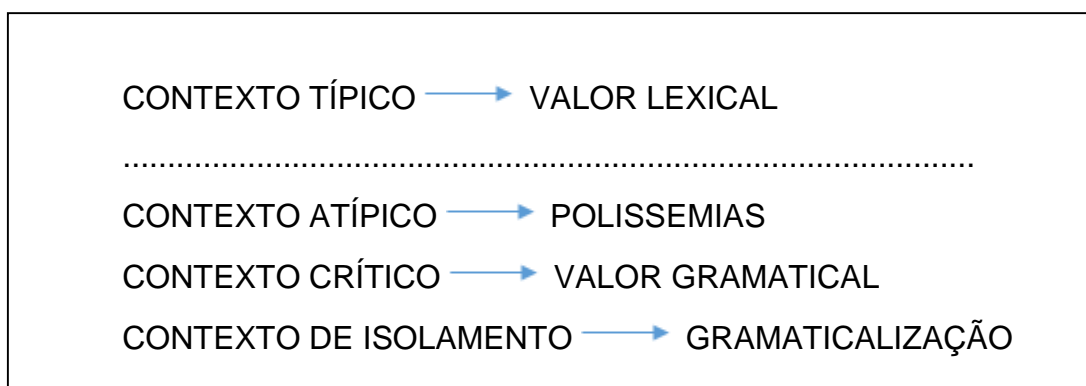
Em síntese, a construcionalização lexical pode abranger o desenvolvimento de esquemas, expansão e redução de subesquemas. Ela,

geralmente, é mais ou menos esquemática, mais ou menos produtiva e menos composicional.

Contudo, a mudança linguística pode ocorrer de diferentes maneiras, indo do léxico para a gramática, da gramática para o léxico ou ainda de um domínio [+] gramatical para outro [-] gramatical. É possível que aconteça de maneira abrupta ou gradual e configurar diferentes contextos.

2.3 A mudança linguística através de contextos

Diewald (2002) nomeia as etapas de mudança de uma construção como estágios de gramaticalização de contexto. Dessa maneira, quando a construção está no nível lexical, está no *contexto típico*, sendo usada no seu sentido mais objetivo; depois se inicia o primeiro estágio do processo de gramaticalização: o *contexto atípico*; o segundo estágio é o *contexto crítico* e o último, o *contexto de isolamento*. No quadro a seguir, é possível verificar a principal característica de cada contexto a partir do processo de gramaticalização:



Quadro 1. Tipos de contextos (adaptado de Diewald, 2002)

É possível notar que, em um processo prototípico de gramaticalização, o contexto típico é aquele em que a construção é conceitual e, portanto, mais ligada ao léxico. O contexto atípico diz respeito à primeira fase do processo de gramaticalização, quando a construção apresenta uma expansão de usos, ou seja, a construção começa a ser usada em contextos não esperados. Nesse processo, o novo significado pode ser gramaticalizado, surge como uma implicatura conversacional, isto é, esse significado é contextual e

pragmaticamente acionado e não é explicitamente codificado no próprio item linguístico. Contextos atípicos podem persistir após a gramaticalização.

A segunda fase é a ativação efetiva do processo de gramaticalização, o chamado contexto crítico: a construção apresenta opacidade estrutural e múltiplos significados, o que torna possível a existência de várias interpretações, entre elas, o novo significado gramatical. As funções de contextos críticos são estimulantes para a gramaticalização, mas permanecem apenas nessa fase e desaparecem no estágio posterior.

A última fase é o contexto de isolamento, em que se instaura a gramaticalização, pois há dois significados: o novo significado gramatical, em oposição a um significado mais lexical, o mais velho. Essa separação dos dois significados, velho e novo, é atingida quando se tem duas construções distintas e essas construções terão contextos linguísticos específicos, em que um uso excluirá o outro uso, ou seja, eles não mais concorrerão. Quando há essa oposição entre um uso e outro, ocorre o processo de gramaticalização.

Heine (2002), na perspectiva da gramaticalização clássica, também reconhece contextos de gramaticalização, que ele denomina “estágios”. São quatro propostas que apresentam algumas semelhanças com a de Diewald (2002). A fase inicial do processo, para Heine (2002), é o estágio 1, aquele em que os usos estão na fase “original”, isto é, estão no nível do léxico. O estágio 2 é nomeado por ele como “contexto-ponte”, (“*bridging context*”), no qual há as inferências pragmáticas, as ambiguidades e as novas interpretações semânticas.

O estágio 3 é o “contexto de mudança”, (“*switch context*”), no qual aparecem novos significados. Heine (2002) compara esse contexto com o de isolamento proposto por Diewald (2002). Nesse contexto, o novo uso já está isolado, separado do uso lexical, ou seja, a mudança já está mais estruturada. Os significados necessitam, então, de um contexto mais específico, pois os estágios anteriores ao uso não servem mais como base para a codificação do significado.

O último estágio da mudança gramatical é o estágio 4, a “convencionalização”. Nesse contexto, a gramaticalização já está concretizada, e Heine (2002) o diferencia do anterior dizendo que, ao contrário do estágio 3, no qual o novo significado inviabiliza o aparecimento do significado “original”, o

estágio 4 viabiliza o aparecimento dos dois significados, pois aqui a mudança já está consolidada.

Heine (2002) explica que esses contextos (estágios) são distintos e estão em um *continuum*. Ele também distingue contexto e significado, além de entender a gramaticalização como um percurso diacrônico e não sincrônico, tal como Diewald (2002).

As propostas de Heine (2002) e Diewald (2002) se assemelham em alguns pontos, ao mostrarem que a mudança linguística segue micropassos até se convencionalizarem. Essa gradiência contextual é de suma importância para os estudos sobre gramaticalização, pois, por meio da noção de contextos, pode-se analisar mais descritivamente e de maneira escalar os usos da língua, o que resulta em uma pesquisa com um rigor metodológico diferenciado.

Ao comparar a teoria contextual de Heine (2002) com a de Diewald (2002), Rios de Oliveira (2015) afirma que essas teorias contribuem para “a definição e a caracterização de pontos escalares de sentido e forma que a pesquisa na perspectiva da LFCU deve se esforçar em assumir e, mais do que isso, em testar” (RIOS DE OLIVEIRA, 2015, p. 30).

A autora alerta ainda para o fato de que, ao escolher os contextos de gramaticalização como parâmetros de análise, é necessário estar atento ao fenômeno de estudo, tendo um olhar cuidadoso aos usos e às marcas contextuais delineadas no processo de mudança, pois só assim é possível perceber se houve gramaticalização ou não.

Em síntese, ao longo deste capítulo, tratamos da mudança linguística sob o viés da construcionalização; descrevemos de que modo essa teoria analisa as mudanças ocorridas no sistema linguístico, abordando desde a mudança construcional até a construcionalização, os tipos de construcionalização e, por fim, a gradiência contextual da mudança. No próximo tópico, descrevemos qual é a metodologia que orienta a pesquisa sobre os usos da microconstrução “Um belo dia” na perspectiva da Gramática Funcional Centrada no Uso.

CAPÍTULO 3

Metodologia

3.1 Considerações iniciais

Neste capítulo, temos como objetivo apresentar a metodologia que orienta a pesquisa sobre a microconstrução “um belo dia”, especialmente, em relação à coleta, seleção e análise dos dados. Ressaltamos que este estudo se insere no âmbito do “Grupo de Estudos Funcionalistas (GEF): análise, descrição e ensino”, sediado na Faculdade de Letras da UFG. O objetivo geral desse grupo é realizar estudos teóricos sobre a perspectiva funcionalista da linguagem e investigar fenômenos de constituição do Português do Brasil a partir de variedades linguísticas visíveis da fala brasileira, além de desenvolver pesquisas voltadas à aplicação dos princípios funcionalistas ao ensino de língua materna.

Esta pesquisa pretende fornecer dados para um dos Projetos temáticos do GEF, intitulado “Rede de estudos da língua portuguesa ao redor do mundo”, e tem como objetivo geral produzir e recrutar conhecimento descritivo do Português Brasileiro com vias a oferecer subsídios para o ensino e a promoção (e valorização) do português em contexto nacional e internacional.

O Projeto Rede congrega várias instituições nacionais e internacionais e reúne pesquisadores com o interesse de, a partir da descrição e do ensino de língua portuguesa, promover ações de política linguística e suas pesquisas estão centradas atualmente em estudos na perspectiva da LFCU, em especial, na Gramática de Construções.

São frutos desse Projeto livros, artigos, teses, como “Um estudo pancrônico da voz reflexiva em perspectiva construcional”, de Déborah Magalhães de Barros (2016), “A microconstrução “pois não” no português brasileiro, de Céla Márcia Gonçalves Nunes Lôbo (no prelo) e “Construções comparativo intensificadoras de valor absoluto: estudo do esquema X que só”, de Agameton Ramsés Justino (no prelo).

3.2. Justificativa e direcionamentos metodológicos

Nosso interesse em estudar a microconstrução “um belo dia” surgiu com a percepção de seu caráter polissêmico, pois na linguagem cotidiana esse pareamento apresenta diferentes funções e sentidos em variados contextos. Nesse sentido, é relevante lembrar que o estudo de um fenômeno da língua em uso exige uma corrente teórica de base funcionalista da linguagem, compatível com a compreensão do sistema linguístico de uma maneira mais holística.

A metodologia adotada neste trabalho parte, então, dos pressupostos teórico-metodológicos da LFCU e tem como base prioritariamente uma pesquisa de cunho qualitativo, mas, sempre que necessário, fazemos uso da pesquisa quantitativa, haja vista que o papel da frequência é muito importante para os estudos na Gramática das construções e que esses dois tipos de pesquisas não são dicotômicos, conforme afirmam Moreira e Caleffe (2008, p.73)

Na realidade, esses dois rótulos não são dicotômicos, mas se colocam nos extremos opostos de um contínuo. A maior distinção feita entre esses dois tipos de métodos é que a pesquisa qualitativa explora as características dos indivíduos e cenários que não podem ser facilmente descritos numericamente. O dado é frequentemente verbal e é coletado pela observação, descrição e gravação. A pesquisa quantitativa, por outro lado, explora as características e situações de que dados numéricos podem ser obtidos e faz uso da mensuração e estatísticas. Ambas podem ser usadas no mesmo estudo.

A nossa pesquisa tem interesse em analisar, descrever a constituição, a funcionalidade e o tipo de mudança da microconstrução “um belo dia”, em sua acepção mais abstratizada. Para conseguir alcançar nossos objetivos e testar nossas hipóteses, ancoramo-nos em autores da Linguística Funcional, como, Bybee (2010), Furtado da Cunha (2013), Martelotta (2011), Neves (1997), Rios de Oliveira (2012) e, especificamente, da Gramática de Construções, como, Croft (2001), Goldberg e Jackendoff (2004), Traugott e Trousdale (2013), entre outros.

Selecionamos também alguns postulados da Gramática de Construções a fim de servirem de parâmetros para a análise dos dados e confirmar a hipótese de pesquisa e atingir os objetivos previstos. Por isso, recrutamos como parâmetros de análise dos usos de “um belo dia”, as seguintes noções: os níveis de análise previstos no modelo de Croft (CROFT, 2001), os contextos de

gramaticalização propostos por Diewald (2002), as dimensões da construção: tamanho, especificidade, conceito (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013) e os fatores hierárquicos de esquematicidade, composicionalidade e produtividade (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013).

Esses parâmetros foram eleitos porque, ao trabalhar com a microconstrução “um belo dia” em uma pesquisa ancorada na LFCU e a na Gramática de Construções, entendemos que eles são produtivos para oferecer informações para se traçar o *continuum* de mudança e mostrar uma possível construcionalização dessa microconstrução, pois se pretende rastrear os seus vários usos, desde o contexto típico até o contexto de isolamento e esse modelo teórico é muito produtivo para o estudo de elementos maiores e complexos como “um belo dia”.

A pesquisa contempla dados do PB nas mais diversas situações e modalidades de uso da língua, em uma perspectiva diacrônica (por meio do *Corpus* do Português) e sincrônica (via *corpora* Discurso e Gramática (D&G) e Fala Goiana). Mais especificamente, iniciamos a coleta pela literatura romanesca, por entender que esse gênero de escrita é de natureza narrativa, domínio textual de funcionalidade da microconstrução “um belo dia” e também porque apresenta fortes traços da verossimilhança com o cotidiano. Sendo assim, esse uso seria mais produtivo e funcional, pois a hipótese perseguida parte do pressuposto de que o uso mais abstratizado de “um belo dia” se presta à funcionalidade dos gêneros do discurso narrativo.

3.3. Formação dos *corpora*

Este estudo pretende realizar uma análise ampla, com o maior número de dados possível e nas mais diversas situações e modalidades de uso da língua, a fim de se ter uma visão mais sistematizada e completa do processo de mudança em análise. Para atingir esse objetivo, elegemos como *corpora* o *Corpus* do Português, o *Corpus* D&G e o *Corpus* do projeto Fala Goiana.

A escolha desses *corpora* foi feita porque a sequência narrativa é a mais propícia para o uso da microconstrução “um belo dia” e, portanto, esses *corpora* são os mais adequados para a nossa proposta, pois todos são ricos em usos da língua que contemplam o ato de narrar, ou seja, de contar um fato real ou não,

ocorrido com certos personagens, em um determinado tempo e espaço. Logo, oferecem uma gama de informações a respeito da forma e da funcionalidade das sequências narrativas e também dos usos de aceção mais concreta dessa construção, o que favorece bem a visibilidade do processo de mudança.

Juntos, esses *corpora* permitiram a formação de um banco de dados com 129 registros de usos da língua portuguesa, sendo 77 ocorrências, no século XIX, 44 no século XX e oito no século XXI. Isso torna possível obter uma quantidade satisfatória de dados, logo, leva a uma análise ampla e metodologicamente robusta.

3.4. Coleta e seleção dos dados

Eleitos os *corpora*, fizemos uma busca inicial pelo pareamento “um belo dia”, mais especificamente, no *Corpus* do Português, pesquisamos desde o século XIII até o século XX a fim de contemplar o período de formação dessa língua. Realizamos a busca tanto do composto “um belo dia”, quanto de “*belo”, “*dia”, “um * dia” e “* belo dia” a fim de selecionarmos todas as possibilidades sintagmáticas de ocorrência de suas partes componentes.

Nas próximas subseções, descrevemos cada *corpus* e informamos os resultados quantitativos relativos a cada um deles, separando por século.

3.4.1. Corpus do Português

O *Corpus* do Português pode ser acessado pelo link <http://www.corpusdoportugues.org/x.asp>.³⁶ Ele foi criado por Mark Davies, professor de linguística da Universidade Brigham Young, dos Estados Unidos e por Michael Ferreira, pesquisador da Universidade de Georgetown, também dos Estados Unidos. Esse *corpus* é constituído por 45 milhões de palavras e é composto de 57 mil textos produzidos entre os séculos XIV até o século XX.

Mais especificamente, esse *Corpus* nos permite realizar a pesquisa desde o século XIV até o século XX, sendo que dos séculos XIV e XV os dados são do

³⁶ Ressaltamos que esse *corpus* teve recentemente uma versão ampliada em que possibilitou aos pesquisadores uma versão em português e inglês com textos mais recentes. Atualmente, os pesquisadores podem contar com as duas versões. Como a nossa pesquisa estava em curso e já tínhamos levantados os dados, continuamos a analisar as ocorrências da versão anterior.

português de Portugal. Os dados do século XVI até o XIX são do português do Brasil e de Portugal, possíveis de serem distinguidos somente depois da seleção das ocorrências. Já para o século XX, os dados do Brasil e os de Portugal são previamente distintos no *corpus*. Na tabela a seguir, é possível visualizar melhor como o *corpus* está organizado.

Nº de palavras	Século	País	Gênero
550.968	XIII	Portugal	
1.316.268	XIV	Portugal	
2.875.653	XV	Portugal	
4.435.031	XVI	Portugal/Brasil	
3.407.741	XVII	Portugal/Brasil	
2.234.951	XVIII	Portugal/Brasil	
10.008.622	XIX	Portugal/Brasil	
3.087.052	XX	Portugal	Acadêmico
3.271.328	XX	Portugal	Notícia
3.048.020	XX	Portugal	Ficção
1.100.303	XX	Portugal	Oral
2.816.802	XX	Brasil	Acadêmico
3.346.988	XX	Brasil	Notícia
3.028.646	XX	Brasil	Ficção
1.078.586	XX	Brasil	Oral

Tabela 1 Número de palavras por século, país e gênero do *Corpus* do Português (<http://www.corpusdoportugues.org/>).

O *corpus* permite fazer a busca tanto por palavras exatas como por subpartes ou palavras aproximativas, a partir de pesquisa realizada com a assinalação de asterisco ou ponto de interrogação. Por exemplo, ao digitarmos “* dia”, o *corpus* busca locuções com a palavra “dia”. Se digitarmos “b?t?”, ele apresenta qualquer palavra que possui como primeira letra “b” e terceira letra “t”. Além disso, é possível realizar a pesquisa por meio da classe gramatical e do início da palavra. Por exemplo, se digitarmos des*. [vr*] o *corpus* buscará todos os verbos que começam com “des”.

O *Corpus* do Português permite que o usuário faça uma busca por séculos, por modalidade ou pela língua falada em Portugal ou no Brasil,

Português Europeu (PE) ou Português Brasileiro (PB), o que o torna uma ferramenta de grande valia no levantamento de dados.

Considerando os objetivos desta pesquisa, fizemos um levantamento dos usos de “um belo dia” em dados do PE e do PB no período compreendido entre os séculos XIII ao século XX, conforme informações constantes da tabela 2.

Ao longo desse período, foram encontradas 113 ocorrências do pareamento “um belo dia” no PB e 24 no PE, conforme especificado na tabela a seguir.

Resultado por século – PB e PE		
Século	Nº Ocorrências PB	Nº Ocorrências PE
Século XVIII	0	02
Século XIX	77	05
Século XX	37	17
Total	114	24

Tabela 2.0 Resultado por século PB e PE

Esse pareamento foi detectado a partir do século XVIII, no PE, e no século XIX no PB.

A fim de confirmar a mudança e proceder à análise construcional dessa expressão e seus construtos no PB, investigamos também a possível forma fonte da mudança e o período de entrada da microconstrução mais abstrata no sistema do português (PE e PB).

3.4.1.1. A entrada da microconstrução mais abstrata no sistema linguístico do PB

Fizemos uma investigação diacrônica de todas as possibilidades de uso do pareamento “um belo dia” no *Corpus* do Português, desde o século XIII até o século XX, tanto no PE quanto no PB, considerando essas variedades em um *continuum*. O objetivo era identificar a forma fonte do processo, verificar a recorrência do uso em cada século, averiguar a partir de qual século o *Corpus* registra formas polissêmicas e, conseqüentemente, identificar a entrada do uso mais abstrato, com vias a delimitar as sincronias de análise relativas ao PB, variedade alvo desta pesquisa.

Consideramos que “Um belo dia” é um subesquema do esquema nominal [Artigo Definido, específico + Adjetivo + Substantivo], instanciada no uso a seguir, encontrado no século XVI, no PE:

5. O mar, que agora, brando, é das lindas Nerêidas cortado, se irá alevantando todo, em crespas escumas empolado; o soberbo furor do negro vento fará por toda a parte movimento. Lei é da Natureza mudar-se desta sorte o tempo leve, suceder à beleza da Primavera o fruto; à calma, a neve; e tornar outra vez, por certo fio, Outono, Inverno, Primavera, Estio. Tudo, enfim, faz mudança, quanto o claro Sol vê, quanto alumia; nem se acha segurança em tudo quanto alegra **o belo dia**; mudam-se as condições, muda-se a idade, a bonança, os estados e a vontade. Só a minha inimiga a dura condição nunca mudou, para que o mundo diga que, nela, lei tão certa se quebrou; só ela em me não ver sempre está firme, ou por fugir d'Amor, ou por fugir-me. Mas já sofrível fora só ela em me matar, mostrar firmeza, se não achara agora também em mim mudada a natureza; pois sempre o coração tenho turbado, sempre (Obras, Camões, *Corpus* do Português).³⁷

Nesse contexto, o pareamento “o belo dia” está tem função lexical, de modo a expressar uma unidade temporal e cronológica. Nesse uso são descritas e comparadas as várias estações do ano e “o belo dia” descreve um ciclo da natureza, uma passagem natural do tempo, *um dia* determinado e específico.

A forma fonte do processo de mudança, no entanto, é o subesquema [Artigo indefinido, - específico + Adjetivo + Substantivo], instanciado na microconstrução [um belo dia], cuja primeira aparição do *Corpus* do Português data do século XVIII, encontrado no PE:

6. ou mancha breve, de que o alinho se adorna por arte, e por estudo; antes essa imperfeição se estende, e cresce tanto, que abraça o objecto inteiro, e o escurece: qualquer mistura em pouca quantidade contamina a pureza de um licor; uma grande porção o absorve, e compreende todo. Esse caudaloso Tejo não o turva um só regato imundo, porém muitas torrentes de água impura, fazem-lhe perder o nome, e semelhança de cristal; uma só nuvem não faz sombria a claridade do horizonte, mas muitas nuvens juntas fazem de **um belo dia**, uma noite escura; assim a beleza: o vício nela não costuma ser como um regato, mas como torrente; o que tem de imperfeito, não é como um sinal (efeito enfim da meditação) mas como uma mancha verdadeira; o seu defeito raramente é leve; antes quasi sempre pesa mais do que a mesma fermosura. Infeliz concórdia, cruel sociedade! Quem dissera que um mesmo objecto seja capaz de inspirar amor, e aborrecimento! Tão pouca distância há entre o mal, e (Reflexões sobre a vaidade, Matias Aires, *Corpus* do Português).

³⁷ O destaque em negrito e sublinhado foi feito pelo *Corpus* do Português. Já o realce dos outros *corpora* é nosso. Todas as ocorrências estão marcadas por números arábicos e trazem em torno de seis linhas antes do pareamento “um belo dia” e seis linhas após esse pareamento.

O reconhecimento dessa microconstrução como fonte do processo decorre das propriedades compartilhadas com os usos mais abstrato, detalhadas na análise de dados. O pareamento “um belo dia” teve como uso inicial uma microconstrução ligada ao léxico, ao domínio concreto, da descrição dos eventos.

Fizemos a busca no *Corpus* por *belo dia, *belo, *bello, pois o asterisco pode ser ocupado por qualquer palavra, a fim de rastrear o início do uso do pareamento “um belo dia”. Buscamos por “bello” porque há essa variação na grafia, tanto no PB quanto no PE. No século XIV, não há ocorrências com as palavras “belo” nem “bello”. Somente a partir do século XV o *Corpus* trouxe registros com tais termos, entretanto não trouxe nenhuma ocorrência do pareamento “um belo dia”.

Continuando a nossa busca no *Corpus* do Português e no PE, não encontramos nenhuma ocorrência do pareamento “um belo dia” no século XVII. Entretanto, no século XVIII, houve duas ocorrências no mesmo livro intitulado “Reflexão sobre a vaidade”, de Matias Aires, datado em 1743 e pertencentes ao PE.

7. o horizonte se cobre insensivelmente de uma luz brilhante, e igual; e em que toda a natureza se alegra, e enche de vigor, e alento; então se vê que os campos variamente matizados, mostram a verdura mais viçosa, e que de mil produções diversas formam um labirinto fácil, vivo, e agradável; então o ar puro, e imóvel, faz que as fontes corram, e não murmurem; que as aves cantem com mais suavidade, e mais ternura, e que as flores cresçam livremente; assim devia ser, porque em um belo dia, não há vento que encrespe as águas, que perturbe as aves, e que desfolhe as flores; só então é que os montes são anfiteatros, que servem de decoração aos vales; e estes pelo seu silêncio, são os que despertam na memória, uma contemplação activa, cheia de fervor, e saudade; finalmente em uma alma virtuosa tudo é descanso, e paz. Neste estado vive aquela que foi ser Religiosa verdadeira; a outra que só o foi no modo da cerimónia, vive (Reflexões sobre a vaidade, Matias Aires, *Corpus* do Português).

Os usos polissêmicos começaram a surgir no PB, no século XIX, indiciando um uso altamente produtivo na interação narrativa do português falado no Brasil, o que pode ser um indício de especificidade desse uso no PB. A seguir, respectivamente, a primeira ocorrência traz o uso do pareamento “um belo dia” com um sentido de tempo indeterminado, impreciso enquanto a outra

ocorrência apresenta um uso que atua no nível textual, auxiliando na macro-organização da narrativa.

8. . - Ora esta! E, logo hoje, que eu precisava dormir! - Recolhe-te mais tarde; ela talvez não se demore. - Qual! Vou despachá-la! Verás! E, enquanto subia a escada acompanhado pelo amigo: - Não faltava mais nada.. Estou mesmo muito disposto a aturar mulheres.. Já me bastam as maçadas que me dão as outras! Além dela ninguém me procurou? - Depois de eu chegar, não. Teobaldo tinha por costume perguntar sempre se alguém o procurara na sua ausência. É que esperava que a fortuna viesse **um belo dia** ao encontro dele, como vinham as mulheres; era uma espécie de vaga confiança no acaso; um modo preguiçoso de desejar ser feliz. Assim, quando pilhava dinheiro, arriscava algum na roleta ou na loteria. Foi de mau humor que ele entrou na sua pequena sala, abriu a porta com um empurrão e dirigiu-se de cara fechada para a rapariga, que o esperava. - Teobaldo! exclamou esta, querendo lançar-se-lhe nos braços. - Perdão! disse o perseguido, afastando o corpo. Não (O coruja, Aluísio de Azevedo, *Corpus* do Português).

9. [...] Esse pretinho usava farda de major honorário, e tendo estado no Paraguai, obtivera umas honras militares. Depois, com sucessivos acontecimentos, as honras foram aumentando e, **um belo dia**, surge um, em Pernambuco, de igual nome, branco, que também tinha estado na campanha. Papéis pra lá, papéis pra cá, o branco foi considerado como sendo o que de direito [...]. (Diário íntimo, Lima Barreto, *Corpus* do Português).

Em relação aos dados do PB, fizemos também um levantamento do pareamento “um belo dia”, distinguindo a esfera de uso da língua (gênero, domínio discursivo), com o objetivo de confirmar a vocação narrativa da microconstrução “um belo dia” e perceber se havia uma correlação entre essas esferas e os usos e qual era mais produtivo e, conseqüentemente, e de qual seqüência textual o pareamento é prototípico. Partimos da hipótese que ela apareça em esferas narrativas mesmo nos usos mais concretos, revelando uma vocação narratológica. Fizemos esse levantamento apenas no século XX, pois é o único século em que o *Corpus* registra a informação sobre a esfera de uso, e reconhecendo também que essas informações são suficientes para uma generalização.

Foram detectadas 28 ocorrências na esfera ficcional, seis ocorrências na esfera jornalística, mais especificamente, nas entrevistas, e três ocorrências na esfera oral e nenhuma na esfera acadêmica. A tabela a seguir apresenta esses dados.

Esferas/Século XX	Nº Ocorrências
Ficcional (esferas)	28
Jornalístico	06
Oral	03
Acadêmico	00

Tabela 3 Tabela por esfera/século XX

Esclarecemos que a esfera ficcional inclui textos narrativos de caráter subjetivo, como os do gênero crônica, romance e conto, os quais são constituídos predominantemente por sequências dialogais, narrativas e descritivas.

Das 28 ocorrências de “Um belo dia” na esfera ficcional, 3 ocorrências são do uso mais concreto, todas em romance, como por exemplo:

10. tão estúpido sentimento não tivesse feito passar por mim a única alma e pessoa que me podiam inspirar tão grave pensamento. Li-a e não a compreendi.. Ah! meu Deus! Ontem, matou-se um doente, enforcando-se. Escrevi nas minhas notas: " Suicidou-se no pavilhão um doente. O dia está lindo. Se voltar a terceira vez aqui, farei o mesmo. Queira Deus que seja o dia tão belo como o de hoje " Não me animo a dizer: venceste, Galileu; mas, ao morrer, quero com um sol belo, de um belo dia de verão! VI Hoje é segunda-feira. Passei-a mais entediado do que nunca. Li o Plutarco, mas não tive animo de acabar com a leitura da vida de Pelópidas. Mais ou menos, releio esta célebre obra, porque aos dezoito anos fiz uma leitura dela apressada e salteada. Não tem o mesmo sabor, a que faço agora, como tinha de delícia a primeira. Observo que Plutarco põe muito a intervenção dos deuses, nas proezas felizes dos seus heróis; há relações de predicações ingênuas. (O cemitérios dos vivos, Lima Barreto, *Corpus* do Português).

Ainda em relação à esfera ficcional, foram constatadas vinte e cinco ocorrências do uso mais abstrato, 20 em romance, 1 em conto e 4 em crônica. A seguir uma ocorrência do uso em um conto:

11. há nada como tomar mate e correr eguada! Aí para os meios de Quaraim, nos campos do major Jordão, entrei uma vez numa correria macota. Foi logo depois da guerra do Oribe. Havia como dez mil baguais entre éguas e potros orelhanos, cavahada largada, reiúna e marcada, que toda virou haragana, nos pajonais. Os gados, que já eram mui ariscos, viviam numa bolandina com as disparadas da bagualada. Pro caso, diz que é o Negrinho do Pastoreio que faz as disparadas dos cavaleares.. Isso é uma história comprida.. Um belo dia o major resolveu fazer uma limpa naquele bicharedo alçado. E preparou-se, com tempo. Desfrutou a novilhada que pode, no verão, arreglou as suas contas e mandou avisar e convidar o vizindário para correr a bagualada no veranico de maio, que era para agarrar o bicharedo rachando de gordo e aguaxado, pesadão e o tempo mais fresco para a cavahada do serviço. Amigo! Quando foi aos três dias da lua nova a estância estava apinhada de gauchada. Como uns oitenta e tantos

torenas, campeiraços (Contos gauchescos, Simões Lopes Neto, *Corpus* do Português).

No que concerne às ocorrências da esfera jornalística, identificamos no total seis ocorrências, sendo uma do uso mais concreto e as outras cinco do uso mais abstratizado. A seguir um exemplo do uso mais abstratizado.

12. mineiros disputaram uma vaga em a Câmara. Em este ano, apenas dois se aventuram. Razões: os salários e o desprestígio de o Congresso. A Câmara paga Cr\$ 3,6 milhões e a Assembléia, Cr\$ 9 milhões. De baixo para cima Os engraxates de Brasília fizeram uma adesão espontânea a o plano de estabilização econômica. Já cobram uma URV por par. nbr-fol-1855## Pornografia Em Miniatura Essas peças pornográficas eu comprei durante uma viagem a Portugal. Zélia as escondeu, passaram- se uns cinco anos, já tinha até me esquecido de a existência de elas. **Um belo dia**, revirando uma gaveta em o apartamento de Paris, dei de cara com elas. Então, foi minha vez de esconder-las e, em a primeira oportunidade, trazer- las para a Bahia. Mandei colocar- las aqui, bem à vista de todos. Zélia é muito pudica Jorge Amado "94b"> Emprega 150 funcionários, sob a direção de o pai, Milton da Silva, de o irmão Leonardo e de o primo Fábio Machado. Sabe- se que a sociedade com a De Longi demandou uma injeção de (Folha, 1994, *Corpus* do Português).

Quanto aos usos da esfera oral, foram detectados no *Corpus* três usos no total, sendo todos do sentido mais abstratizado

13. as partes - inclusive a utilização de de: - placas - de material colante próprio como se fosse esparadrapo - por cima da da: de uma certa região da calha - de tal forma que aquele pequeno furozinho fosse éh: eliminado de uma vez por todas - bom e tentou-se: usar essa placa - acontece que com o sol muito forte o material resinoso - éh: descolava e a placa por si mesmo enrolava e o furo permanecia e chovia () em cima - e isso aí foi o problema aqui durante quase uns três meses – até **um belo dia** que surgiu o ovo de Colombo - é simplesmente a gente não tinha mais o que fazer aqui e apanhamos um tubo de araldite - despejamos um pouco em cima misturamos em cima da calha mesmo e até hoje ela nunca mais éh vasou ((ri)) mas isso éh: - é parte da dos problemas - éh outro () que nós tivemos aqui que a gente teve aqui muito curioso em: em: em: - em princípio também - era a questão da - do declive do terreno – (Linguagem falada Recife, *Corpus* do Português)

Portanto, ao final do levantamento, constatamos que a esfera mais produtiva é a ficcional que apresentou vinte e oito ocorrências no total, sendo vinte e cinco ocorrências do uso mais abstratizado. No que concerne à sequência, concluímos que a sequência narrativa foi a mais produtiva que a sequência descritiva. Com isso, confirmamos a hipótese de que “um belo dia” é mais usado em esferas narrativas mesmo nos usos mais concretos.

Por uma questão metodológica, escolhemos analisar qualitativamente os construtos no PB e fizemos tal levantamento em dados dos séculos XIX, XX e XXI. Considerando que Naro e Scherre (2007) reconhecem que a língua portuguesa se espalha pelo território brasileiro a partir do século XVIII, esses três últimos séculos constituem o período de sua implementação. A ocorrência da microconstrução “um belo dia”, na acepção mais abstrata, nesse período revela sua gramaticização na língua, ou seja, que há uma nova categorização conceptual linguisticamente expressa a partir desse pareamento, conforme explicitado na análise que consta no capítulo a seguir em resposta aos objetivos propostos e das perguntas de pesquisa.

Verificados os usos da microconstrução “um belo dia” a fim de oferecer uma análise exaustiva dos dados, recorreremos a outros *corpora* contemporâneos do PB, o *Corpus* do Discurso e Gramática (D&G) e do Projeto Fala Goiana.

3.4.2 *Corpus* Discurso & Gramática

O Grupo de Estudos Discurso & Gramática (D&G) foi fundado no Departamento de Linguística e Filologia da Faculdade de Letras em 1991 e distribui-se em três sedes: Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e Universidade Federal Fluminense (UFF). É uma comunidade acadêmica orientada pela vertente funcionalista dos estudos linguísticos. As atividades ali desenvolvidas centram-se nas questões do uso da língua portuguesa, em suas distintas modalidades, registros e gêneros, seja na sincronia atual, seja em sua trajetória ao longo dos séculos. O *corpus* foi organizado a partir de amostras de língua falada e escrita com participantes em cinco cidades brasileiras: Rio de Janeiro, Natal, Rio Grande (RN), Juiz de Fora e Niterói.

Os objetivos principais que nortearam o levantamento do *Corpus* D&G, foram: a) analisar o comportamento da iconicidade, por meio de diferentes fenômenos linguísticos em situações reais de uso da língua; b) criar um banco de dados com correspondência de conteúdo entre fala e escrita, de modo a viabilizar a comparação mais rigorosa entre essas duas modalidades da língua; c) testar em diferentes gêneros textuais (narrativa de experiência pessoal, narrativa recontada, descrição de local, relato de procedimento e relato de

opinião) o modo de codificação da informação; d) comparar o comportamento dos canais da fala e da escrita em relação a esses gêneros³⁸.

O *Corpus* D&G pode ser acessado pelo link <http://www.discursoegramatica.lettras.ufrj.br> e foi coletado na década de 1990. É composto por dados de 20 informantes da cidade de Natal, 18 informantes da cidade de Niterói, 20 informantes da cidade de Juiz de Fora, 93 da cidade do Rio de Janeiro e 20 informantes da cidade de Rio Grande (RN). Quanto ao grau de escolarização, o *corpus* é formado por: a) estudantes de alfabetização infantil; b) estudantes da 4ª série do Ensino Fundamental; c) estudantes da 8ª série do Ensino Fundamental; d) estudantes a 3ª série do Ensino Médio; e) estudantes do último ano do Ensino Superior.

É um *corpus* em que cada sujeito é instigado a produzir cinco tipos distintos de textos orais e, a partir destes, cinco textos escritos. Isso ocorreu para que se conseguisse garantir a comparabilidade entre os canais falado e escrito. Entre os tipos de textos orais estão: a) narrativa de experiência pessoal; b) narrativa recontada; c) descrição de local; d) relato de procedimento; e) relato de opinião.

O Grupo de Estudos Discurso e Gramática faz uma ressalva afirmando que controlaram a variável sexo, distribuindo informantes femininos e masculinos pelos graus de escolarização e a média de faixa etária dos informantes segue uma estreita relação entre idade e escolaridade.

Nesse *corpus*, foram encontradas sete ocorrências no século XX.

3.5. Corpus Fala Goiana

O *corpus* Fala Goiana foi constituído para fornecer dados para o projeto “O português contemporâneo falado em Goiás – Fala Goiana”, desenvolvido por pesquisadores do Grupo de Estudos Funcionalistas da Faculdade de Letras da UFG. O *corpus* pode ser acessado pelo link <https://gef.lettras.ufg.br/p/11948-banco-de-dados>. Ele é composto por entrevistas em situações interativas estimuladas por pesquisadores participantes do projeto (BARROS, 2011).

³⁸ Informações disponíveis no site <http://www.discursoegramatica.lettras.ufrj.br/>

O *corpus* é constituído por dados do português falado em Goiás e é composto por amostras de duas comunidades de fala: Goiânia e Goiás (cidade). No total, o *corpus* tem 21 informantes, sendo nove homens e 12 mulheres.

Segundo Barros (2011), para a composição do *corpus* Fala Goiana foram utilizados, para a coleta e transcrição dos dados, os postulados da Sociolinguística laboviana. O *corpus* se configura a partir das comunidades de fala, do perfil social dos sujeitos de pesquisa e dos tipos de entrevistas.

Em relação ao perfil dos colaboradores para a formação desse *corpus*, foi monitorada a origem dos participantes, que deveriam ser nascidos nas cidades de Goiânia ou Goiás ou ter ido morar antes dos dez anos de idade em uma dessas cidades. Atentou-se também para a faixa etária, dividida em “menos de trinta anos; de trinta a cinquenta e cinco anos e acima de cinquenta e cinco anos” (BARROS, 2011, p. 115), sendo que cada célula consiste de no mínimo quatro colaboradores de cada sexo e de cada uma das faixas etárias. Quanto à época de coleta dos dados, as entrevistas podem ser divididas em dois blocos: os da Cidade de Goiás, gravados e transcritos no ano de 2005, e os de Goiânia, que foram gravados e transcritos entre 2010 e 2011.

Nesse *corpus* foram detectadas oito ocorrências no século XXI.

CAPÍTULO 4

Análise de dados

4.1 Considerações iniciais

Neste capítulo, apresentamos os resultados das análises qualitativa e quantitativa de dados, na tentativa de responder às perguntas de pesquisa e atender aos nossos objetivos. Reiteramos que nossas perguntas de pesquisa são:

1. Considerando as propriedades sintática, morfológica, fonológica, semântica, pragmática e discurso-funcional (CROFT, 2001) dos usos mais concreto e mais abstrato, quais os micropassos, relativos à forma e ao significado, da mudança desenvolvida pela microconstrução “um belo dia”?

2. Quais são os contextos de produtividade dessa microconstrução (DIEWALD, 2002)?

3. A partir desses contextos, como se configura o possível *continuum* de mudança de “um belo dia”?

4. Com base nas dimensões construcionais gradientes propostas por Traugott e Trousdale (2013), como os extremos desse *continuum* podem ser descritos e analisados?

5. O processo desenvolvido por “um belo dia” configura mudança construcional ou construcionalização, considerando-se os fatores hierárquicos de mudança previstos por Traugott e Trousdale (2013)?

Com o objetivo de conseguir responder nossas perguntas, elegemos os seguintes parâmetros: os níveis de análise previstos no modelo de Croft (CROFT, 2001); os contextos de gramaticalização, propostos por Diewald (2002), dimensões: tamanho, especificidade, conceito (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013) e esquematicidade, composicionalidade, produtividade (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013).

Ademais, nos pautamos também em autores da perspectiva da Gramática de Construções como Bybee (2010), Silva (2015), Traugott e Trousdale (2013). E autores da LFCU, como, por exemplo, Barros e Casseb-Galvão (2016),

Furtado da Cunha (2013), Gonçalves et al (2007), Martelotta (2001), Rios de Oliveira (2015).

Ressaltamos que nossa hipótese é de que a microconstrução “um belo dia” passa por um processo de mudança: em seu uso mais abstratizado atua no nível textual, auxiliando na macro-organização da narrativa.

A nossa análise parte da justificativa que a microconstrução “um belo dia” apresenta usos polissêmicos, tais como as ocorrências a seguir, o que pode indiciar uma mudança linguística:

14. [...]Clara lava e engoma para sustentá-lo, e no terreiro da estalagem em que moram ela canta uma trova qualquer em um belo dia de sol. 1903 Época:1874 a 1905. Clara. Nasceu..1868. Morte do pai..1887 Deflorada..1888. (12 ou 13 de maio). Dá à luz..1889 Deixada..1892 Casada..1894 Viúva.. 1899 Amigada de novo..1900. * * * Preciso saber de que data são as " Vozes d' África». Veio residir em Catumbi em 1884. * * * Clara deve primeiro intentar os soldados à noite no acampamento de Maria Angu, depois, aconselhada, vai ao Frutuoso, de manhã, que a recebe, escrevendo uma carta.(Diário íntimo, Lima Barreto, *Corpus* do Português).
15. [...] Esse pretinho usava farda de major honorário, e tendo estado no Paraguai, obtivera umas honras militares. Depois, com sucessivos acontecimentos, as honras foram aumentando e,um belo dia, surge um, em Pernambuco, de igual nome, branco, que também tinha estado na campanha. Papéis pra lá, papéis pra cá, o branco foi considerado como sendo o que de direito [...]. (Diário íntimo, Lima Barreto, *Corpus* do Português).

Esses fragmentos apresentam usos distintos para a microconstrução “um belo dia”. No primeiro fragmento anterior, há uma sequência verbal no presente do indicativo que informa ao leitor uma rotina habitual da personagem e que juntamente com “um belo dia” reforça que é esse evento ocorre em um tempo indeterminado. Em relação ao escopo sintático, temos nesse fragmento o pareamento relacionado com o verbo “cantar”, acrescentando uma informação de natureza qualificadora à referência temporal “dia” à ação praticada pela personagem (cantar uma trova qualquer). Ademais, há ainda o modificador “de sol”, que complementa a descrição temporal,e cronológica, dos fatos narrados.

Já no outro fragmento, temos o pareamento em um fluxo narrativo que apresenta uma sucessão de fatos. Anterior ao “um belo dia” há fatos no pretérito, depois de “um belo dia” os fatos estão no presente. A microconstrução está auxiliando na macro-organização da narrativa. O escopo sintático já não é

somente o verbo, mas uma oração toda encabeçada pela microconstrução, por isso, “um belo dia” se encontra entre vírgulas e em uma posição pré-verbal, assim como mostra a próxima ocorrência

16. Ele sofre tudo; perde a posição; é ferido; é roubado pelos gatunos; sofre amnésia; trabalha como canteiro, e um belo dia é encerrado num palácio encantado, onde as iguanas se empedrecem quando se as vai tocar. Sentindo morrer à fome, chama o gênio. Este vem em seu socorro e leva-o de novo aos seus domínios. Veio a ser um bom rei, porque tudo sofreu. (Diário íntimo, Lima Barreto, *Corpus do Português*).

O uso de “um belo dia” no fragmento em 16 é uma variação de 15. Ele também acontece depois de uma sucessão de eventos descritos por verbos no presente, situando o leitor na vivência do personagem. Há uma sequência verbal descritiva que explica porque a personagem “sofre tudo”. “Um belo dia” introduz o ápice da sucessão desses eventos, quando o personagem é encerrado num palácio. Dessa maneira, o escopo de “um belo dia” é a sequência textual narrativa que apresenta o clímax e o desfecho da narrativa.

Em síntese, os três usos exemplificam diferentes contextos de uso da microconstrução “um belo dia”. Em 14, há um uso mais concreto, relativo à descrição dos eventos, atuante no nível da organização sintática e semântica do predicado, no nível oracional. Em 15 e 16 há um uso de valor mais abstrato, atuando na organização textual, no nível interoracional, fazendo vinculação entre sequências descritiva e narrativa ou entre sequências narrativas de diferentes valores na organização textual, respectivamente, introdução, clímax e desfecho da narrativa. Assim, juntamente com a mudança na função sintática o sentido do uso se altera.

Para comprovar a mudança desenvolvida por essa microconstrução e os aspectos construcionais envolvidos, analisamos seus diferentes usos de acordo com os parâmetros de análise anteriormente mencionados, tendo como pressuposto que em 14 há um uso de valor mais concreto, uma variação de “O belo dia”, e em 15 e 16, usos de valor mais abstrato.

4.2 Da análise construcional dos dados

Esta análise se organiza a partir dos aspectos teóricos relativos à LFCU e na Gramática de Construções apresentados nos capítulos 1 e 2 e dos resultados da seleção de dados, conforme relatado no capítulo metodológico.

4.2.1 Os construtos de “um belo dia”, segundo o modelo da estrutura simbólica da Gramática de Construção Radical

4.2.1.1.O uso fonte ou mais concreto do processo de mudança

A análise dos dados revelou que a forma fonte do processo de mudança é representada pelo subesquema [Artigo indefinido, - específico + Adjetivo + Substantivo], instanciado na microconstrução [um belo dia], representativo de um adjunto adverbial de tempo.

O modelo da estrutura simbólica de uma Gramática de Construção Radical desenvolvido por Croft (2001) é dividido em dois polos: forma e significado. A forma diz respeito aos elementos sintático, morfológico e fonológico. No plano do significado, há componentes semânticos, pragmáticos e discursivo-funcionais. A partir desse parâmetro, organizamos um quadro das propriedades construcionais desse uso mais concreto, menos abstratizado (mais lexical), como o que ocorre, por exemplo, em “Amanhecera um belo dia de sol, quente, luminoso, de uma transparência fina de cristal lavado” (*Corpus* do Português, o bom crioulo, Adolfo Caminha), que descreve uma passagem de tempo concreta, física, cronológica.

Apresentamos a seguir o quadro do construto mais lexical, descrevendo suas propriedades em relação à forma e ao significado.

Polo	Elementos	Parâmetro
Forma	<i>Sintática</i>	Liberdade de posição na oração; Pode ocupar tanto uma posição no sintagma nominal (sujeito) quanto no sintagma adverbial (em função predicativa ou adjunto);
	<i>Morfológica</i>	Possibilidade de inserção de material, inversão e/ou substituição; Composição: Determinante+adjetivo+nome
	<i>Fonológica</i>	Possibilidade de amalgamação com sintagma preposicional

		Apresenta saliência fônica no núcleo do sintagma “dia”.
Significado	<i>Semântica</i>	Sentido mais lexical; Enquadre temporal; Noção de adjetivação.
	<i>Pragmática</i>	Vinculado a contextos descritivos; Introduz informação nova, não tópica.
	<i>Discursivo-funcional</i>	Integra uma sequência descritiva ou ajuda a compor a cena narrativa. Função informativa. Acrescenta informação à cena discursiva.

Quadro 2. Uso mais concreto

Quanto à propriedade sintática, em relação à “liberdade de posição na oração”, o construto “um belo dia” pode aparecer tanto em posição pré quanto pós-verbal, e, neste caso, antes ou depois do objeto. A seguir temos um exemplo do construto anteposto ao verbo:

17. por achar um cúmplice para a inocente crítica feminina. Não tendo nada que me ocupasse, entretive-me mais tempo do que era natural com essa conversa, que não deixava de ser agradável para quem aprecia como eu a botânica da flor viva, gênero zoófito, que se chama mulher. A menina as vezes debruçava-se para comunicar-me alguma observação mais cáustica; e eu tinha ocasião de sentir um hálito fragrante, e entrever na sombra a marmórea saliência de um seio virgem. Saindo vi sentada na porta do seu camarote uma das poucas lorettes de Paris, que por um belo dia de inverno, como verdadeiras aves de arribação, batem as asas, atravessam o Atlântico, e vêm espanejar-se ao sol do Brasil nas margens risonhas da mais bela baía do mundo. Ela tinha e tem, comi a cor da Espanhola e os cabelos da Italiana, a suprema elegância do passo e da atitude que o solo parisiense inculca pelas plantas de suas filhas prediletas. Admirava e conhecia essa mulher de a ter encontrado algumas vezes, mas as nossas relações não passavam de uma polidez mútua. Vendo-a. (Lucíola, José de Alencar, *Corpus do Português*).

Nesse exemplo, o construto exerce a função de locução adverbial de tempo e aparece juntamente com a construção “de inverno”, que ajuda a construir um sentido de tempo concreto. Nesse trecho, o narrador afirma que as lorettes de Paris são aves de arribação porque batem asa e atravessam o Atlântico em busca do sol brasileiro, fugindo assim de “um belo dia de inverno”.

Há também exemplos do construto em um sintagma nominal, exercendo uma função de predicativo do sujeito, como em apresenta a ocorrência a seguir

18. - Esta semana foi muito angustiante? O sr. dormiu mal? Lopes - Confesso que quinta-feira (quando o BC decidiu dobrar os juros) fui dormir preocupado. Ficava me revirando na cama, levantava, bebia um copo de água, voltava. As avaliações do mercado para o dia seguinte eram as mais pessimistas. Dizia-se

que o crédito ao consumidor ia parar, que o comércio não conseguiria mais vender veículos, eletrodomésticos. Mas a preocupação foi totalmente desfeita. O mercado reagiu melhor do que eu imaginava. O incêndio foi debelado. A sexta-feira foi **um belo dia**. Estado - E o início da semana? Lopes - Tenso. Na terça-feira, com a queda nas bolsas, entregamos reservas e avaliamos que a situação se acalmaria. Mas sempre fica a dúvida. A intenção era recomprar os dólares na quarta-feira. Não recomparamos e veio a convicção de que a saída seria aumentar os juros. Na noite de quarta para quinta-feira também dormi muito mal, preocupado, angustiado. Na quinta-feira, reunimos o Comitê de Política Monetária (Copom), discutimos. Foi então que (Francisco Lopes, *Corpus* do Português).

Na ocorrência anterior, “um belo dia” funciona como predicativo do sujeito “a sexta-feira”, a quem se vincula pelo verbo “ser”.

Em uma visão morfológica, temos uma estrutura e um significado bastante composicional. O construto aceita inversão, material interveniente, grau e funciona como um qualificador. Para exemplificar trazemos as instanciações a seguir

19. é morta e pela qual não tenho amor, mas remorso de não tê-la compreendido, devido à oclusão muda do meu orgulho intelectual; e te-la-ia amado certamente, se tão estúpido sentimento não tivesse feito passar por mim a única alma e pessoa que me podiam inspirar tão grave pensamento. Li-a e não a compreendi.. Ah! meu Deus! Ontem, matou-se um doente, enforcando-se. Escrevi nas minhas notas: " Suicidou-se no pavilhão um doente. **O dia está lindo**³⁹. Se voltar a terceira vez aqui, farei o mesmo. Queira Deus que seja **o dia tão belo** como o de hoje " Não me animo a dizer: venceste, Galileu; mas, ao morrer, quero com um sol belo, de **um belo dia**⁴⁰ de verão! VI Hoje é segunda-feira. Passei-a mais entediado do que nunca. Li o Plutarco, mas não tive animo de acabar com a leitura da vida de Pelópidas. Mais ou menos, releio esta célebre obra, porque aos dezoito anos fiz uma leitura dela apressada e salteada. Não tem o mesmo sabor, a que faço agora, (O cemitério dos vivos, Lima Barreto, *Corpus* do Português).

20. um padre, seu amigo, para celebrar o ato. D. Antônia quis que os noivos ficassem residindo em casa com ela. Quando Mendonça se achou a sós com Margarida, disse-lhe: - Casei-me para salvar-lhe a reputação; não quero obrigar pela fatalidade das cousas um coração que me não pertence. Ter-me-á por seu amigo; até amanhã. Saiu Mendonça depois deste speech, deixando Margarida suspensa entre o conceito que fazia dele e a impressão das suas palavras agora. Não havia posição mais singular do que a destes noivos separados por uma quimera. **O mais belo dia** da vida tornava-se para eles um dia de desgraça e de solidão; a formalidade do casamento foi simplesmente o prelúdio do mais completo divórcio. Menos cepticismo da parte de Margarida, mais cavalheirismo da parte do rapaz, teriam poupado o desenlace sombrio da comédia do coração. Vale mais imaginar que descrever as torturas daquela primeira noite de noivado.

³⁹ Realce nosso.

⁴⁰ Realce nosso.

Mas aquilo que o espírito do homem não vence, há de vencê-lo o tempo, a quem cabe final razão. O tempo convenceu Margarida de que a sua suspeita (Miss Dollar, Machado de Assis, *Corpus* do Português).

Nas ocorrências anteriores, é possível perceber que o construto é totalmente composicional porque aceita material interveniente, “tão” e “mais” que dão a noção de grau aumentativo. Na ocorrência 19 há usos com as palavras “dia”, “belo” e “lindo” que reforçam como o construto nesse contexto aceita outras possibilidades de construção. Na ocorrência 20 “o mais belo dia” se contrapõe a “um dia de desgraça e de solidão”, reforçando assim a composicionalidade também do uso.

O construto é formado por [SD+SAdj+SN], sendo que o sintagma nominal [SN] pode estar tanto no início quanto no final do construto, ou no lugar prototípico do sintagma adjetival [SAdj]. Já o sintagma determinante [SD] pode apresentar os traços + ou - determinado e + ou - específico e, ainda em alguns casos, pode aparecer com preposições, “do”, “dum” e “num”, como na ocorrência, a seguir:

21. A infame covardia de que agora Macário com maior indignação se acusava, à luz do sol **dum belo dia**, o levou naquela ocasião a consentir na continuação da viagem (...) (Inglês de Sousa, O missionário, *Corpus* do Português).

Em relação à propriedade fonológica, o acento principal do construto recai sobre o núcleo do sintagma, “dia”, e o determinante pode se apresentar amalgamado a um sintagma preposicional, relevando toda a sua composicionalidade também no nível fonológico.

Em relação ao significado, o uso está mais ligado ao léxico, porque traz uma relação ao tempo concreto, fazendo referência temporal física, acrescentando informações sobre o evento descrito no verbo, explicitando ou qualificando o sujeito. O uso prototípico desse construto é mais frequente nos *corpora* é de como adjunto adverbial, e, como um membro secundário da estrutura oracional, pragmaticamente, introduz informação nova e não tópica, situando temporalmente o evento descrito.

E, quanto à propriedade discursivo-funcional, o construto constitui informação de plano de figura em sequência descritiva e ao cumprir função

sujeito ou predicativa e em seu uso mais frequente, constitui informação nova e de fundo a respeito do evento descrito na oração.

4.2.1.1.2 O uso mais abstrato

Considerando que na perspectiva da Gramática de Construções a unidade simbólica é um pareamento de forma e significado, a estrutura formal “um belo dia” apresenta pelo menos dois usos, o uso mais concreto, descrito anteriormente e um uso mais abstratizado, como no exemplo a seguir:

22. (...) Aconteceu pois que um belo dia a esposa de José Luís anoiteceu e não amanheceu, desaparecendo com seus irmãos em Tupã, e levando consigo sua filhinha ainda de mama. (Histórias e tradições da Província de Minas Gerais, Bernardo Guimarães, *Corpus do Português*)

Nesse pareamento, “um belo dia” apresenta a seguinte estrutura formal: [Um belo dia] sendo que a leitura individual de cada elemento da microconstrução não recupera mais o sentido total, pois a sua constituição não é mais pela soma das partes para formar o todo, pois formou um *chunking*. Uma unidade de sentido único.

Submetemos esse pareamento aos critérios de Croft (2001), a fim de distingui-lo do uso mais ou menos concreto, conforme quadro a seguir:

Polo	Elementos	Parâmetro
Forma	Sintática	Impossibilidade de substituição dos elementos do construto.
		Posição parentética, fora da estrutura oracional básica, marcada na escrita por vírgula.
		Posição mais ou menos fixa, geralmente pré-verbal e no início da estrutura oracional básica.
		Posição cristalizada dos elementos do que seria um adjunto. Escopo sobre todo o conteúdo da sequência narrativa que introduz.
	Morfológica	Formação de uma só categoria gramatical; uma unidade morfossintática. Elemento invariável, sem possibilidade de material interveniente, marca flexional ou derivacional.
	Fonológica	Forma cristalizada, uma unidade tonal. Sem saliência fônica em elementos individuais.
Significado	Semântica	Sentido mais abstratizado. Persiste o valor semântico de temporalidade do uso mais concreto, agora voltada para a sequenciação dos fatos narrados. Sentido metafórico.

		Enquadre temporal narratológico.
	Pragmática	Estratégia do locutor para a eficiência da narrativa. Valor intersubjetivo, direciona a recepção do interlocutor.
	Discursivo-funcional	Introdutor de clímax da narrativa. Função intencional. Produz o sentido de contra-expectativa. Operador textual. Vincula sequências textuais. Auxilia na progressão narrativa.

Quadro 3. Uso + abstratizado

Quanto às propriedades sintáticas desse uso, ele permite apenas a possibilidade de substituição por outra microconstrução mais convencionalizada e não mais a inversão ou inserção de material ao conjunto. A substituição pode ser feita, por exemplo, por “de repente”, “repentinamente”, que introduz algo importante para a narrativa, não esperado, e que mudará o fluxo narratológico.

Na escrita, geralmente, esse uso vem entre vírgulas, ou separado por uma vírgula do restante da oração, aparecendo no início ou no meio da oração, logo após um ponto final ou reticências, sendo assim o construto pode se deslocar, pois assume uma função textual e não oracional. Observe isso na instanciação a seguir.

23. justiça acabava de condenar a dois anos de cadeia por crime inafiançável, depois de haver a polícia lhe dado busca na casa de jogo e apreendido o que lá encontrara, viu-se Ambrosina obrigada a voltar de novo a atividade prostibular, mas agora, não já como vagabunda ovelha, e sim como abelha mestra de quatro raparigas, entre as quais Eva Rosa era a de melhor cotação. E Gabriel, que a despeito dos conselhos " in extremis " do padraço, fora pouco a pouco, com a última aragem da fortuna, recaindo na primitiva prodigalidade, **um belo dia**, quando deu por si, depois de uma noite de dissipação em que adormeceu inconscientemente nos braços de Estela, acordou, sem mesmo saber como, nos da sua velha amante, e entre bocejos de apatia se deixou quedar. Já não tinha, porém o relapso, ao lado de Ambrosina, vislumbres dos arroubos da sua paixão de outrora; amava-a de cara fechada, como traga um bêbado a indispensável dose de aguardente, que lhe exige o vício. Mas, ainda assim, existiram juntos quase (A condessa Vésper, Aluísio Azevedo, *Corpus* do Português).

O construto assume uma função de operador textual e seu sentido recai não somente sobre a oração, mas sobre a sequência textual que introduz, afetando a progressão do texto todo. Essa afirmação é possível, pois como já foi mostrado na instanciação anterior, depois do construto a narrativa ganha um outro fluxo narratológico, há uma mudança significativa nos fatos narrados, logo

o construto está presente nas sequências narrativas e não descritivas, como acontece com o uso mais concreto.

Morfologicamente, o construto forma uma unidade categorial, um *chunking* o todo não pode ser recuperado pela junção das partes, elas se decompueram formando um todo morfossignificativo “um belo dia” pode ser parafraseado por “de repente”, por exemplo, exercendo a função de um operador textual ao introduzir o ápice da narrativa.

Fonologicamente, “um belo dia” apresenta uma forma cristalizada, formando uma unidade tonal, sem saliência fônica em elementos individuais, mas com um todo saliente.

Quanto ao polo do significado, no componente semântico houve uma metaforização em que os dois usos constituem em um *cline* de abstratização e compartilham propriedades semânticas de tempo, pois de uma referência de um tempo concreto se desenvolveu para uma referência do tempo narratológico.

Já em relação ao componente pragmático, “um belo dia” apresenta função intersubjetivo, pois o locutor ao usar esse construto direciona a recepção do interlocutor para algo importante do fluxo narratológico.

Em relação aos componentes discursivo-funcionais, a função do construto é intencional de chamar a atenção do interlocutor para um fato relevante da história. Isso é reforçado pela presença de elementos de realce, como uma conjunção adversativa, “mas”, como, no exemplo a seguir.

24. mocidade, de frescura e de amor; tinhas direito a exigir de teu noivo uma parte correspondente! Se o matares, não farás com isso mais do que cortar a grilheta com que te amarraram os pés! Eras inexperiente, não tinhas sequer idéia do que fosse a vida, a felicidade conjugal; teu corpo de virgem nada exigia, porque nada conhecia. Entretanto; um homem, decrépito e inútil, ambicionou amarrar o teu destino ao dele; pediu-te à tua família; ele era rico: deram-te ou, melhor, venderam-te. Mas tu, **um belo dia**, acordaste, mulher; tiveste então as tuas aspirações, os teus desejos; o amor reclamou os seus direitos! Bem; o que te competia decidir em semelhante caso! Das duas uma: ou abraçares o papel de vítima e resignar-te a aturar o trambolho a que te prenderam; ou então reagires, entregando-te francamente ao homem que escolhesses. Tu escolheste um; fui eu! Agora está dado o passo; voltar atrás seria loucura, e para prosseguir, só há um meio: é dar (Girândola de amores, Aluísio Azevedo, *Corpus* do Português).

Nesse uso, “mas tu, um belo dia” chama a atenção do locutor para a reviravolta que a narrativa irá ter. Dessa maneira, o uso do construto não é

fortuito, mas intencional para mudar o fluxo narratológico, auxiliando na progressão da narrativa ao introduzir o clímax. É através também desse construto que o locutor consegue produzir o sentido de contra-expectativa, pois a expectativa não é mais correspondida e sim redirecionada.

Em síntese, ao comparar os dois usos: o menos abstratizado e o mais abstratizado, notamos a mudança desenvolvida pela a microconstrução “um belo dia” tanto na forma quanto no significado. A seguir, trazemos uma tabela com o percentual dos usos analisados a fim de compará-los.

Tabela percentual dos usos: menos e mais abstratizado		
<i>Usos</i>	<i>Total</i>	<i>Percentual</i>
Menos abstratizado	07	8,9%
Mais abstratizado	106	135,6%

Tabela 4. Tabela percentual dos usos: menos e mais abstratizado.

Conforme a tabela anterior, o uso menos abstratizado foi o menos recorrente no nossos *corpora* do que o uso mais abstratizado, revelando assim alta frequência da microconstrução “um belo dia” no sentido mais abstrato, relacionado ao fluxo narratológico, o que sugere especialização nessa função.

A seguir, trazemos a análise conforme os contextos de gramaticalização previstos por Diewald (2002).

4.2.2 Contextos de gramaticalização

A partir da distinção dos usos de “Um belo dia”, cabe verificar os micropassos da mudança desse construto, considerando que os fatores contextuais exercem grande impacto na mudança linguística. Para isso, elegemos os parâmetros propostos por Diewald (2002), que integra aspectos semânticos, morfológicos e estruturais em uma perspectiva diacrônica. Através dos *corpora* foi possível detectar usos de “Um belo” em três tipos de contexto, típico, atípico e crítico. Conforme segue, respectivamente, nas ocorrências

25. o quartinho da rua da Misericórdia no Rio de Janeiro, os teatros, os passeios..; lembrou-se do castigo que o negro sofrera por sua causa; mas não disse nada.

Uma sensação de ventura infinita espalhava-se-lhe em todo o corpo. Começava a sentir no próprio sangue impulsos nunca experimentados, uma como vontade ingênita de ceder aos caprichos do negro, de abandonar-se-lhe para o que ele quisesse - uma vaga distensão dos nervos, um prurido de passividade. Ande logo! murmurou apressadamente, voltando-se. E consumou-se o delito contra a natureza. Amanhecera **um belo dia** de sol, quente, luminoso, de uma transparência fina de cristal lavado. Logo pela madrugada, antes de apagar-se a última estrela, a corveta " acendera fogos ", e demandava o porto, em árvore seca, impulsionada pela sua velha máquina de sistema antigo - um estafermo quase imprestável, porejando vapor, abrindo-se toda em desconjuntamentos de maquinismo secular. Enfim se chegava! Agora cada um tratava de si, de sua roupa, do que trouxera da longa viagem ao sul, dessa viagem maldita. (O Bom-Criolo, Adolfo Caminha, *Corpus* do Português).

26. Era **um belo dia** 2.a feira eu estava indo para o colégio o sinal fechou estava ventando muito quando o guarda-chuva sai da minha mão ele caio no chão já tinha passado da hora de ir para o colégio voutei (*sic*) para casa tomei um banho bem tomado porque eu estava todo molhado e sujo depois do banho fui dormir. (Parte escrita, narrativa de experiência pessoal, *Corpus* D&G).
27. Eu bem lhe disse. (Examinando as pupilas) Não vai mal, não. (Pondo-lhe as mãos no pescoço) Um bocado melhor. TERCEIRA DOENTE - Eu estou sofrendo do coração, não é, doutora? Fale com franqueza. LUÍSA - Qual coração! Esqueça-se disto. TERCEIRA DOENTE - E estas palpitações que sinto, esta zuada constantemente nos ouvidos? LUÍSA - O que a senhora tem é uma simples anemia que se pode facilmente debelar. (Senta-se e escreve) TERCEIRA DOENTE - O médico dizia a mesma coisa ao meu defunto e **um belo dia** quando ele acordou, coitadinho, estava morto. LUÍSA (Entregando-lhe uma receita) - Tome um cálice de duas em duas horas por espaço de três dias, descanse dois dias e depois venha cá! Mande fazer isto na botica do Nogueira no Largo da Lapa. TERCEIRA DOENTE - Deus Nosso Senhor lhe ajude, Doutora. (Sai andando devagar) CENA VII LUÍSA e EULÁLIA (ao sair a terceira doente, Luísa toca o tímpano que está em cima da mesa) EULÁLIA (Entrando) - (As doutoras, Joaquim José da França Junior, *Corpus* do Português).

Na tabela a seguir trazemos os dados quantitativos, relacionando contexto e século, considerando período de implementação e sedimentação do português brasileiro, conforme Naro e Scherre, 2007.

Contextos	Séculos		Século	Total por contextos
	XIX	XX	XXI	
Típico	03	04	00	7
Atípico	09	02	04	15
Crítico	65	38	04	107
Total por século	77	44	08	129

Tabela 5: Tabela Contexto/século.

No total, encontramos 129 ocorrências dos pareamentos nos três *corpora*: *Corpus* do Português, D&G e Fala Goiana. Conforme a tabela anterior, o século

mais produtivo foi o século XIX e o menos produtivo foi o século XXI. O contexto crítico foi o que mais registrou usos e o contexto típico foi o menos produtivo. Com o objetivo de fazermos uma análise qualitativa dos dados referentes a cada contexto, separamos cada seção por tipo contextual.

4.3 Contextos de produtividade da microconstrução “um belo dia”

4.3.1 Contexto típico

Conforme Diewald (2002), em um processo prototípico de gramaticalização, o contexto típico será aquele em que a construção é conceitual e, portanto, mais ligada ao léxico.

Sendo assim, depois de ter feito o levantamento quantitativo por século e por contexto, conforme foi apresentado na tabela anterior, e, a partir da natureza do fenômeno, analisamos os construtos qualitativa e quantitativamente, considerando os seguintes parâmetros: posição na oração, sequência textual em que aparece, função sintática do construto e valor semântico de cada uso. O resultado dessa análise do uso mais concreto consta na tabela a seguir.

Contexto Típico		
Parâmetro	Crítérios de análise	Total
Posição na oração	Pré-verbal	1
	Pós-verbal	6
Sequência textual	Narrativa	4
	Descritiva	3
Função sintática	Sintagma nominal	2
	Adjunto adverbial	5
Valor Semântico	Sentido lexical, - abstratizado, faz referência física, espaço-temporal.	

Tabela 6: Tabela contexto típico

Quanto ao primeiro critério de análise, “posição na oração”, o construto “um belo dia” tende a aparecer posposto ao verbo. Um exemplo disso é a

ocorrência a seguir, na qual “um belo dia” exerce a função de predicativo do sujeito “a sexta-feira”,

28. Esta semana foi muito angustiante? O sr. dormiu mal? Lopes - Confesso que quinta-feira (quando o BC decidiu dobrar os juros) fui dormir preocupado. Ficava me revirando na cama, levantava, bebia um copo de água, voltava. As avaliações do mercado para o dia seguinte eram as mais pessimistas. Dizia-se que o crédito ao consumidor ia parar, que o comércio não conseguiria mais vender veículos, eletrodomésticos. Mas a preocupação foi totalmente desfeita. O mercado reagiu melhor do que eu imaginava. O incêndio foi debelado. A sexta-feira foi **um belo dia**. Estado - E o início da semana? Lopes - Tenso. Na terça-feira, com a queda nas bolsas, entregamos reservas e avaliamos que a situação se acalmaria. Mas sempre fica a dúvida. A intenção era recomprar os dólares na quarta-feira. Não recomparamos e veio a convicção de que a saída seria aumentar os juros. Na noite de quarta para quinta-feira também dormi muito mal, preocupado, angustiado. Na quinta-feira, reunimos o Comitê de Política Monetária (Copom), discutimos. Foi então que (Francisco Lopes, *Corpus* do Português).

Em relação ao parâmetro de análise, “sequência textual”, esse construto apresentou usos tanto na sequência narrativa quanto na sequência descritiva, aparecendo juntamente com outros fatos da cena apresentacional do gênero narrativo, como, por exemplo, informações sobre o espaço.

Em relação à “função sintática”, o construto “um belo dia” pode vir tanto no sintagma nominal, exercendo uma função de predicativo do sujeito quanto no adjunto adverbial, exercendo uma função de locução adverbial de tempo, com função descritiva e pode aparecer acompanhando qualquer verbo.

Semanticamente, o construto exerce uma função lexical, fazendo referência ao mundo real e físico.

Ressaltamos que todas as ocorrências desse contexto foram encontradas no *Corpus* do Português. Os outros *corpora* não registraram ocorrência de uso nesse contexto. A seguir, apresentamos as características do contexto atípico que, de um modo geral, é altamente polissêmico, e, por isso mesmo, revela uma espécie de gatilho de mudança.

4.3.2. Contexto atípico

Segundo Diewald (2002), nesse contexto o novo significado pode ser gramaticalizado e surgir como uma implicatura conversacional, isto é, esse significado é contextual e pragmaticamente acionado e não é explicitamente

codificado no próprio item linguístico. A seguir trazemos a tabela com os resultados da aplicação de parâmetros de análise desse contexto, considerando os níveis de organização.

Contexto Atípico		
Parâmetro		Total
Posição na oração	Pré-verbal	03
	Pós-verbal	12
Sequência textual	Narrativa	14
	Descritiva	01
Função sintática	Sintagma nominal	00
	Adjunto adverbial	15
Valor Semântico	Sentido + ou - abstratizado, apresenta uma referência descritiva, mas também uma referência textual (abstrata), ligada ao tempo impreciso. Assumindo assim uma função polissêmica.	

Tabela 7: Tabela contexto atípico

Em relação ao primeiro critério, “posição na oração”, no contexto atípico, o construto “um belo dia” aparece predominantemente posposto ao verbo.

Quanto à sequência textual, o construto aparece mais em sequências narrativas, apresentando informações de um tempo concreto ou de um tempo indeterminado ou mais relacionado à narratologia do texto, somente o contexto imediato vai revelar sua função no plano informacional.

Em termos sintático-semânticos, destaca-se a coocorrência desse uso no contexto atípico com verbos apresentacionais. Esse tipo de verbos, conforme Ilari e Basso (2014, p. 92), introduzem no discurso novos referentes e são seguidos por um adjetivo ou uma oração relativa, apresentam um único argumento na posição pós-verbal e esse argumento, geralmente, vem introduzido pelo artigo indefinido e traz uma circunstância de tempo ou de lugar. Os autores assim descrevem os verbos apresentacionais,

- (i) a presença de uma *coda*, representada por um adjetivo ou uma oração relativa; (ii) a posição pós-verbal de seu único argumento; (iii) o fato de que esse argumento é normalmente introduzido pelo artigo indefinido; (iv) a presença, na *coda*, de um circunstancial de tempo ou de lugar.

Verbos apresentacionais têm um caráter verbal esvaziado, introduzem as coisas do discurso, integram uma estrutura composicional equivalente a do verbo haver, são impessoais, invariáveis, não exigem flexão, não concordam com o nome que introduzem (CASSEB-GALVAO, 2015).

Segundo Bagno (2013, p. 626), esse tipo de verbo apresenta a coisa para que, adiante, se possa falar dela.

Todas essas características são visíveis nos trechos a seguir em que “um belo dia” aparece introduzido pelo verbo representacional “ser”:

29. Era um belo dia ensolarado, quando eu estava no muro de minha casa. De repente, passou o caminhão do Almir Rangel anunciando que no campo do Mundial, (é um campo que se localiza defronte à minha escola) haveria distribuição de ingressos para ir ao parque VI centenário, é o parque do Almir Rangel. A distribuição foi marcada para as 3:00 hs. Quando faltavam poucos minutos para as 3:00hs eu tomei meu banho, me arrumei, me perfumei e fui a tal distribuição. Chegando lá, a distribuição era por tamanho, eu como sou “grandão”, lógico fui quase um dos últimos na fila. Por incrível que pareça. Sabem o que aconteceu? Quando chegou justamente em mim o ingresso acabou, mas o Almir Rangel disse para mim não se preocupar, pois haveria distribuição novamente em outro lugar. Fim (*Corpus D&G, Corpus Rio de Janeiro B*, parte escrita, narrativa de experiência pessoal).

Nessa ocorrência, o conjunto verbo + um belo dia está no início da narrativa, atuando na apresentação dos fatos e tem função parentética, pode ser parafraseado por “um certo dia” e até mesmo por “era uma vez”, se fosse também retirado o adjetivo “ensolarado”, nesse último caso. Entretanto o uso de “um belo dia” não está a serviço de reportar o ouvinte para um mundo mágico, dos contos de fada, mas de situar o leitor em um tempo narratológico, impreciso, na descrição do tempo.

Em uma análise semântica, o sentido é mais ou menos abstratizado, pois a noção de tempo permanece ora mais ligada ao tempo concreto, ora ao tempo mais narratológico, vago, impreciso.

O construto nesse contexto ainda tem uma noção de composicionalidade muito presente, pois por analogização, os slots que esse sintagma abre podem ser preenchidos por outros elementos e constituir outras construções paraentéticas mais convencionalizadas, por exemplo: “um certo dia”, “um dia”, “um dia qualquer” ou “um qualquer dia”, as quais seguem o mesmo esquema construcional da rede de formação de “um belo dia”, por questões de similaridade morfossintática e semântica. É o que se explica com as paráfrases a seguir:

30. (...) Ela vai morar com o Pavia algum tempo, diverte-se, sai a passeio com a gente dele, vai ao teatro, coisa que ela nunca provou.. **Um belo dia**, quando estiver sonhando alegrias nos cômodos agasalhos que lhe reserva o Manuel de Pavia, será visitada por uma sombra.. Conversarão durante várias entrevistas, etc, etc. (...). (As joias da coroa, Raul Pompéia, *Corpus* do Português).
31. (...) Ela vai morar com o Pavia algum tempo, diverte-se, sai a passeio com a gente dele, vai ao teatro, coisa que ela nunca provou.. **Um dia**, quando estiver sonhando alegrias nos cômodos agasalhos que lhe reserva o Manuel de Pavia, será visitada por uma sombra.. Conversarão durante várias entrevistas, etc, etc. (...). (As joias da coroa, Raul Pompéia, *Corpus* do Português).
32. (...) Ela vai morar com o Pavia algum tempo, diverte-se, sai a passeio com a gente dele, vai ao teatro, coisa que ela nunca provou.. **Um certo dia**, quando estiver sonhando alegrias nos cômodos agasalhos que lhe reserva o Manuel de Pavia, será visitada por uma sombra.. Conversarão durante várias entrevistas, etc, etc. (...). (As joias da coroa, Raul Pompéia, *Corpus* do Português).
33. (...) Ela vai morar com o Pavia algum tempo, diverte-se, sai a passeio com a gente dele, vai ao teatro, coisa que ela nunca provou.. **Um dia qualquer**, quando estiver sonhando alegrias nos cômodos agasalhos que lhe reserva o Manuel de Pavia, será visitada por uma sombra.. Conversarão durante várias entrevistas, etc, etc. (...). (As joias da coroa, Raul Pompéia, *Corpus* do Português).

Apesar de as estruturas morfológicas terem diferenças, todas são sintagmas adverbiais que indicam um tempo indeterminado, impreciso e, provavelmente, os falantes, por já terem essas construções mais convencionalizadas, fazem uso agora também de “um belo dia” com esse significado. A seguir trazemos o último contexto encontrado para o pareamento “um belo dia”.

4.3.3. Contexto crítico

Em uma análise quantitativa, o contexto crítico foi o mais frequente. Segundo Diewald (2002), na fase crítica ocorre a ativação efetiva do processo de gramaticalização, pois nessa fase a construção apresenta opacidade estrutural e múltiplos significados, o que torna possível a existência de várias interpretações, entre elas, o novo significado gramatical. Na tabela a seguir, da mesma maneira que fizemos nos outros contextos, traçamos as características desse construto nesse estágio de gramaticalização.

Contexto Crítico		
Parâmetros	Critérios de análise	Total
Posição na oração	Pré-verbal	97
	Pós-verbal	10
Sequência textual	Narrativa	107
	Descritiva	00
Função sintática interoracional	Operador textual	107
Valor Semântico	Sentido + abstratizado, apresenta uma referência textual (abstrata), ligada ao tempo narratológico, cumpre com a função de apresentar o clímax da história.	

Tabela 08: Tabela contexto crítico

Quanto ao primeiro parâmetro de análise, o construto aparece em uma posição anteposta, agora já não ao verbo, mas na maioria dos usos à sequência narrativa que introduz. E, em muitos casos, na escrita, é separado por vírgulas, acompanhados com expressão de realce, como “até que” e conjunções adversativas, com, por exemplo, na ocorrência a seguir

34. que é grande, ou belo, ou arrojado, e fingiu ligar interesse ao que ele fazia, ao que ele dizia, ao que ele ganhava, ao que ele pensava e ao que ele conseguia com paciência na sua vida estreita de negociante rotineiro; mas, de repente, zás! faltou-lhe o equilíbrio e a mísera escorregou, caindo nos braços de um boêmio de talento, libertino e poeta, jogador e capoeira. O marido não deu logo pela coisa, mas começou a estranhar a mulher, a desconfiar dela e a espreitá-la, até que **um belo dia**, seguindo-a na rua sem ser visto, o desgraçado teve a dura certeza de que era traído pela esposa, não mais com o poeta libertino, mas com um artista dramático que muitas vezes lhe arrancara, a ele, sinceras lágrimas de comoção, declamando no teatro em honra da moral triunfante e estigmatizando o adultério com a retórica mais veemente e indignada. Ah! não pôde iludir-se.. e, a despeito do muito que amava à ingrata, rompeu com ela e entregou-a à mãe, fugindo em (O cortiço, Aluísio Azevedo, *Corpus* do Português).

O uso da expressão de realce “até que” juntamente com o construto “um belo dia” ajuda a alertar o leitor que o fluxo da narrativa irá mudar, que algo novo está para acontecer. Em 34, há uma gradação semântica verbal que começa no verbo “desconfiar”, depois para o verbo “espreitar” chegando ao ponto máximo que é “seguir”, pois aí o personagem descobre que estava sendo traído pela

esposa, apresentando assim o ápice da narrativa, que agora já se encaminha para o desfecho do problema instaurado.

Segundo Neves (2000), a preposição “até” exerce vários papéis semânticos, entre eles a circunstanciação de tempo, em que uma ação/processo/estado chega a um limite final temporal. Analisando então a ocorrência por esse viés semântico, percebemos que a preposição “até”, juntamente com o construto “um belo dia”, ajudam a compor um clima de gradação das ações executadas pelo personagem até chegar ao seu limite, que foi seguir a mulher.

Em termos de sequência textual, “um belo dia” é muito produtivo em sequências narrativas ficcionais, mais subjetivas, marcando nesse contexto um tempo narratológico.

Em relação à posição sintática, predominantemente, o construto assume uma função de operador textual, não se relaciona mais com verbos e a função exercida pelo construto recai no texto de uma maneira geral. Essa afirmação é possível, pois como já foi mostrado, seu uso faz a narrativa ganhar uma outra direção narratológica, há uma mudança significativa no desenrolar dos fatos narrados.

Em relação ao parâmetro semântico, o construto auxilia na progressão textual, organizando o tempo dos eventos, e, juntos, o determinante, o adjetivo e o substantivo formam um todo, nomeado na literatura construcional, como um *chunking* [um belo dia]. Isso é especialmente visível pela sua não composicionalidade, ou seja, a relação entre forma e significado (das partes da forma fonte) é opaca, perdeu a transparência. Uma outra prova, decorrente dessa opacidade, é que uma expressão originalmente de valor positivo (beleza) pode ser recrutada, inclusive, para introduzir eventos negativos, como a traição descrita em 34.

Nesse contexto, “um belo dia” pode ser parafraseado por “de repente”, “repentinamente”, isto é, ele pode indicar ao interlocutor que depois de “um belo dia” haverá uma informação importante da narrativa, não esperada. Isso mudará a direção narratológica. É o que se depreende da paráfrase desse uso parentético, a seguir:

35. (...) Oh! Posso falar a este respeito. Fui seu amante quatro meses. - E por que a deixou? Aborreceu-se? - Não a deixei. É seu costume; **um belo dia**, sem causa, sem o mínimo pretexto, declara a um homem que as suas relações estão acabadas; e não há que fazer. Podem oferecer-lhe somas loucas, é tempo perdido. Também no dia seguinte, ou no mesmo, daí a uma hora, toma outro amante que não conhece, que nunca viu. - Todas são assim, com pouca diferença; ninguém sabe qual é o fio que faz dançar essas bonecas de papelão. - Nem tanto. Há mulheres, que, ou por (Lucíola, José de Alencar, *Corpus* do Português)
36. a (...) Oh! Posso falar a este respeito. Fui seu amante quatro meses. - E por que a deixou? Aborreceu-se? - Não a deixei. É seu costume; **de repente**, sem causa, sem o mínimo pretexto, declara a um homem que as suas relações estão acabadas; e não há que fazer. Podem oferecer-lhe somas loucas, é tempo perdido. Também no dia seguinte, ou no mesmo, daí a uma hora, toma outro amante que não conhece, que nunca viu. - Todas são assim, com pouca diferença; ninguém sabe qual é o fio que faz dançar essas bonecas de papelão. - Nem tanto. Há mulheres, que, ou por (Lucíola, José de Alencar, *Corpus* do Português)

Ao construir relações parentéticas com a locução de tempo “de repente”, a noção de tempo ainda persiste, porém agora um tempo abstratizado e não mais concreto.

Em resumo, ao analisarmos os usos de “um belo dia” nos três contextos: típico, atípico e crítico, constatamos que a microconstrução ainda não chegou ao último estágio da gramaticalização, nomeado por Diewald (2002) de contexto de isolamento, no qual microconstrução ganha um contexto específico e terá a oposição entre os significados velho e novo. Acreditamos que a microconstrução “um belo dia” não apresenta ainda um contexto de isolamento claramente distinto, mas caminha para isso, pois a noção de tempo ainda persiste e, deste modo, não restringe o uso a contextos específicos.

Através das ocorrências obtidas nos *Corpora*, concluímos que os contextos de gramaticalização dessa construção são, típico, atípico e crítico.

E com o intuito de apresentar os micropassos da mudança a partir dos contextos, o que configura um processo de gramaticalização, traçamos o *continuum* de mudança do pareamento [um + belo + dia] para [umbelodia], em resposta à terceira pergunta de pesquisa:

Uso concreto abstrato Uso mais ou menos abstrato Uso mais abstrato
 [[um] [[belo] [dia]]] [um belo dia] [umbelodia]

Esquema 1. *Continuum* dos usos de “um belo dia”.

Em síntese, o uso mais concreto pode ocupar posição posposta e/ou anteposta ao verbo, em uma sequência descritiva ou narrativa, se relacionando com verbos de qualquer natureza, em um período simples, ligando sintagmas. Semanticamente, apresenta um sentido ligado ao tempo concreto e físico. Em relação ao uso mais ou menos abstratizado, apresenta-se predominantemente em posição posposta ao verbo, em uma sequência narrativa, compondo uma oração e exercendo função argumental de verbo apresentacional. E, por fim, o uso mais abstrato aparece predominantemente anteposto ao verbo, e em posição e função parentética, iniciando uma sequência narrativa, exercendo função de operador textual. Tem tendência na escrita em vir acompanhado de conjunções adversativas, uma preposição ou ainda uma expressão de realce que destaca algo importante da narrativa, antecedendo o clímax, a informação mais relevante da narrativa. Forma um *chunking*, [um belo dia], um todo, conseqüentemente, a leitura do todo não recupera o significado individual de cada elemento da microconstrução.

A seguir, em resposta à quarta pergunta, submetemos os dados aos parâmetros dimensões gradientes (TRAUGOTT E TROUSDALE, 2013), numa contraposição entre os usos mais concreto e mais abstratizado, extremos do *continuum* de mudança.

4.4 Dimensões da microconstrução “um belo dia”: tamanho, especificidade fonológica e conceito

De acordo com Traugott e Trousdale (2013), as construções podem ser analisadas através de suas dimensões, a saber, *tamanho, especificidade fonológica e conceito*, vistas de uma maneira gradiente. Ressaltamos ainda que, a nossa análise consiste em verificar cada dimensão nos usos: mais lexical e no mais abstratizado da microconstrução “um belo dia” a fim de contrapor os extremos do *continuum* de mudança.

Em relação à dimensão *tamanho*, reiteramos que, segundo Traugott e Trousdale (2013), uma construção pode ser *atômica, complexa* ou *intermediária*. Em seu uso mais lexical, a microconstrução “um belo dia” é do tipo *complexo*: apresenta “pedaços” analisáveis, dos quais se distingue a indeterminação de

uma unidade temporal cronológica “dia”, qualificada como “cheia de beleza”, e nessa qualificação também se distingue gênero (bel-o).

Já o uso mais abstratizado é do tipo *intermediário*, tendo em vista que mesmo formado o *chunking* conseguimos recuperar o sentido da palavra “dia”, pois há uma noção de tempo, traz um marco temporal, não cronológico, mas narrativo. A indeterminação também persiste, mas “belo” teve o seu significado modificado e já não é mais recuperado.

Considerando que em relação à *dimensão de especificidade fonológica*, a construção pode ser *substantiva, esquemática ou intermediária*, em seu mais lexical, “um belo dia” apresenta uma parte esquemática e partes substantivas, constituindo o esquema “um X dia”.

Nesse esquema “um X dia”, o *slot* pode ser preenchido por outros adjetivos de valor positivo, como “agradável”, “bonito”, “ensolarado” etc. Nos dois casos, porém há partes substantivas e partes esquemáticas e, por isso, é uma microconstrução *intermediária*.

Já em relação ao uso mais abstratizado, não há *slots* para serem preenchidos, o construto foi neoanalisado pelos usuários como um todo, um *chunking* e, por isso, necessariamente, não abre slot para ser preenchido nem permite qualquer outro material interveniente, sendo assim, uma construção *substantiva*.

Em relação ao *conceito*, a construção pode ser de *conteúdo, procedural ou intermediária*. Pelo fato do uso mais lexical exercer uma função referencial de tempo concreto, formado por uma junção de substantivo e adjetivo que tem como função textual de descrever o dia, essa microconstrução é de *conteúdo*.

Em contrapartida, o uso mais abstratizado de “um belo dia” está mais ligado à gramática do texto, estabelece relações interoracionais, pois exerce uma função textual ao introduzir o clímax da narrativa. Esse pareamento exerce função *procedural*, tem função semântica relacional e não referencial.

Em síntese, a microconstrução “um belo dia” no sentido mais lexical em relação ao *tamanho, especificidade fonológica e conceito*, é, respectivamente, *complexa, intermediária* e de *conteúdo*, enquanto que o uso mais abstratizado desse pareamento é do tipo construcional *intermediário, substantivo e procedural*.

A seguir analisamos qual tipo de mudança construcional vem ocorrendo com “um belo dia” tendo como base os fatores hierárquicos previstos por Traugott e Trousdale (2013).

4.5. “Um belo dia” e suas redes conceituais hierárquicas

Nesta seção, traçamos a rede conceitual dos três usos encontrados nessa pesquisa: típico, atípico e crítico e através dos fatores hierárquicos de *esquematicidade*, *produtividade* e *composicionalidade*, distinguimos o tipo de mudança construcional vem ocorrendo com esse pareamento. O fator *produtividade* será analisado somente ao final desta seção porque faremos uma análise comparativa de todos os contextos.

A análise dos dados sugere que o uso típico do pareamento “um belo dia” integra uma rede construcional .

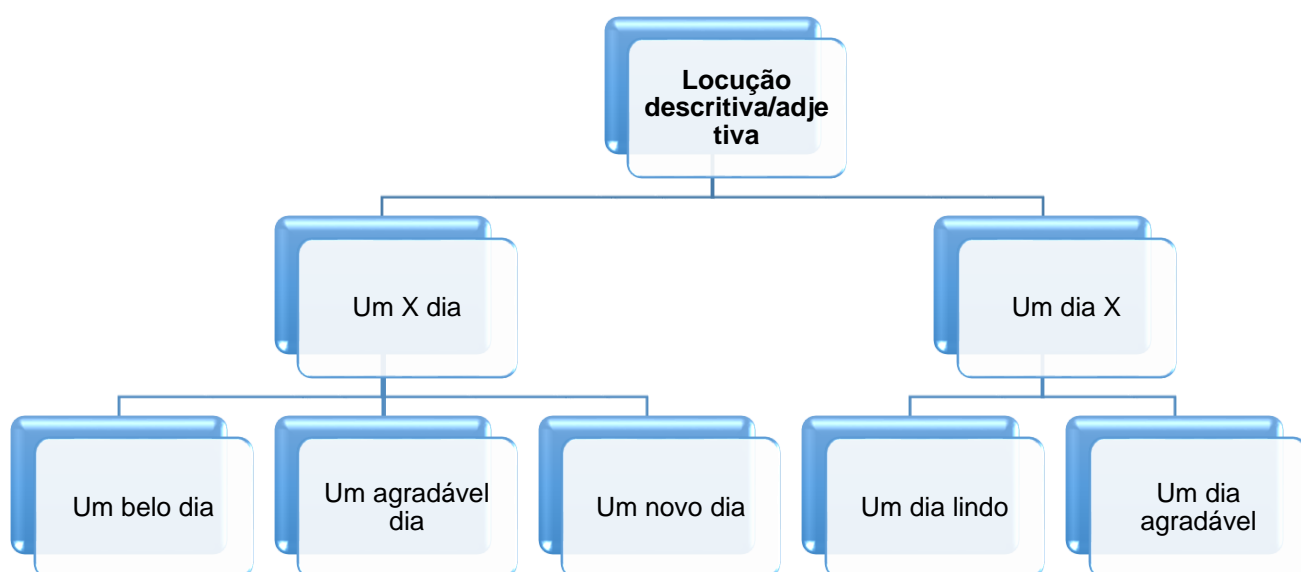


Figura 6 : Rede Conceitual do uso típico.

Analisando a rede conceitual hierárquica através dos fatores previstos por Traugott e Trousdale (2013): *esquematicidade*, *produtividade* e *composicionalidade*. Em relação à *esquematicidade*, “um belo dia” é um membro integrante do esquema das “locuções descritivas ou adjetivas” e dos

subesquemas “um X dia” e “um dia X”. Sendo o X um *slot* que, geralmente, vem preenchido por um adjetivo.

Já em relação à *composicionalidade*, esse uso é extremamente composicional, pois a construção é formada por [det + adj + SN], e se consegue recuperar o sentido descritivo da expressão. O determinante pode vir preenchido por “um” ou por “num”, o adjetivo pode ser “belo”, “lindo” etc e o SN é sempre “dia”. A seguir traçamos a rede do uso mais polissêmico, o uso atípico.

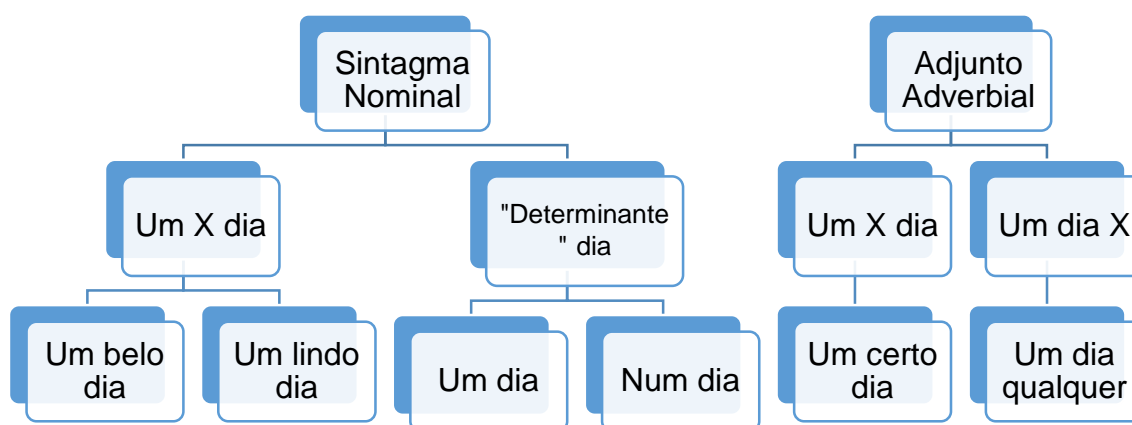


Figura 7: Rede conceitual do uso atípico.

Esse uso traçado na rede anterior apresenta um caráter polissêmico e, por isso, integra a rede de dois esquemas: a dos “sintagmas nominais” e “dos adjuntos adverbiais”. No esquema “sintagma nominal” temos os subesquemas “um X dia” e o subesquema “determinante dia”. Já no esquema “Adjunto adverbial” temos os subesquemas “um X dia” e “um dia X”, em que o X é um *slot* e pode ser preenchido por um pronome indefinido ou um adjetivo. A noção de tempo pode ser tanto a concreta quanto a abstrata.

Em relação ao uso anterior, esse uso é mais produtivo, tendo em vista que faz parte de mais de um esquema e de um subesquema.

Em relação à *composicionalidade*, ele não é tão composicional quanto o uso típico porque o sentido já traz algo mais abstratizado, com uma marcação de tempo indeterminada e não mais no sentido descritivo como antes em que era possível recuperar o sentido de todas as partes do construto. A seguir segue a rede do uso crítico.

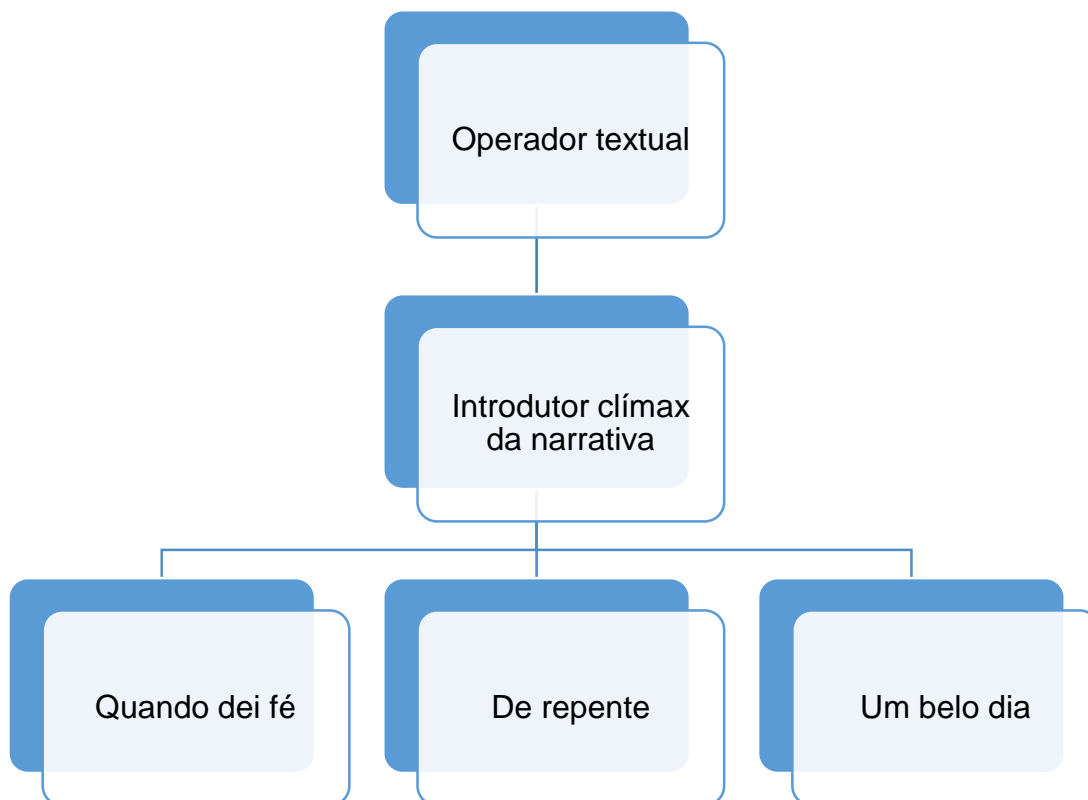


Figura 8: Rede conceitual do uso crítico.

O uso crítico faz parte da rede dos operadores textuais e do subesquema “introdutor de clímax da narrativa”, pois o seu escopo não é mais a oração como nos usos anteriores, mas uma sequência textual, pois introduz o clímax da narrativa, sendo assim prepara o interlocutor para uma mudança no fluxo narratológico.

Quanto à *composicionalidade*, conforme o uso vai se abstratizando, o construto se torna menos composicional, chegando a formar um *chunking*, isto é, uma construção única com um todo significativo.

Em relação à *produtividade*, ao analisar todas as redes anteriores em forma de um *continuum*, a frequência *type* é produtiva, pois a microconstrução teve seus usos estendidos, passou a integrar diferentes padrões construcionais, isto é, pode exercer uma função em uma locução descritiva, em um sintagma nominal, sintagma adverbial, e, por fim, em um introdutor de clímax da narrativa.

Houve uma expansão também na *host-class* (classe hospedeira) dos operadores textuais porque agora, via processo analógico, o falante passou a usar essa microconstrução com sentido semelhante a “um dia”, “de repente”, entre outras, aumentando assim a rede de relações desse construto.

Ademais, houve também um aumento na frequência *token*, uma vez que teve um aumento nas situações de usos em decorrência das novas inferências semântico-pragmáticas dadas a partir das novas combinações possibilitadas pela mudança linguística.

Reiteramos que a frequência *token* foi mais produtiva no século XIX, com 79 ocorrências. Em um efeito decrescente, tivemos 44 ocorrência no século XX, e 8 ocorrências no século XXI.

Em síntese, nesta seção conseguimos esboçar as frequências *type* e *token*, além de conseguir traçar as redes conceituais de cada uso encontrado para o pareamento “um belo dia”, tendo como base os fatores hierárquicos de esquematicidade, produtividade e composicionalidade.

Ao final desta seção, entendemos que a microconstrução é uma construcionalização gramatical ao considerar que houve uma mudança tanto na forma quanto no sentido e por passar a exercer uma função textual em seu uso mais abstratizado, ao relacionar partes do texto preparando o leitor para o clímax da narrativa e não fornecer mais um sentido concreto, ligado à descrição do dia, como no seu uso mais lexical.

Considerações Finais

Este estudo analisa a microconstrução “um belo dia”, e é baseado na Linguística Funcional Centrada no uso e na Gramática de Construções.

Fizemos um levantamento panorâmico para subsidiar a análise dessa microconstrução no Português Brasileiro, mais precisamente, nos séculos XIX, XX e XXI.

Com a finalidade de responder nossas perguntas de pesquisas e nossos objetivos, elegemos quatro parâmetros de análise: os níveis de análise previstos no modelo de Croft (CROFT, 2001), os contextos de gramaticalização, propostos por Diewald (2002), dimensões: tamanho, especificidade, conceito (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013) e os fatores hierárquicos de esquematicidade, composicionalidade e produtividade (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013).

Através desses parâmetros conseguimos responder às cinco perguntas de pesquisa, pois analisamos as propriedades sintática, morfológica, fonológica, semântica, pragmática e discursiva-funcional previstas no modelo de Croft (2001) dos usos mais lexical e mais abstratizado, mostrando os micropassos da mudança tanto na forma quanto no significado.

Em seguida, averiguamos quais são os contextos de produtividade dessa construção, a saber: contexto típico, atípico e crítico. Traçamos o *continuum* da mudança desse pareamento. Em relação aos parâmetros, “posição na frase”, “sequência textual” e “função textual”. No contexto típico, o pareamento “um belo dia” pode ocorrer anteposto e posposto ao verbo, uma prerrogativa de sua formação composicional, e tanto em uma sequência descritiva quanto narrativa. O contexto atípico apresenta a microconstrução também anteposta e posposta ao verbo, predominantemente, em uma sequência narrativa, em um adjunto adverbial. No contexto crítico, aparece mais anteposta ao verbo, predominantemente, encabeçando uma sequência narrativa, funcionando como um operador textual.

A fim de ratificar a distinção entre os usos atípico e crítico, trazemos quatro ocorrências do *Corpus Fala Goiana*, em que de um mesmo usuário foram

registrados usos em contexto atípico e em contexto crítico, revelando que a mudança já está conceitualmente estabelecida no uso e na gramática:

37. Inf. Assim... fo... foi eu... eu tava grávida do meu minino mais novo... i:::... não do meu... do meu min... do meu primero minino do Júnior né? qu/eu tava grávida dele... eli:: trabalhava fora... trabalhava numa firma de transporte... primero ele trabaiava num figurifo... aí **um belo dia** ele saía cedo... a gente ficô na casa da minha tia... dessa tia minha que faleceu... a gente ficô lá um tempão... e a gente enfrentô muita dificuldade lá junto com eis... porque... família é assim... é difíci família a gente convivê com família assim... não sê pai e mãe... tinha é muito difícil... aí eu falei não num guento mais ficá na casa desse povo não... e eis... que a gente ficá na casa dos/oto a gente tem que ajudá e a gente num tava im condição de ajudá então começava a::: tê uns atrito lá::: e um () falei não nós tem que arrumá um cantim pra nós aí... aí meu esposo arrumô serviço no frigorifo... e **um belo dia** ele ia trabalhá qu/ele saía de madrugada... quatro hora da manhã ele tinha que saí... a pé né... pra trabaíá pra í nesse frigorifo lá aí **um belo dia** ele foi... pra i pr/esse frigorifo pra trabalhá... uns... uns marginal lá cercô ele... um dum lado oto dotro ele foi pra travessá os marginal com faca... falei acho que é gente mesmo que gosta de robá né? queria... robá ele e graças a Deus teve um home que... socorreu ele na hora num feis nada mandô ele voltá pra trais que senão os ladrão ia pegá ele né? aí depois disso ele tomo medo... ele ficô com medo... a gente ficô com medo foi lá na () isso aqui num é pra nós não... nós tem que dá um jeito de i::: embora... num é pra nós... nós num tem nem casa aqui... num tem jeito de nada aqui... cê tá sem... aí ele pegô foi até mandado embora que num foi no serviço né? mandô embora... aí ele arrumô um oto serviço perto da casa do tii dele... aí a gente pegô e falô não agora esse serviço é bão pro cê... cê vai trabalhá nessa firma... firma de transporte... de... alimento... i ele viajava muito aí a gente arrumô um barracão lá perto do tii dele né? (...) i logo ele perdeu o emprego tamém... aí falei não agora nós tem que imbora... que agora tá na época deu ganhá nenê... como cê vai fazê pra pagá parto... pra mim pagá hospital... pagá coletivo... pagá tudo aqui... e quem vai ficá comigo hora qu/eu ganhá esse nenê não vamo embora... aí nós foi... **um belo dia** eu falei não nós tem que imbora aí pôis minha mudança dento do caminhão... aí a gente pegô e vei imbora di volta pra cá pra Goiás... aí a gente ficô i logo eu tive ele né? meu minino que é o Júnior... meu minino mais véi... aí ficô... já ficô aqui di veis...(feminino, 33 anos, *Corpus Fala Goiana*).

Em relação ao valor semântico, a análise revelou que em contexto típico o um sentido é concreto, de descrição do dia, completando o sentido de qualquer verbo. Depois, no contexto atípico, já promove uma ligação tanto com o tempo físico quanto com o tempo narratológico. E no contexto crítico somente faz referência a um tempo narratológico. Todo o *chunking* foi de tal maneira neoanalisado que o seu sentido não está mais ligado à beleza em si, mas a algo extraordinário, diferente, com uma significação ligada a um fato novo que será revelado na narrativa.

O *continuum* de mudança em relação ao percurso construcional narrativo, percebemos que no contexto típico exerce uma função em uma sequência descritiva, em um período simples, ligando sintagmas. Enquanto que no contexto atípico exerce a função de progressão textual, aparecendo em um período composto. E, por fim, no contexto crítico, vem acompanhado de conjunções adversativas ou uma preposição que destaca algo importante da narrativa, geralmente antecede o clímax da história, funcionando como um operador textual, exercendo uma função de organizar textualmente os elementos da narrativa.

Para melhor revelar a mudança ocorrida no pareamento, apresentamos uma comparação quanto à funcionalidade dos usos mais concretos e mais abstratos:

Funcionalidade da microconstrução

“Um belo dia” concreto

Nível oracional

Função primária

Atua no nível do predicado

Integra um SAdj no esquema de predicado, acrescentando informação na descrição espaço-temporal

Função secundária

A serviço de sequências descritivas

“Um belo dia” abstrato

Nível textual

Função primária

Integra o domínio interoracional, textual

Função secundária

Organiza e integra sequência narrativa

Em relação à constituição morfológica, percebemos que, conforme muda o contexto, muda a composicionalidade, pois de um pareamento bem composicional, [[um] [[belo] [dia]]] que aceitava material interveniente e inversão, no contexto típico se constitui como um *chunking* [umbelodia] (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013), principalmente, no contexto crítico.

Em relação às dimensões de tamanho, especificidade fonológica e conceito que usamos para comparar o uso mais lexical com o uso mais abstratizado descobrimos, respectivamente, que a microconstrução “um belo

dia” no sentido lexical é *complexa, intermediária* e de *conteúdo*. Enquanto que o uso mais abstratizado é *intermediária, substantiva e procedural*.

Ao final da análise ao traçar as redes conceituais dos três usos encontrados, concluímos que “um belo dia” em seu uso mais abstratizado exerce uma função textual, integrando o esquema dos operadores textuais, mais especificamente, dos introdutores de clímax da narrativa. Isso significa que esse pareamento sofreu um processo de mudança do tipo construcionalização gramatical, formando uma construção procedural, atuando na expressão de relações discursivo-textuais.

A resposta a todas as perguntas de pesquisa confirma a hipótese de que o uso mais abstratizado realmente atua no nível textual e prepara e apresenta ao interlocutor o clímax da narrativa. O estabelecimento do processo de mudança se deu por atuação de fatores como analogia e iconicidade, pois a nova construção alterou a ordenação sequencial dos elementos na oração, passando a atuar além do contorno oracional, em posição parentética. O *chunking* em função textual tem menos informação conceitual que a forma fonte.

Em síntese, os dados do PB contemporâneos analisados revelam que “um belo dia” perde propriedades composicionais e passa a integrar a rede dos operadores textuais introdutores de clímax da narrativa, concorrendo em preferência com *de repente, quando dei fé, quando dei por mim*, e sua estrutura confirma o princípio funcionalista de que estruturas análogas refletem relações análogas.

Enfim, esta pesquisa pretende contribuir com os estudos de descrição e análise linguística, mais precisamente com os estudos de mudança linguística centrada no uso. Trata-se de um recorte analítico, dentre tantos outros possíveis, e que releva a necessidade de prosseguimento e expansão da análise desse fenômeno, muito especialmente, integrando a essa pesquisa uma perspectiva da narrativa como uma construção e o pareamento “um belo dia” como integrante de sua rede construcional.

Referências

- ANDERSEN, H. Actualization and the (uni)directionality. In:_____.
ANDERSEN, H. ed. *Actualization: Linguistic Change in Progress*. Amsterdam: Benjamins, 2001, p. 225–248.
- BAGNO, M. *A gramática, pedagógica do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2013.
- BAGNO, M.; CASSEB-GALVÃO, V.C. *Hipercorreção e analogia: o caso dos participios passados*. No prelo.
- BARDDAL, J. *Productivity: evidence from case and argument structure in icelandic*. Amsterdam: Benjamins. 2008.
- BARROS, D. M. *Aspectos funcionais relativos ao (des)uso do reflexivo na fala goiana*. Dissertação de mestrado. 2011, 214f. Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2011.
- _____. *Um estudo pancrônico da voz reflexiva em perspectiva construcional*. 2016.175 f. Tese de Doutorado em Letras – Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2016.
- BARROS, D.M.; CASSEB-GALVÃO, V. C. A transitividade na reconfiguração da voz reflexiva na fala goiana. *Revista Linguística*. Rio de Janeiro. Volume Especial, p. 171-191, dez de 2016. Disponível em <http://www.letras.ufrj.br/poslinguistica/revistalinguistica>. Acesso em 02 de mar. de 2017.
- BENVENISTE, E. Subjectivity in language. In:_____. MEEK. M. E. *Problems in General Linguistics*. Coral Gables: FL: University of Miami Press. Original French publication, 1971 [1958].
- BERTOQUE, L. A. D. P. *Elaborações de voz na fala goiana: o destaque ao argumento afetado*. Goiânia, 2014. 243 p. Tese de Doutorado em Letras – Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2014.
- BOAS, H. C. Resolving form-meaning discrepancies. In:_____. LEINO, J.(ed.). *Constructional Reorganization*. Amsterdam: Benjamins. 2008. p. 11–36.
- BOOIJ, G. *Construction Morphology*. Oxford: Oxford University Press, 2010.
- BRINTON, L.; TRAUGOTT, E. *Lexicalization and language change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- BYBEE, J. Mechanisms of change in grammaticization: the role of frequency. In:_____. JOSEPH, B.D.;JANDA, R. (ed.). *The handbook of historical linguistics*. Hoboken, NJ: Blackwell, 2003.

_____. A usage-based perspective on language. In:_____. BYBEE, J. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

_____. *Língua, uso e cognição*. Tradução Maria Angélica Furtado da Cunha. São Paulo: Cortez, 2016.

BYBEE, J. L.; MCCLELLAND, J. L. Alternatives to the combinatorial paradigm of linguistic theory based on domain general principles of human cognition. In:_____. RITTER, N. A. *The Role of Linguistics in Cognitive Science*. Special Issue of *The Linguistic Review* 22. 2005, p. 381–410.

BYBEE, J. L.; PERKINS, R.; PAGLIUCA, W. *The Evolution of Grammar: tense, aspect and modality in the languages of the world*. Chicago: University of Chicago Press, 1994.

CASSEB-GALVÃO. V. C. *Evidencialidade e gramaticalização no português do Brasil: os usos da expressão "diz que"*. 2001. 205 p. Tese de Doutorado – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), Araraquara, 2001.

_____. Uma contribuição da descrição gramatical para o ensino do português brasileiro em contexto de herança. In:_____. CHULATA. K de A. *O português língua de herança discursos e percursos*. Pensa multimedia editora, 2015, p. 149-166.

_____. De predicação matriz a operador evidencial. A gramaticalização de diz que. *Veredas – Rev. Est. Ling. Juiz de Fora*, v. 8, n. 1 e n. 2, p. 163-181, jan./dez 2004. Disponível em < <http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2009/12/cap11.pdf> >. Acesso em jul. de 2016

CASSEB-GALVÃO.V.C.; LIMA-HERNANDES, M.C. “Mettáforas” para Martelotta. In:_____. CEZÁRIO, M.M.; FURTADO DA CUNHA, M.A.(orgs). *Linguística centrada no uso: Uma homenagem a Mário Martelotta*. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2013.

CASSEB-GALVÃO.V.C. et al. *Anotações de aula. Gramaticalização e Gramática de Construções. Pós Graduação em Letras. Faculdade de Letras. Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2015.*

CORPUS FALA GOIANA. Disponível em: < <https://gef.letras.ufg.br/p/11948-banco-de-dados> > Acesso em 20 outubro. 2015.

CROFT, W. W. *Radical Construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

DAVIES, M.; FERREIRA, M. *Corpus do Português*. (45 milhões de palavras, sécs. XIV-XX). Disponível em: <<http://www.corpusdoportugues.org/x.asp>> Acesso em: 25 maio. 2015.

DIEWALD, G. A model for relevant types of contexts in grammaticalization. In: _____ WISCHER, I. DIEWALD, G. (eds.). *New reflections on grammaticalization*. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins, 2002, p. 103-120.

DIK, S.C. *The theory of functional grammar*. Part. 1: The structure of the clause. 2. Ed. Revisada. Berlim; New York: Mouton de Gruyter, 1989.

FANT, L. *Estructura informativa en español – Estudio sintáctico y entonativo*. Upsala: Upsala Universitet, 1984.

FERREIRA, L. *A estabilidade semântico-sintática do modal poder: evidências em três sincronias*. 2000. Tese (doutorado). Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2000.

_____. Estabilidade e continuidade semântica e sintática. In: _____ FURTADO DA CUNHA, M.; RIOS DE OLIVEIRA, M.; MARTELOTTA, M. (Org.) *Linguística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

_____. Estabilidade e continuidade semântica e sintática. In: _____ FURTADO DA CUNHA, M.; RIOS DE OLIVEIRA, M.; MARTELOTTA, M. (Org.) *Linguística funcional: teoria e prática*. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

FILLMORE, C.J. *Syntactic intrusions and the notion of grammatical constructions*. Berkley Linguistic Society, n. 11, 1985, p. 73-86.

FURTADO DA CUNHA, M.A. A negação no português: uma perspectiva pancrônica. In: _____. *Procedimentos discursivos da fala de Natal: uma abordagem funcionalista*, Natal: EDUFRN, 2000, p. 11-48.

_____. Funcionalismo. In: _____ MARTELOTTA et al. (orgs). *Manual de linguística*. São Paulo: Contexto, 2013.

FURTADO DA CUNHA, M.A. RIOS DE OLIVEIRA, M.; VOTRE, S. A interação sincronia/diacronia no estudo da sintaxe. *Delta*, v.15, n.1, 1999. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44501999000100004&lng=en&nrm=iso#back. Acesso em 04 de nov. de 2016.

FURTADO DA CUNHA, M.A. et al. *Linguística Funcional Centrada no Uso: Conceitos Básicos e Categorias Analíticas*. In: _____ CEZÁRIO, M.M. FURTADO DA CUNHA, M.A (orgs) *Linguística centrada no uso: Uma homenagem a Mário Martelotta*. Rio de Janeiro: Muad X: FAPERJ, 2013.

GOLDBERG, A.E. *Constructions: A construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, A. E; JACKENDOFF, R. *The english resultative as a family of constructions*. [S.l.], [2004?]. Disponível em <

<https://www.princeton.edu/~adele/papers/Papers/resulttv3h-revised.rtf>.> Acesso em: 27 abr. 2016.

GONÇALVES, S C. L. *Gramaticalização, modalidade epistêmica e evidencialidade: um estudo de caso no português do Brasil*. 2002. Tese de Doutorado – Universidade Federal de Campinas (UNICAMP). Campinas, SP: 2002.

_____. et al. (orgs). *Introdução à gramaticalização: princípios teóricos e aplicação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

GIVÓN, T. *On Understanding Grammar*. New York: Academic Press. 1979

HAIMAN, J. Iconic and Economic Motivation. *Source: Language*, vol. 59, nº. 4, p. 781-819, 1983. Disponível em https://www.eva.mpg.de/lingua/conference/10-CompetingMotivations/pdf/Haiman_1983_Iconic_economic_motivation.pdf Acesso em 24 de fev. de 2017.

HEINE, B. On the role of the context in grammaticalization. In: _____. WISCHER, I.; DIEWALD, G. (eds). *New reflections on grammaticalization*. Amsterdam e Philadelphia: John Benjamins, 2002, p. 83-101.

HIMMELMANN, N.P. Lexicalization and grammaticization: Opposite or orthogonal? In: _____. BISANG, W.; HIMMELMANN, N.P.; WIEMER, B. (eds.). *What makes grammaticalization? : a look from its fringes and its componentes*. New York: Mouton de Gruyter Berlin, 2004, p. 21–42.

HOPPER, P. J. On some principles of grammaticization. In: _____. TRAUGOTT, E.C.; HEINE, B. (Ogs.). *Approaches to grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins, 1991, p. 17–36.

HOPPER, P.J; TRAUGOTT, E.C. *Gramaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 2ª ed., 2003.

ILARI, R.; BASSO, R.M. O verbo. In: _____. ILARI, R. (org.). *Gramática do português culto falado no Brasil: volume III: classe aberta*. São Paulo: Contexto, 2014.

JUSTINO, A. R. *Construções comparativo – intensificadoras de valor absoluto – estudo do esquema X que só*. Tese Doutorado em Estudos Linguísticos. Faculdade de Letras. Universidade Federal de Goiás, UFG. No prelo.

LACERDA, P.F.A.C.; OLIVEIRA, N.F. Abordagem construcionista na gramaticalização: perspectivas e contribuições. In: _____. RIOS DE OLIVEIRA, M.; ROSÁRIO, I. da C. do. (orgs). *Linguística centrada no uso*. Rio de Janeiro: Lamparina, FAPERJ, 2015.

LANGACKER, R. W. *Foundations of Cognitive Grammar*, Vol. I: Theoretical Prerequisites. Stanford: Stanford University Press. 1987.

_____. *Cognitive Grammar: a basic introduction*. New York: Oxford University Press, 2008.

_____. Grammaticalization and Cognitive Grammar. In: _____ NARROG, H.; HEINE, B. (eds). *The Oxford Handbook of Grammaticalization*. New York: Oxford University Press, 2011, p. 79-91.

LEHMANN, C. *Grammaticalization: synchronic variation and diachronic change*. *Lingua e Stile* 20. 1985, p. 303–318.

LÔBO, C.M.G.N. *A microconstrução “pois não” no português brasileiro*. Tese Doutorado em Estudos Linguísticos. Faculdade de Letras. Universidade Federal de Goiás, UFG. No prelo.

LYONS, J. *Semantics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.

MARTELOTTA, M. E. Linguística centrada no uso e mudança. In: _____. MARTELOTTA, M. E. *Mudança linguística – uma abordagem baseada no uso*. São Paulo: Cortez, 2011.

_____. A mudança linguística. In: _____. FURTADO DA CUNHA, M.A.; RIOS DE OLIVEIRA, M.; MARTELOTTA, M.E. (orgs) *Linguística Funcional: teoria e prática*. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

MARTELOTTA, M. E.; ALONSO, K.S. Funcionalismo, cognitivismo e a dinamicidade da língua. In: _____. SOUZA, E.R. *Funcionalismo linguístico: novas tendências teóricas*. São Paulo: Contexto, 2012.

MEILLET, A. 1958[1912]. L'évolution des formes grammaticales. In: _____. MEILLET, A. *Linguistique historique et linguistique générale*. Paris: Champion. (Originally published in *Scientia (Rivista di scienza)* XXII, 1912.), p. 130–148.

MOREIRA, H.; CALEFFE, L. G. Classificação da Pesquisa. In: _____. *Metodologia científica para o professor pesquisador*. 2. Ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.p.69-94.

NARO, A. J; SCHERRE, M.M.P. *Origens do Português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

NEVES, M. H. de M. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

_____. *Texto e gramática*. São Paulo: Contexto, 2013.

OLIVEIRA, M. R.; SANTOS, L. *Padrões de uso da expressão 'sei lá' no português*. *Signotica (UFG)*, v. 23, p. 363-384, 2011. Disponível em <<https://revistas.ufg.emnuvens.com.br/sig/article/view/17529/11016>> Acesso em 14 de junho de 2016.

PINTO, D. D. de M., et al. Trajetórias: Mário Martelotta e os estudos em gramaticalização. In: _____ CEZÁRIO, M.M. FURTADO DA CUNHA, M.A. (orgs) *Linguística centrada no uso: Uma homenagem a Mário Martelotta*. Rio de Janeiro: Muad X: FAPERJ, 2013

RIOS DE OLIVEIRA, M. Tendências atuais da pesquisa funcionalista. In: _____ SOUZA, E.R. de. (orgs). *Funcionalismo linguístico: Novas tendências teóricas*. São Paulo: Contexto, 2012.

_____. Contexto: definição e fatores de análise. In: _____ RIOS DE OLIVEIRA, M.; ROSÁRIO.I. da C. do. (orgs). *Linguística centrada no uso*. Rio de Janeiro: Lamparina, FAPERJ, 2015.

_____. (Coord.) *Corpus Discurso e Gramática – a língua falada e descrita na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: UFRJ. Disponível em: <http://www.discursoegramatica.lettras.ufrj.br/download/rio_de_janeiro_b.pdf> Acesso: 19 ago. 2015.

RIOS DE OLIVEIRA, M.; VOTRE, S.A. A trajetória das concepções de discurso e de gramática na perspectiva funcionalista. *Matraga*, Rio de Janeiro, v. 16, nº 24, Jan./Jun., 2009. Disponível em <http://www.pgletras.uerj.br/matraga/matraga24/arqs/matraga24a04.pdf>. Acesso em 05 de nov. de 2016.

RODRIGUES, A.T.C. “*Eu fui e fiz esta tese*”: as construções do tipo foi fez no português do Brasil. 2006. Tese doutorado. Unicamp. Campinas, 2006.

ROSÁRIO, I. Gramática, gramaticalização, construções e integração oracional: algumas reflexões. In: _____ RIOS DE OLIVEIRA, M.; ROSÁRIO.I. da C. do. (orgs). *Linguística centrada no uso*. Rio de Janeiro: Lamparina, FAPERJ, 2015.

SAID ALI, M. *Meios de expressão e alterações semânticas*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas. Série Universidade, 1971.

SILVA, J.R. *Motivações semântico-cognitivas e discursivo-pragmáticas nos processos de intensificação*. 2008. Tese de doutorado. Natal: UFRN, 2008.

_____. (De) gramaticalização e unidirecionalidade. In: _____ RIOS DE OLIVEIRA, M.; ROSÁRIO.I. da C. do. (orgs). *Linguística centrada no uso*. Rio de Janeiro: Lamparina, FAPERJ, 2015.

TAYLOR, J, R. *Linguistic Categorization: Prototypes in Linguistic Theory*. Clarendon Press Oxford: New York, 1995.

TEIXEIRA, A.C.M; OLIVEIRA, M.R. Por uma tipologia funcional dos marcadores discursivos com base no esquema construcional verbo locativo. *Veredas: revista de estudos linguísticos*, v. 16, n. 12, 2, 2012, p. 19 – 35,. Disponível em <http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2012/10/artigo-2.pdf> Acesso em 09 de nov. de 2016.

TOMASELLO, M. *The new Psychology of Language: Cognitive and Functional Approaches to Language Structure*. New Jersey Londres: Lawrence Erlbaum Associates, Inc, 1998.

_____. *Origens culturais da aquisição do conhecimento humano*. Trad. Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2003 [1999].

_____. *Beyond formalities: The case of language acquisition*. *The Linguistic Review* 22, 2005, p.183–197.

_____. *Origins of human communication*. Cambridge: MIT Press, 2010.

TRAUGOTT, E.C. Grammaticalization, constructions and the incremental development of language: suggestions from the development of degree modifiers in English. In:_____ ECKARDT.; JÄGER, G. & VEENSTRA, T. (Ed.) *Variation, Selection, Development: Probing the Evolutionary Model of Language Change*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2008, p. 219-250.

_____. (Inter)subjectivity and (inter)subjectification: A reassessment In:_____. DAVIDSE, K, VANDELANOTTE, L., CUYCKENS, H. (Ed.) *Subjectification, intersubjectification and grammaticalization (topics in English linguistics)*, Berlin & New York: Mouton de Gruyter, 2010

TRAUGOTT, E.C; TROUSDALE, G. *Constructionalization and Constructional Changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

TRAUGOTT, E.C; DASHER , R. B. *Regularity in semantic change*. Cambridge University Press, 2002.

VOTRE, S.J. *Cognitive verbs in Portuguese and latin*. Unidirectionality Revisited. Santa Barbara:Universidade da Califórnia, 1999.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. Empirical foundations for a theory of language change. In:_____ LEHMANN, W. P.; MALKIEL, Y. eds., *Directions for Historical Linguistics*. Austin: University of Texas Press, 1968, p. 95–189.

ZIMMER, M. C.; ALVES, U.K. O impacto do bi/multilinguismo sobre o potencial criativo em sala de aula – uma abordagem via teoria dos sistemas dinâmicos. *Revista da FAEEDBA – Educação e Contemporaneidade*. Salvador, v. 23, n. 41, p. 77-89, jan./jun. 2014.